

CONFISSÕES DE UM ESPELHO

cruzeiro seixas



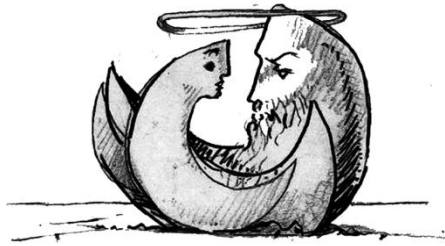
CONFISSÕES DE UM ESPELHO

Colección Libros Imposibles

CONFISSÕES DE UM ESPELHO

Cruzeiro Seixas

(edição a cargo de Floriano Martins e Leontino Filho)



Confissões de um espelho © 2ª edição ampliada, 2026

Colección Libros Imposibles # 70

1ª edição: ARC Edições, 2016

Capa e revisão geral: Floriano Martins

Coordinación editorial: Juana M. Ramos

Agradecimentos a Cidália Fernandes, Antonio Cândido Franco e
Cruzeiro Seixas





O Surrealismo continua a ser, para mim, a mais segura prova de que as mãos do homem o podem manter, suspenso, sobre o precipício. As mãos, digo eu. Evidentemente suspenso! Devo, no entanto, tentar esclarecer que acredito que existam outras possibilidades e não vindas mais do futuro do que do passado. Tombar no precipício é evidentemente uma dessas possibilidades e não das menos aliciantes, parece-me.

Ouçó, monótono, o ruído do mar no convés da cidade. Vejo os livros, como ilhas. E o mar, devolvendo os naufragos.

CS, 1975.

A verdade é que o Surrealismo é ignorado, adiado e odiado, mal digerido, sufocado, camuflado. Para mim têm a ver com Alquimia por exemplo obras como as de uma Facteur Cheval, de um Gustave Moreau ou de um Boecklin. São alquímicas paisagens que recordo da Índia e de África, onde foi enorme a minha perturbação. Será algo isto de desenhar e pintar aquilo que não sei? E qual o sentir dos passos e gestos de todos os dias? A Alquimia das palavras é das que mais me obsidia, e julgo que por isso leio e releio poesia. Será Alquimia a necessária transformação do veneno do dia a dia no ouro possível? Secreta é a vida de quem vive numa sociedade em que não é possível A VIDA. Assim toda a minha vida tem sido o mais secreta. Sei que sou uma figura que fica no limiar das coisas. Para lhes não quebrar o encanto! Conheço os meus limites; este limiar é a minha mais longa viagem. E pergunto: haverá algo para além do limiar das coisas?

CS, 1986.

I.

Uma manhã na autoestrada Porto-Faro, a caminho de Tavira, a ilha maravilhosa, sou surpreendido no carro com uma chamada ao celular de Cruzeiro Seixas. Era final de 2003 e havíamos iniciado uma correspondência há poucos meses, em parte graças à possibilidade de se editar no Brasil, pela primeira vez, uma mostra de sua poesia e de seu desenho. O livro sairia em 2005, pela coleção “Ponte Velha”, da Escrituras Editora, que eu começava a coordenar, e onde foi possível publicar, ao longo de 5 anos, quase 30 autores portugueses. Já não recordo em que circunstância propus a Cruzeiro Seixas o título *Homenagem à realidade*, mas foi imediata a sua concordância. Lembro de ler à solta ali em Portugal seus poemas, celebrando imagens ao acaso, a voracidade do instante como marca essencial daquela poesia, eu simplesmente sorteava páginas do primeiro volume de sua *Obra Poética*, que eu havia comprado em alguma livraria no Porto. Era a minha primeira leitura do poeta que eu antes conhecia apenas pela obra plástica. Não havia senão fascinação ao folhear as asas daquele livro repleto de metamorfoses. Aos poucos fui recordando seus desenhos e concluindo que Cruzeiro Seixas desenhava poemas com a mesma intensidade com que escrevia desenhos. Ambos eram frutos de uma mesma convulsão de beleza e conhecimento. Houve certo torvelinho que por vezes embaça a memória, mas o fato é que o segundo volume daquela poesia eu já o tenho autografado pelo próprio poeta. Sem que o imaginássemos havia se instalado uma ponte mágica entre nós, intermediados pela generosidade e a curiosidade.

A ideia de *mais realidade* tão defendida pelo Surrealismo, creio que ninguém a encarnou tão bem em Portugal quanto Antonio Maria Lisboa e Cruzeiro Seixas. O primeiro foi o mais alto crítico das falhas relações existentes entre poetas e artistas portugueses e o Surrealismo. Em uma de suas cartas a Cesariny, destaca o

quanto gostaria de ver a meu lado tu e todos os outros – desta vez não com a sombra de um Breton – com os nossos próprios corpos! na conquista de mais um impossível, de mais um mundo que está perdido – a elaborar a imaginação do Mundo!

Esta simples referência à sombra de Breton podemos conectar a uma passagem de minha correspondência com Cruzeiro Seixas em que ele lastima certos ocasionais abismos entre Cesariny e o Surrealismo: *Eu podia e devia ter estado próximo dele, para dar a ajuda possível em tantos momentos onde ele e o surrealismo pareciam desencontrados.*

De minha parte, ainda na autoestrada Porto-Faro, naquela manhã ensolarada, intuí que algo me chamava a atenção para uma curiosa perspectiva, que se concretizaria não apenas na edição de um livro de Cruzeiro Seixas, mas sim na apresentação ao leitor brasileiro interessado de uma boa soma de autores portugueses vinculados ao Surrealismo. Outro dia me procurou um estudante indagando sobre surrealismo em Portugal e sua relação com o Brasil. Não existe relação alguma, e dói afirmá-lo. E há aqui pelo menos duas razões. A primeira delas é que houve no Brasil uma fascinação pelo estardalhaço futurista, que não implicava em uma adesão existencial, ou seja, poderíamos aqui ser modernos sem que isto mudasse em nada a nossa vidinha corriqueira. Sob este aspecto, em geral apreendemos das vanguardas apenas a maquinaria e um pouco de seu tumulto formalista. A outra razão é de uma curiosa ordem cronológica. Apesar da proximidade entre Portugal e França, o Surrealismo só começou a despertar alguma atenção portuguesa nos anos 1950. Digo que se trata de uma ordem curiosa pelo simples fato de que nosso conhecimento imediato do Surrealismo mais gerou cuidados e repúdios do que propiciou afinidades e adesões.

De qualquer modo, não estamos aqui para falar de Surrealismo propriamente e sim de uma vez mais criar um palco possível para a mais plena expressão criativa de Cruzeiro Seixas, cuja perfeita harmonia convulsiva entre vida e obra bem o torna signatário da tempestuosa frase de Salvador Dalí – frase que bem deveria ter sido originalmente proferida por André Breton: *O surrealismo sou eu.*

II.¹

FM | Por onde começa: pelo verso ou pela plástica?

CS | Pelo verso, pois não sei outro caminho.

FM | Escreveu Fernando Matos Oliveira: *Em Breton, como em Cesariny, o Surrealismo é uma ética. Ao passar à escrita, esta traduz-se historicamente numa estética e num estilo.* Seria possível dizer o mesmo em relação ao Cruzeiro Seixas?

CS | Mesmo que o desejasse dificilmente a minha obra teria a ver com uma estética, sendo como sou muito pouco dotado de habilidade manual, de memória visual e de técnica, e sendo ainda completamente desorganizado, muito raramente há a submissão a um projeto. A folha de papel ou a tela foram para mim sempre um fato inesperado.

FM | Tua obra plástica não se baseia em uma dissolução de formas, mas antes em uma instauração de novas formas. Está correto o Rui-Mário Gonçalves quando diz que não vê nela a presença de *corpos desfeitos, mas refeitos*. Para refazê-los, no entanto, como tu convives com os corpos existentes, as formas canônicas?

CS | Estou muito longe da genialidade, e assim parece-me excessivo ver no que faço *novas formas*. A minha obra é apenas um testemunho ou um depoimento, que só por ínvios caminhos terá a ver com a obra de arte. A minha convivência com os corpos foi feita intensamente no amor, mas um corpo para mim nunca foi somente um corpo, mas um lugar de junção de todos os infinitos.

FM | Tendo em conta um erotismo muito presente em tua obra (impressiona-me uma tela como “Estudo de uma palavra”), é quando menos curioso observar que o grupo em torno de Breton

¹ Entrevista realizada em outubro de 2003.

era muito ingênuo em relação ao tema. Mas não o era Artaud, banido do grupo. Pensando justamente em Artaud, de que maneira em Cruzeiro Seixas *o sonho devora o sonho* (Artaud)?

CS | O sonho só existe para ser devorado, ou intensamente possuído.

FM | Há uma imagem em um poema teu que me é muito fascinante: *palavras roídas de ferrugem*. De que maneira a poesia deixou-se oxidar pelo tempo?

CS | Não há nada que o tempo não oxide e enferruje. Contra isso cabe-nos lutar amando loucamente, libertando as palavras da sua escravatura.

FM | Risques Pereira chegou ao grupo de vocês indicado pelo António Maria Lisboa, mas antes havia estado ao lado de António Pedro em outro grupo. Risques declarou certa vez que as dissidências entre os dois grupos eram meramente de ordem pessoal. Contudo, se lemos as cartas de António Maria Lisboa, percebemos o quanto lhe preocupava questões tanto éticas como estéticas. E dava um acento especial aos riscos da ortodoxia. Como avaliar esta situação hoje? E até que ponto o Surrealismo em Portugal teria sucumbido à ortodoxia?

CS | O Risques Pereira pertenceu desde *sempre* a “Os Surrealistas”. Julgo que de entre nós o único que passou pelo grupo por demais acadêmico do António Pedro foi o Cesariny, até constatar que o Surrealismo ali era principalmente uma estética. Não me vejo a fazer a história do Surrealismo em português, mas julgo que não *sucumbo à ortodoxia*, mas se de alguma forma sucumbo isso se deu por não ter o Cesariny querido, podido ou sabido prolongar o espírito da exposição de 1949. verdade que, quando se começaram a pressentir certos desencontros eu me retirei para África, onde permaneci numa outra aventura, apaixonante, cerca de 14 anos; e o Mário Henrique Leiria percorreu o mundo, regressando apenas em 1980 para morrer; e ainda pior, faleceu o António Maria Lisboa em 1953, apenas com 25 anos. Na fotografia *oficial* que circula estamos presentes 8; pois hoje, estranhamente,

só restamos o Cesariny e eu!! Parece haver quem agora prefira por a hipótese de que o Surrealismo em português se tornou *individual*, mas isto não é inteiramente verdade; um certo apagamento, uma certa hesitação, um certo mal-estar aconteceram, e por certo advieram da ausência de uma figura de proa que unisse, e não dispersasse.

FM | Um outro aspecto a ser considerado, tomando por base uma observação do brasileiro Carlos Felipe Moisés, é que o *Surrealismo em Portugal, desde o início, se vê isolado e marginalizado, acuado pela esquerda e pela direita, condenado a ser movimento de resistência em duas frentes simultâneas*. Antes de ser *condenação*, esta era uma condição do Surrealismo, uma de suas mais consistentes afirmações, malgrado a adesão do grupo francês ao Partido Comunista. De que maneira as ideologias eram tratadas então?

CS | Julgo que essa luta seria o que de mais estimulante nos poderia ser ofertado aqui, pois nunca acreditei em *vitórias indiscutíveis*. As vitórias são um fim, e o que sempre me apaixonou foi o ato de caminhar. Baseado na experiência do Grupo de Breton afastei-me tanto quanto possível dos políticos, acreditando que antes de construir a sociedade é necessário construir o homem. Será pela didática que isso poderá acontecer. Assim julgo que, ao fazer um quadro ou um poema, é didática que se está a fazer. Nesse sentido sonho ainda com diversas exposições (sejam elas surrealistas ou apenas do Surrealismo), percorrendo o mundo, mas estou por demais só, e já não sinto as necessárias forças para essa enormíssima luta. Por exemplo, há muito alimento o sonho de uma exposição do Surrealismo brasileiro que nos visitasse, enquanto uma outra do Surrealismo daqui se deslocaria ao Brasil...

FM | Disse o mexicano Octavio Paz que o século XX seria lembrado muito mais como o século do Surrealismo do que do Marxismo. Até que ponto estaria correto em tal afirmação?

CS | Todas as idéias são necessárias ao homem; o Marxismo e o Comunismo são hoje por certo injustamente confundidos com o stalinismo. O Surrealismo é evidentemente uma minoria, mas que parece neste momento bem viva, em todos os recantos do mundo.

FM | Graças ao espanhol Perfecto Cuadrado e ao inglês C. B. Morris há uma certa recuperação, ao menos em plano histórico, das atividades surrealistas em Portugal e na Espanha. Nos dois casos, o assunto tem sido tratado por estrangeiros, o que remete a uma curiosidade: de que maneira o surrealismo é visto pela crítica em cada país de atuação. No caso português, como reage ainda hoje a crítica ao assunto?

CS | Depois do 25 de abril quase se extinguiu a crítica em Portugal; e além disso toda uma geração tomou como seu princípio que o mundo teria começado nos anos 60! E ainda além disso deu-se uma surpreendente supremacia do dinheiro, em personagens os mais inesperados; nessa obstinação alguns se perdem. E há a circunstância de se tratar de um pequeno país, com uma difícil posição geográfica. E a tudo isto há que acrescentar uma certa maneira de ser dos portugueses, que desde sempre preferiram sonhar a realizar. As dificuldades têm-se avolumado, chegando-se por vezes a um difícil entendimento de português para português. Tenho 83 anos, mas cada vez o mistério me parece mais denso. Sei que já não vou ver como vai ser possível sair deste beco, mas lembro-me de ter escrito algures que, *no último momento por certo se vão lembrar do Surrealismo*. Não aspiro à presciência, mas sim à sensibilidade, e àquilo que tem sido uma muito dura experiência da vida. Sei que no homem mais desesperado uma centelha de esperança sempre persiste.

FM | De que maneira poetas e artistas como Luís Miguel Nava e Mário Botas significam um desdobramento do Surrealismo em Portugal? Quais outros nomes poderiam aqui ser lembrado?

CS | Tanto com o Mário Botas como com o Luís Miguel Nava se estabeleceu comigo uma certa proximidade. Alguns trabalhos em comum (*cadavres-exquis* e pinturas coletivas) o atestam no caso do Mário Botas. E de uma longa carta do Luís Miguel Nava transcrevo: *as suas palavras parecem tocar o essencial não lhe sei dizer de quê, mas o essencial tout court, (...) creio que na linha do que o Artur refere quando diz que ao verbo 'evoluir' sempre contrapõe 'aprofundar', sendo assim remetidos para um outro grau de realidade, um outro estado, onde a*

verticalidade da consciência se sobrepõe à horizontalidade dos percursos. Creio que tanto um como o outro não tiveram relacionamento aprofundado com o Cesariny. O Mário Botas acabou escrevendo referências destruidoras do Surrealismo daqui, por certo perturbado pela tragédia da sua doença e da sua morte prematura, que inflectiram o seu caminho. Não referes o Raúl Perez, que me parece ser, como pintor, autor de uma muito notável obra, que seria merecedora de reconhecimento para além desta tão apertada fronteira. Também me parecem dignos de uma palavra, mesmo que por demais apressada, os talvez não mais de 10 desenhos de Júlio dos Reis Pereira (1902-1983), que mereceriam reconhecimento universal. Quem pára é porque já morreu. Tentemos nós morrer em pleno voo.

III.

Aos 95 anos de idade Cruzeiro Seixas ainda nos surpreende pela perene juventude de seu espírito. O Palácio da Cidadela de Cascais, de dezembro de 2015 a abril de 2016 abre a público relevante mostra de sua obra plástica que se intitula: *Sou um tipo que faz coisas*, afirmação que tão bem se integra ao fascinante painel que vem tecendo com seus *desaforismos*, sorte de máximas que atuam como verdadeiro manifesto de uma poética. Duas das publicações máximas de Cruzeiro Seixas – *Local onde o mar naufragou* (2000) e *Proseguimos, cegos pela intensidade da luz* (2009) – são justamente obras artesanais, onde este *fazer coisas* opera com maestria e paixão. Ambos são frutos de um processo serigráfico artesanal, o primeiro deles executado por Rui Alves, o segundo por António Moreira, com tiragens respectivas de 400 e 450 exemplares. Nos dois volumes uma mescla que tanto singulariza sua criação: pinturas sobre papel, desenhos, anotações, *desaforismos*, citações, constituindo um todo com acentuada voltagem poética.

Disse certa vez Cruzeiro Seixas: *A dúvida é a minha paixão, a razão da minha vida*, aspecto marcante que tão bem definiu tudo o que fez e sobretudo fez com que não visse distinção alguma entre escrita e pintura, pois bem a exemplo de outros grandes nomes da arte contemporânea, como Hans Arp, Henri Michaux e Ludwig Zeller, também não se sabe em Cruzeiro Seixas onde termina o poema, onde começa o desenho, em qualquer ordem que se observe. E foi justamente de um destes nomes referidos, o belga Michaux, que Seixas cuidou pessoalmente de produzir mostra em Portugal, a única do artista até hoje, em 1972, na Galeria S. Mamede, uma entre tantas exposições ali curadas por ele. A exigência criativa deles todos sagra a dúvida e desconfia com todo corpo e alma daquela fatia existencial que se expõe isoladamente. Não à toa os quatro se irmanam à luz do Surrealismo, sob o imperativo anímico dos vasos comunicantes.

No documentário *O vício da liberdade* (2009), Cruzeiro Seixas recorda o quanto lhe causou feliz surpresa a descoberta de Hieronymus Bosch, cuja obra *A tentação de Santo Antonio* se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga. Jovem ainda, entregou-se ao espanto de ver como se encontrava naquela tela uma infinidade de

detalhes que, juntos, compunham o retrato imenso de uma visão de mundo. Talvez aí se encontre a revelação de uma poética também ela evidenciada pela soma comunicante de pormenores. Têmperas e desenhos inúmeros, de que são respectivos exemplos *Da realidade das coisas* (1981) e *Sete histórias inconfessáveis* (1980), revelam um criador inspirado pela descoberta de um mundo através de suas minúcias. Não é outro o âmago da eternidade senão o instante. Não se alcança a permanência se não for pela porta do efêmero.

Fiz referência a duas obras específicas, mas poderia rapidamente evocar outras, inclusive alternando gêneros, citando poemas e objetos, aquarelas e colagens. Esta aventura de plasmar novos significados a partir do encontro inusitado entre fatos diversos, tão cara, em essência ao Surrealismo, sempre foi determinante na criação de Cruzeiro Seixas. Um de seus truques entranháveis é justamente o deslocamento de expectativas, o modo nele já natural com que nos descortina a paisagem repleta de elementos inesperados. Não à toa dá a umas notas autobiográficas o título: *Uma ferida que dança*, por mais certo que acabemos admitindo que viver será sempre uma composição arbitrária de perdas e ganhos. A todo instante nos lembra que a vida, como a própria criação artística, está determinada pela surpresa, pelo inesperado, pelo desconhecido.

No poema não é distinto, e seu espelho não revela senão aquele ponto íntimo em que se irmanam autor e leitor, quando ambos se sentam e se deliciam com os imperativos mágicos da entrega, desse território da descoberta comum e inesperada. Lemos ali que *a luz escrevia na trama das fibras / um pássaro realmente real*, ou então que *árvores desfilam em chamas / vindas de muito longe / sustentando cidades nos ramos*. O mundo não para de surpreender e surpreender-se na criação de Cruzeiro Seixas. E esta mútua ação é que o situa como um dos nomes mais expressivos em nosso tempo.

Seu invejável apreço pela provocação o levou a anotar, em um de seus livros, frase de Natália Correia que diz: *Os amantes infelizes que se amam demais para se entenderem*. Este talvez seja o dilema maior na relação entre Cruzeiro Seixas e a realidade. Sua própria longevidade pode aí identificar certo mecanismo perverso. Viajante em vários parágrafos de sua biografia, nem mesmo preso ao cais este português se considera. Sempre foi alguém que soube

muito bem ir e ficar. Um de seus *desaforismos* que mais me cativam revela: *por vezes procuro imitar-me*. Seu profundo senso de humor não tem nada de irresponsável ou levemente arbitrário. Quando se produziu o catálogo *O surrealismo abrangente*, exposição de sua coleção particular doada à Fundação Cupertino de Miranda, em 2004, no exemplar que me enviou escreveu: *Aqui tens, prezado Floriano Martins, um mundo de relacionamentos, que para mim representa um oceano, em que me tenho batido com a minha ideia de realidade*. O acervo – em 2005 tive a oportunidade de visitá-lo –, que a referida fundação deveria entender como um presente dos deuses, constitui uma das máximas galerias do Surrealismo de que se pode orgulhar o mundo.

Quando um poeta balbucia suas primeiras palavras é quando percebe uma distinção entre o mundo que habita e aquele que traz dentro de si. Não há remédio para essa disjunção, porém a criação artística ajuda a compreender suas dores e dolos. Em um de seus manuscritos lemos a inquietude: *Quantas vezes a tragédia interior é exterior e quantas vezes a tragédia exterior é interior?* Talvez haja casos em que a compreensão não seja suficiente para corrigir um erro, porém não há razão superior à descoberta. O homem quase sempre é aquilo que desconfia de si. Cruzeiro Seixas, ao falar, por exemplo, dá a seu corpo um protagonismo excelente, o gesto nele está em permanente elucidação de sua inquietude. Somente aí podemos entender a maravilha dessa frase: *As minhas mãos é que pensam, não eu*.

O Surrealismo em Cruzeiro Seixas de algum modo transcende os limites do Surrealismo em Portugal, pela simples razão de que tanto ele quanto António Maria Lisboa compreenderam que era preciso expurgar a barreira dos nacionalismos. Talvez a minha única discordância com Seixas seja a de sua proclamação irredutível de uma genialidade de Mário Cesariny de Vasconcelos. Não pelo atributo honorífico, mas pela compreensão que tenho, naturalmente como fato irreversível, de que a morte prematura de Maria Lisboa, a longevidade de Cesariny de Vasconcelos e o período ausente de Cruzeiro Seixas (vivendo em Angola), deram as cartas definitivas do Surrealismo que se fez em Portugal. Não o questiono aqui, apenas observo suas coordenadas. O que trato de evitar é uma leitura parcial, por mais que a realidade seja bem seca no resumo de suas preferências.

Disse certa vez o poeta: *O Surrealismo continua a ser, para mim, a mais segura prova de que as mãos do homem o podem manter, suspenso, sobre o precipício.* Tudo o que o homem cria está ali, no centro nervoso de sua mão, na magia mecânica de quem consegue imprimir movimento à matéria bruta. É isto o que sempre fizeram os artistas: graças a eles os corpos se movem. Dão dinâmica à vida. Uma animação que se distingue pelo fato de que traz consigo a alma da criação. Uma identidade buscada na diferença e não em um selo fabril. A arte não mora perto ou longe do homem. A arte é o próprio homem. E o homem que se chama Cruzeiro Seixas, afeito à dúvida como uma razão de ser, indaga por que tantas razões explicam o homem e nenhuma resolve seus males.

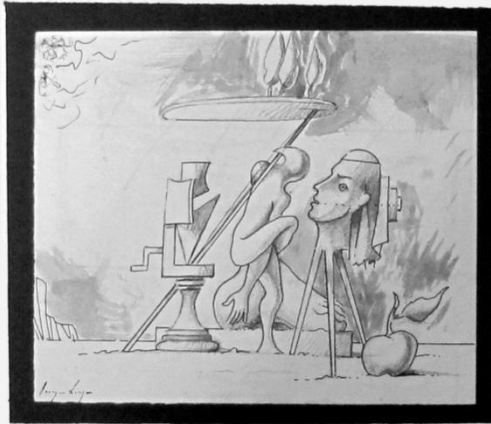
A arte é este bordão incansável, uma teimosia perene, não de defesa ou correção, não de lamúria ou diletantismo, mas de anotação de que estamos com os sentidos recheados de soluções momentâneas e descartáveis, que a todo momento nos dispersamos e perdemos contato com o que somos, e não nos procuramos para mais nada. A longevidade de Cruzeiro Seixas é uma grande lição para todos nós. Não há outro modo de atuar senão a convicção incansável. E que transcenda a própria vida. Cruzeiro Seixas sempre foi admiravelmente natural em sua vida. Jamais necessitou de uma carta de apresentação da morte. Ainda hoje está aqui entre nós, como sempre estará.

IV.

Sempre me indaguei sobre a minha relação com a obra de outros artistas. Tenho certa relutância no que diz respeito ao ambiente aceito das influências. Creio que há formas de diálogos que vão privando de nossa intimidade que são mais determinantes da criação. Posso ler toda a obra de um determinado escritor e ela não influir em nada em minha escrita, ao passo que posso pura e simplesmente ser despertado por uma frase melódica ou um gesto corporal em um balé que me animem a ver o mundo por um lampejo que ajuda a definir uma poética.

V.

O fim não é difícil de imaginar. A finalidade essencial de toda uma vida dedicada à criação. É isto o que faz com que a obra de Cruzeiro Seixas seja o retrato fiel de sua própria vida. É uma grande honra para mim privar da amizade deste tipo que faz coisas. Seguramente, por mais que rejeite o termo, ou certamente também por isto, eis aqui um dos mais relevantes artistas de nosso tempo.



www

AS MINHAS MÃOS É QUE PENSAM, NÃO EU

Cartas 2003-2015



PARTE 1 | *Cruzeiro para Floriano*

Caro poeta Floriano Martins

A comunicação com o Surrealismo do Brasil infelizmente só me foi possível quando, em 1967, Sérgio Lima organizou a exposição “A Phala”. Mais tarde visitou-me Sara Ávila. Há muitos anos dirigia eu a Galeria S. Mamede e dirigi-me à Embaixada do Brasil no intuito de conseguir uma exposição de Maria Martins, a quem tão calorosamente se referiu Breton. Recebi duas cartas entusiastas da Senhora Embaixatriz, a que se seguiu o mais absoluto silêncio. Para além destes contatos apenas posso referir a minha costela brasileira, pois minha avó materna era natural do Pará. Assim agradeço o teu contato, e a citação de minha autoria no pórtico do teu livro. Tudo muito tocante, como é de esperar de coisas que têm como raiz profunda a Poesia. Junto te envio o segundo volume da minha poesia que acaba de sair. Para meu espanto, dizem-me a Isabel Meyrelles e o editor que ainda há material para mais três volumes!

Quanto ao questionário, respondo por certo de forma excessiva, mas não sei fazer de outra forma, e não é agora com a D. Morte sentada à minha porta que me vou modificar.

Dizem-me que há *gente nova* muito interessada no Surrealismo. Não podia deixar de ser, mas se não me procuram eu também não posso fazer mais do que os pressentir apaixonadamente. Nunca fui muito convivente, e nunca me sobejou TEMPO para o convívio de cafés, bares etc. etc. Tenho a certeza de que haverá surrealismo amanhã. Relato-te uma espécie de anedota acontecida há algumas semanas numa das livrarias de Lisboa. O proprietário informava-me de que há muita *gente nova* procurando livros sobre o Surrealismo. Respondo-lhe que a mim raramente me procuram, e ele contrapõe que, na verdade, não procuram referências ao Cesariny ou a mim, mas sim ao Surrealismo..

Os melhores votos e o abraço surrealista do

Antm

[25 de outubro, 2003]

Caro Floriano

Respondo tão rapidamente quanto possível à tua carta, pois na minha idade já nada deve ser adiado.

Agradeço que tenhas reduzido as tuas propostas a uma antologia da minha poesia com o prefácio de tua autoria. Sobre a minha poesia é pouco ou é quase nada o que se tem escrito. Há por exemplo referências em cartas do Herberto Helder, mas ainda nenhum escritor ou ensaísta referiu os dois volumes já editados pelo Valter Hugo Mãe. Parece que para que nos refiram aqui e agora é necessário entrar em circuitos de elogio mútuo, para o que não me sinto vocacionado. E além disto há os disparates sem pés nem cabeça, como a estranha colagem do Rui Mário Gonçalves ao Fernando Azevedo ao José-Augusto França ao António Pedro. Que falta faz um Almada Negreiros, que diga que esses são os Dantas de Hoje! Pode-se classificar como ortodoxia o que se passa com o Cesariny que sem critério aparente aparece e desaparece à boca de cena? Sobre mim escreveu ele em 1963: *Pede-me Cruzeiro Seixas um texto que circule na exposição, a terceira que vai fazer em África. Que dizer-lhe ou dizer se não que ele é o Poeta, aquele que entre nós, melhor do que nós, se conduziu ao combate, ao único combate verdadeiro, o que luta sem fim pela inteligência do homem; e de todos nós ele é quem mais encontrou o segredo de partir sempre, arriscar tudo sempre, exigir sempre a forma mais pura, a libertação mais dura da própria imaginação.* Ortodoxo não sou eu ou não o quereria ser, mas muito me assusta que se volte ao surrealismo como se fosse coisa morta, ou apenas coisa histórica. E mais ainda assustador, se possível, que nele se procurem chorudos lucros financeiros! Disso sempre fugi com a minha pintura. Fiquei fixado num tempo em que tudo era diferente. Mas o Brasil é uma grande tentação, e a ela confessadamente me entrego.

Lembro a existência de um Di Cavalcanti na expo de Famalicão; foi-me dado pela Sara Afonso, que foi mulher do Almada. O desenho tinha-lhe sido oferecido pelo próprio Di Cavalcanti. Infelizmente é a única representação do Brasil; ninguém me sabe dar notícia da Maria Martins, a quem Breton se refere calorosamente.

Quanto a esta minha coleção (ex-coleção), ela será dificilmente compreendida para além desta sufocante fronteira, mas a verdade é que aqui é ÚNICA, tendo sido feita por paixão, não por dinheiro, que foi coisa que nunca tive. Em Portugal muito raramente fazem

coleções, e quando isso acontece, quando do falecimento do colecionador a família apressa-se a dispersar tudo. Desde há alguns anos as pessoas chamam coleção a 20 ou 50 obras que decoram as suas casas, e de que esperam um feliz empate de capital...

Sugeri à Fundação de Famalicão que a expo seja tornada itinerante, pois não me parece suficiente um ou dois visitantes por dia; dizem-me que sim, mas só acreditarei quando, segundo prometem, a expo aparecer aqui em janeiro, na Sociedade Nacional de Belas Artes.

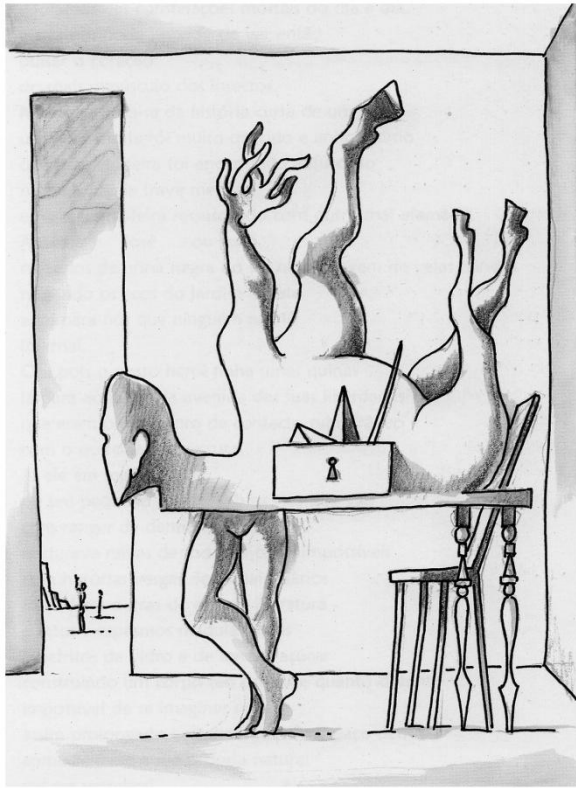
Aqui tens mais uma carta, certamente excessiva.

Os melhores votos e o abraço do

P.S.: Muito agradeço o *Rascunho*, que parece respirar satisfatoriamente.

António

[Dezembro, 2003]



Caro Floriano

Junto o catálogo da exposição da minha coleção, que te dará uma ideia do trabalho que representou a seleção das obras, e tudo o mais necessário a esta realização. Por isto só hoje responde a tua carta de 17 de março, do que me desculpo. Além de tudo o mais não é fácil estar a viver agora numa casa com as paredes nuas. Mas esta exposição tinha que se fazer, pelo menos para provar que não é necessário ser milionário para fazer uma coleção. Foi apenas por paixão que fiz tudo o que fiz, tudo o que fiz na vida – em paixão fui de fato milionário!

Creio que a Rosa Alice Branco fez o favor de estar presente nesta exposição, mas no meio de tanta gente e de uma certa desorganização portuguesa era muito grande o meu cansaço e confusão.

Desculpa-me se o teu excesso de projetos me assusta. Sempre preferi *engatar* a ser *engatado*. E julgo que devo o nome que tenho principalmente à minha solidão; nunca fiz parte de tertúlias, a não ser na ingenuidade dos vinte anos. Aprendi muito – aprendi o que não queria aprender, e já não há nada a fazer deste frágil bloco de cimento armado que sou. Contra mim mesmo, a minha denúncia e protesto.

Daqui a alguns meses, ou daqui a um ano ou dois (na pior das hipóteses) já cá não estarei, e então TUDO será possível. Desculpa-me se te peço para reduzir para metade a tua generosa oferta. Creio que no meu caso já está suficientemente provado que não se trata de ortodoxia. A palavra que me corresponde possivelmente não está no dicionário; desenhei e pintei e escrevi, *sem me considerar pintor ou escritor*. Principalmente se trata de algo como uma necessidade fisiológica, à falta de algo mais expressivo contra o dia a dia que temos, e refiro-me a coisas velhas como a guerra da Etiópia, a guerra da Espanha, a esperança na derrota do nazismo/fascismo, a permanente crise, sempre com milhões de vítimas... Vivo mergulhado no absurdo, e parece-me agora tão absurda a atenção que me dão, como a que não me dão.

Será isto uma carta? As minhas desculpas e o forte abraço do

António

[18 de maio, 2004]

Caro Floriano

Festejo a tua atividade e paixão pois muito me choca o desapaixamento cada vez mais e mais acentuado dos portugueses. *Aterrorizado e tremente*, como dizia William Blake, dou todo o meu acordo à tua imaginação. Tal projeto, há um ano me pareceria completamente impossível. Ou será que coisas destas acontecem quando se está já à beira da cova funda?

Há mil títulos possíveis e esse de *Homenagem à Realidade* tem o meu acordo. *Uma ferida que dança* é um texto de Édouard Jaguer que é um velho amigo e figura história entre os surrealistas como entre os *Cobra*. Nos meus papeis reina o mais ativo dos furacões e por isso nada foi fácil. A cronologia atualizada por certo é excessiva; reduzi tanto quanto posso e sei, mas evidentemente que tens toda a liberdade de reduzir ainda mais. Também para qualquer outro seria relativamente fácil tudo isto, mas para mim nada é fácil. Junto o 1º volume da *Poesia* e aproveito para telefonar ao Hugo Mãe a reclamar a saída do 3º volume. Também junto diversas fotografias. Ofereço-te estes livros e catálogos, e se não envio mais é porque estão esgotados ou a caminho disso. Isto que me propões parece mais um álbum do que um simples livro! A tiragem é que parece pequena para um país tão grande. Também envio o catálogo de uma exposição em que, além do belo texto do Ernesto Sampaio, encontrarás alguns dos meus *Desaforismos* – e muitos outros existem à espera de sair da incômoda gaveta onde amarelecem.

Quanto à parte burocrática isso é chinês para mim, mas toda a documentação que me foi enviada foi reenviada devidamente assinada.

Na verdade, saí-me bem dos livros já publicados pela Soctip em 1989, pela Fundação de Famalicão em 2000, e *Viagem sem regresso*, edição *Tiragem Limitada*, e *Local onde o mar naufragou*, editado pela Galeria S. Bento em 2001.

Esta questão de Artur do Cruzeiro Seixas ou somente Cruzeiro Seixas é-me quase indiferente; foi a Isabel Meyrelles e o editor que resolveram como entenderam. Para as exposições é desde sempre usado o Cruzeiro Seixas, mas diz-me tu como te parece mais acessível ao público brasileiro que desconheço.

A minha escrita é datada de *Áfricas* (a África continente negro e o continente negro que sou), em sentida homenagem aos anos que

ali vivi. Mas as datas que figuram não correspondem nunca a qualquer exatidão, tendo a intenção de confundir biógrafos e exegetas, e aos seus processos acadêmicos.

É quanto à pintura, nunca tive método. Quando começo a desenhar ou a pintar muito raramente tenho uma ideia nítida. Esqueço ensinamentos e teorias, não penso em coisas como desenho ou pintura, mas sim no amor, na morte, nas pessoas que conheço e principalmente nas que desconheço. O que desejaria presente era um reflexo do mundo através de mim, era dar uma ideia do homem e da sociedade que criou – e que o sufoca.

Tenho feito ausências de Lisboa levado por amigos ao norte para ser operado às cataratas; isso tem recomplicado a tão frágil organização dos meus dias. Até agora não sinto quaisquer melhoras, e é triste reconhecer que estou a perder a independência que tanto prezo.

Perturbador foi também um telefonema do Cesariny, a pretexto de me felicitar calorosamente pela poesia editada, isto depois de uns 30 anos de distanciamento quase total. Creio que a verdadeira razão deste telefonema é o peso dos 80 anos, que precisam ser compartilhados. Nunca será demais constatar que do surrealismo português a D. Morte se empenhou em arrebatá-lo vinte e tal, por certo alguns dos melhores, como o António Maria Lisboa, o Mario Henrique Leiria, o Júlio, o D'Assumpção, o Areal, o António Dacosta, o António Quadros, o João Rodrigues, o Mário Botas, o Jorge Vieira, o O'Neill etc. etc. etc.

Os melhores votos e o abraço grato do

Antm

[17 de outubro, 2004]

Floriano Martins

Envias-me um e-mail, mas será que *esta coisa* equivale a uma carta? Devo responder como? Levemente assustado respondo por carta, que é mais próxima da Mariana Alcanforado que amo mais do que o Chamilly...

“A chávena” não é uma *escultura*, mas sim um *Objeto surrealista*, de que poderás encontrar definição em dicionários como, por exemplo:

Le surrealisme – Dictionaire de poche, de José Pierre. Fernando Hazan Éditeur, pg. 125.

Les grandes figures du surrealisme, de Odete Vernaux. Edição Bordas, pg. 246.

Dictionaire Général du surrealisme et ses environs, de René Passeron. Edição Office du Livre, pg. 306.

Nesses dicionários encontrarás ainda referência que certamente interessam mais a esta edição da minha poesia do que as que te possa dar o Tito Iglesias.

Quanto ao Areal, ele apenas pintou o líquido, os personagens e a colher, isto em duas versões, que me enviou muito depois do cartão estar editado.

À chávena, “Objeto” datado de 1954, foi então dado por mim o título de “Objeto do cotidiano”. Trata-se de *objeto* de minha autoria. Nessa altura foi publicado um outro cartão, a branco e negro, e com a chávena noutra posição, sem a colaboração do Areal. Nada foi *discutido* com o Areal, mas pedi-lhe que assinasse essa espécie de colaboração.

O Areal, grande amigo, foi um dos mais significativos pintores do seu tempo, e sempre esteve no surrealismo ou muito próximo dele – tão próximo quanto era possível num tempo em que tão pouco do mundo chegava a Portugal. Em dada altura ele fez alguns desenhos à pena, admiráveis, a partir da *História trágico-marítima*. Há por exemplo um excelente catálogo editado pela Gulbenkian (CAM) em 1990, onde te poderás documentar.

Nomes que (sem oportunismos) algo têm a ver comigo, e que valerá a pena referir, são no Brasil o Sérgio Lima, que organizou uma grande exposição, *A Phala*, em São Paulo em 1967. E quanto a outros nomes refiro o António Maria Lisboa, o Cesariny e o

Herberto Helder, que entre outros me dedicaram belíssimos poemas. E o Mário Henrique Leiria, e o José Pierre, e o Eugenio Granell, e o Franklin Rosemont, e o Grupo Surrealista de Chicago, e o Mário Botas, e o António Quadros, e o D'Assumpção, e o Júlio (dos Reis Pereira), e o André Coyné, e o João Rodrigues, e o Eurico Gonçalves, e o António Dacosta, e o Carlos Calvet, e a Ana Hatherly, e o Rik Lina...

Também muito agradeceria (tenho-o tentado, nem sempre com sucesso) que seja evitada a designação de “artista”, pois tenho dito e repetido que *não sou nem um pintor nem intelectual*. Não sei qual a designação em que me enquadro, mas sei que não sou um *artista* nem um *intelectual*; nem um *profissional* de qualquer coisa.

Envio-te os meus melhores votos, em duas versões, com a asa por dentro e sem asa...

P.S.: Os nomes que acima refiro são os que figuram na volumosa documentação que te enviei, e que gostava de saber se recebeste. Também encontrarás toda esta gente na expo do que foi a minha coleção, que será mostrada em janeiro na SNBA, tendo sido legada à Fundação Cupertino de Miranda / Centro de Estudos do Surrealismo. Trata-se de trocas de companheiros que na sua maioria vem desde os anos ‘40/’50.

António

[Novembro, 2004]

Caro Floriano Martins

Tenho recebido as suas comunicações por intermédio de uma espécie de secretário que tenho. Creio que tem encontrado resposta a todas as suas perguntas. Quanto aos *Desaforismos*, eles estão de tal forma dispersos ao acaso dos meus passos, que não posso sequer tentar em tempo razoável uma seleção. Alguns figuram numa edição de 1989 que está esgotada, e outros num livro, *Local onde o mar naufragou*, que tenho muito prazer em lhe oferecer. Muitíssimos outros figuram nuns cadernos anárquicos que já são mais de 30, que mantenho há anos e onde figuram *recordações* de toda espécie.

Quanto a Sara Afonso, evidentemente que nada tem a ver com a Sara de Ávila, tendo uma delas nascido em 1899 e a outra creio que em 1932. Da Sara Ávila e de evidentemente outros surrealistas do Brasil, o poderá esclarecer o Sérgio Lima, de quem vejo em *A aventura surrealista*, tomo I, cooperação sua, reproduzindo uma colagem, *Cinzas nos ícones*, e referindo uma apresentação sua para *Aluvião Rei*, de 1992. Assim a cooperação do Sérgio Lima parece-me indispensável no que se refere à minha pessoa, mas também para prevenir erros ou omissões nesta edição. A Sara de Ávila (de Oliveira), há anos a caminho de Paris passou por minha casa, e nessa altura deixou-me a morada: Minas Gerais.

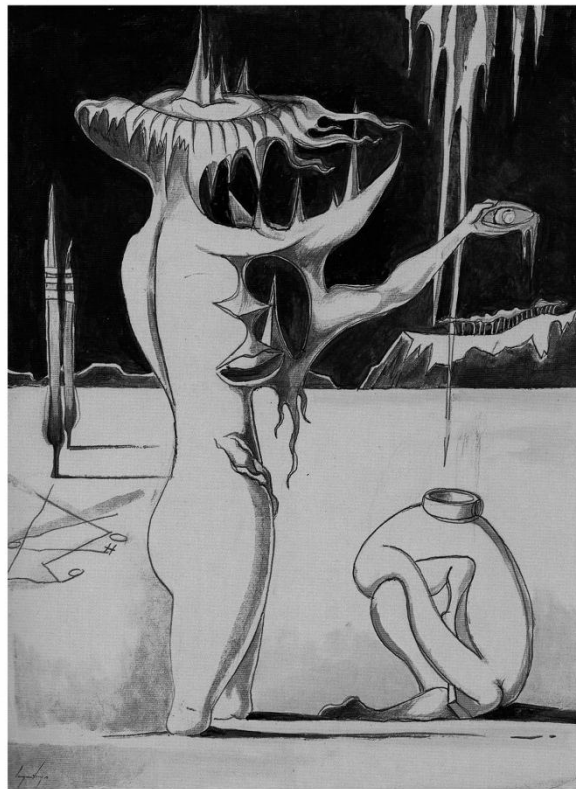
Como sabe este país é difícil, e difíceis são os meus 84 anos, mas à *falta de melhor*, parece que o público *começa* a interessar-se pelo surrealismo! A exposição da minha coleção no grande salão da Sociedade Nacional de Belas Artes foi um sucesso, e enviei-lhe algumas referências. Casualmente coincidiu com uma grande retrospectiva da obra do Cesariny, o que veio de certa forma a reafirmar o surrealismo. Também saiu o 3º volume da minha poesia; se por omissão não lhe enviei ainda me diga, por favor, pois lho enviarei, desculpando-me desde já da minha enormíssima desorganização. Espanto-me com a quantidade da poesia que produzi, pois a verdade é que não me lembro de estar sentado a uma mesa a escrever tudo isto...

Aproveito para vos agradecer o envio do *Rascunho*, que me ajuda a conhecer esse Brasil apaixonante.

O abraço e os melhores votos do

Artur

[Dezembro, 2004]



Caro Floriano Martins

Foi um prazer receber a *NOSSA Homenagem à Realidade*. Chegou há uns dias, mas eu andava pelas estradas das Beiras a rever amigos e outras ruínas. Ainda não tive tempo para ler todo o livro, mas olhei e retive aquilo que num primeiro relance muito me satisfiz. Tem a *estatura* de UM LIVRO, e a capa prende a atenção. Quem não quiser ler tem a preto e branco um certo número de países, onde se pode perder.

A poesia presta? Que sabemos nós, neste trágico momento de transição entre um mundo, e outro completamente diferente, se já hoje *os jovens* me olham como se olha um dinossauro? O Almada Negreiros dizia: *Está tudo dito, só falta fazê-lo*, e isso até há pouco tempo estava certo. Agora apercebo-me que o que *está dito* já pouco sentido fará amanhã. A experiência do passado é letra morta. Se eu vivesse mais uns 20 anos, ia por certo parar ao jardim zoológico...

Um muito velho e grato abraço do

P.S.: Por seu intermédio os meus agradecimentos ao *Rascunho*, que leio e tenho tentado divulgar.

António

[31 de julho, 2005]

Caro Floriano

Um *Abraxas* pela divulgação de *nosso* livro na TV. Evidentemente que neste triste dia a dia isso me deu alguma satisfação, visto que são os que desconheço os que mais amo, por exemplo esses 98 milhões de pessoas que refere. Um abraço também para o António Abujamra. O Brasil é o espaço de um dos sonhos mais persistentes, e que só uma grande editora poderia iniciar; refiro uma coleção de Livros/álbuns individuais, com ensaio e reproduções de Júlio, de D'Assumpção, de António Dacosta, de Mário Botas, de Raúl Perez, de Cesariny, e do Amadeu Souza

Cardoso (não sendo surrealista, muito interessaria divulgar), a quem corresponderia coleção idêntica dos vossos surrealistas ou de quem do surrealismo tivesse estado ou esteja próximo. Se isto se realizasse, grato ficaria de me ver incluído... Antevejo esta coleção quase como uma *Coleção de Algibeira*.

Parece que de certa forma o surrealismo quer renascer aqui na Europa. Amigos holandeses comunicam-me a reaparição de uma revista há anos em hibernação, a *Brumes Blondes*. Curiosamente apareceu numa revista que há muitos anos assino, *Pleine Marge*, longuíssimas referências a Cícero Dias, a Murilo Mendes etc. etc. e neste número 41 de junho deste ano larguíssima referência à Maria Martins que sempre escapava às minhas diligências.

Enfim, tudo isto para lhe expressar a minha simpatia, num momento difícil da minha vida, em que os 85 anos já não me permitem subir ao 3º andar onde vivo há uns 20 anos. Estou a procurar casa com elevador e a alijar a favor da Fundação de Famalicão livros, quadros, papéis, que vão infelizmente ficar fechados a sete chaves numa arrecadação. São inúmeras as arrecadações em Portugal...

O mais forte abraço do

Antm

[04 de outubro, 2005]

Muito caro Floriano Martins

Estou sempre em dívida para consigo e espero que acredite que isso acontece igualmente com outros Amigos distantes e próximos que muito prezo, mas infelizmente devo amizade, e mesmo dedicação. Geralmente é-me impossível explicar tal estado de coisas, mas desta vez, com as desculpas e o abraço devidos, a razão está nas dificuldades que sinto desde há um longo ano com a vista, com o ouvido, com a deslocação e com a ciência de coordenar o TEMPO. Aprendo a ser velho, mas, como sempre aconteceu, sou péssimo aluno. Acabei por ser obrigado a me mudar da Rua da Rosa, onde já me era muito difícil subir aquele 3º andar. Mudei de uma casa muito ampla para uma casa muito pequena. Abreviando lhe direi que foram umas 70 enormíssimas caixas com livros, quadros e suvenires de toda ordem para a Fundação de Famalicão. Nada foi fácil. Agora já estou instalado, mas como se não bastasse todo o trabalho da mudança sobreveio uma gripe que me deixou arrasado. Estou a atravessar uma enormíssima dificuldade de RECOMEÇAR. Por agora o único projeto que consigo manter é o de por a correspondência em dia, e depois tentar terminar os inúmeros desenhos que tenho apenas esboçados desde há anos.

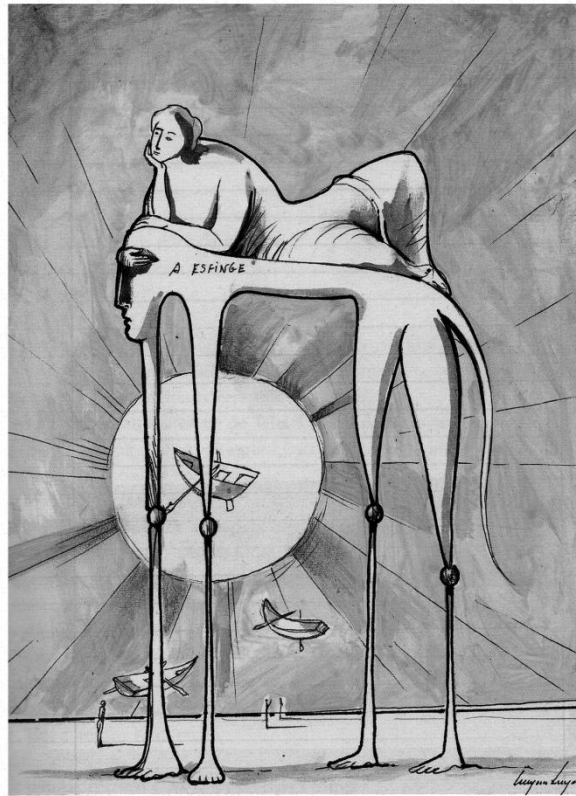
Reapareceu com um pequeno formato a *Brumes Blondes* dos meus velhos Amigos De Vries e Laurens Vancrevel, e outras pequenas revistas surrealistas me chegam, o que é animador. De Paris a *Pleine Marge* (nº 42) refere o surrealismo em português, e o Sarane Alexandrian escreveu o texto que junto lhe envio. Um livreiro/alfarrabista de Coimbra, por sugestão minha, vai tentar publicar revista ou folha volante. Infelizmente da Fundação de Famalicão é que não há muito a esperar.

Por certo não festejei como devia o envio da *Agulha* que faziam o favor de me enviar. As minhas desculpas, mas a verdade é que era uma companhia a que me tinha habituado. Peço para lhes transmitires os meus maiores agradecimentos.

Deixo-te o mais forte abraço e os melhores votos,

Artm

[s/d, 2005]



Muito caro Floriano

Muito e muito grato pela colaboração sempre possível consigo. Infelizmente uma das pessoas com quem era mais profícua a amizade e a colaboração, o Édouard Jaguer, acaba de falecer. Outros estão vivos, mas infelizmente tão corroídos pelo tempo que qualquer encontro se torna dramático. Uma pequena corrente de ar possibilitou, no entanto, esta folha volante que lhe envio a propósito ou a despropósito de uma exposição de Frida Kahlo. E junto uma autobiografia saída no *JL*. Além de sonhar (ainda!), o que mais podemos fazer?

O mais surrealista dos abraços

Antm

[16 de maio, 2006]

Caro Floriano

Aprecio o teu trabalho, mas confesso que infelizmente não tenho tempo para ler metade do que me envias, preso a outras leituras, a outros afazeres, e aos meus tão perturbados 85 anos. Como sabes, estive ausente em África e na marinha durante muitos anos, e assim perdi muito da história do surrealismo daqui, que se foi fazendo por estas ruas e por inúmeros cafés hoje desaparecidos. O meu surrealismo foi a exposição de 1949 em Lisboa, e as exposições em 1953 e 1955 em África, de que Cesariny recolheu algum material na sua “Intervenção surrealista”. Nesses anos passaram pessoas que não conheci, e por vezes são confusos os contornos de amizades e de inimizades acontecidas. Além de que nunca fui grande frequentador de cafés por impossível que pareça por falta de dinheiro, também porque não sou de fato sociável, porque o meu crescimento foi lento, e também porque tinha inventado outros apaixonantes empregos do tempo. Assim há muitos nomes de pessoas que em dado momento pelo surrealismo foram tocados, e poucos de fato de SURREALISTAS. Quem o poderia esclarecer é o Cesariny. Não vou referir a lista daqueles que desconheço ou com que não simpatizo, mas noto a ausência de figuras de primeiro plano como o António Dacosta, o João Rodrigues, o Júlio (dos Reis Pereira), o Areal, o Calvet e o Vespeira. E o Leonel Martins Rodrigues, e a Paula Rego da 1ª fase, o Malangatana, o Luiz Pacheco na qualidade de 1º editor, o Moniz Pereira, o António Paulo Tomaz naif que figurou na exposição de 49, o João Artur da Silva, e uma amizade e admiração pelo Fernando José Francisco companheiro dos tempos da Escola António Arroto. E quem é que não esconde hoje aqui forte influência do surrealismo?

Enfim, caro Floriano, por falta de memória não sou exaustivo. E quero te pedir que não publiques esta carta. Gostaria de ter a liberdade de comunicar com os Amigos sem a ameaça de publicação. Mantenho correspondência com o Sérgio Lima, embora não me tivesse encontrado com ele quando passou recentemente em Lisboa. Conheço infelizmente muito mal o surrealismo no Brasil e as vossas razões de afastamento; infelizmente sei por experiência própria como essas coisas acontecem, e quanto podem prejudicar o próprio surrealismo. Aqui o surrealismo, reduzido a uns 3 gatos, tornou-se, no entanto,

INDIVIDUAL, o que além de ser ridículo o torna realmente mais vulnerável. Mas essa história não cabe nesta carta.

O mais forte abraço de

P.S.: Relida a carta verifico a falta do primordial que é o agradecimento pelas referências e transcrições que sempre fazes na *Agulha*. Mais uma vez te agradeço pela tua atividade interessantíssima.

Antm

[21 de setembro, 2006]

Caro Floriano Martins

Estou retido em casa e sinto-me prisioneiro, mas a verdade é que sou um velho, já não conduzo, e são muitos os reflexos da operação à próstata que fiz há um mês, e que por agora está num período de desesperadora incontinência. Dizem-me que é necessário *dar tempo ao tempo*, mas como pode isso ser possível aos 86 anos? Vejo todos a viajar incessantemente, e tenho a sensação de que já morri.

Não tenho projetos meus, os meus projetos ainda têm a ver com o surrealismo. Entrego-me ao dia a dia, às cartas que recebo de uns e de outros, ao que das intrigas do meio me chega. O que ainda vem do mais fundo de mim é um personagem meio anjo meio diabinho que parece empenhado em descobrir a saída do labirinto – sabendo todos nós perfeitamente que o labirinto não tem saída. Mas o GRANDE SUSTO aumenta todos os dias com o número assustador de surrealistas que se afirmam! Há nítidos aventureiros, e pior, uma ameaça de tristes academismos. É de academismos que se faz infelizmente uma grande parte do surrealismo atual.

Evidentemente que, quando não sou completamente ignorado sou menosprezado, ou mesmo odiado. Não é agradável esta situação de último sobrevivente, por pouco que me importe o que digam ou não digam do que fiz ou faço. Repugnante seria ser RECONHECIDO neste tempo que temos. Faltam-me por completo as qualidades de ensaísta, de historiador e de literato; o irracional sobrepõe-se sempre; são as mãos sozinhas que desenham e escrevem, se as deixo sobre a mesa. Sempre disse e repito que sinto uma espécie de bofetada se me designam como *artista* ou como *intelectual*. Geralmente ninguém acredita se digo que não sei a tabuada, mas sei que é possível viver assim toda uma longa vida, sem esperar NADA de ninguém. Vivo ainda assediado de perguntas incômodas; por exemplo, pergunto como não foram julgados em tribunal especial os que, com altas patentes do exército, mataram milhares de pessoas na inadmissível guerra colonial em Angola, em Moçambique, na Guiné...

Eu quase que não tenho história tendo estado uns 14 anos em África; quase que fui esquecido pelos do Chiado; além disso nunca será possível fazer-se o meu *catalogue raisonné*, porque para além da minha natural desordem nunca tive dinheiro para fotografar as largas centenas de coisas que desenhei e pintei, e hoje não faço

ideia onde estão. De resto a história baralha tudo; quem *assomava velhas* dizendo-lhes frente a frente de dedo acusadoramente apontado “foste tu” era o meu querido Mario Henrique Leiria, não o Pedro Oom. Também esclareço que o Areal pintou o líquido e os nadadores, algum tempo depois da CHÁVENA tem sido realizada. Enviei-lhe fotografia, e ele devolveu-ma amigavelmente com esta colaboração.

Como sinal de grande apreço comparo a sua *Agulha à Infosurr*, que leio esfomeadamente.

Aproveito para esclarecer que o texto do Sarane Alexandrian está publicado na revista *Supérieur Inconnu* # 3, de 2006. Também a revista *Pleine Marge* # 42, de dezembro de 2005, me quis dedicar um espaço, em que insisti fosse lembrada a Isabel Meyrelles e o Raúl Perez.

Enfim, enquanto for possível o fenómeno RENASCER, imitarei a vida. E não são os que conheço os que mais amo, mas sim esses que não conheço nem conhecerei, e a quem posso mesmo assim, por fenómeno de sensibilidade ou da imaginação, ser útil com o que desenho e escrevo. Imagine que há dias o meu editor me comunicou que tinha vendido uns 2.000 livros da minha poesia em menos de um ano, o que me causou alguma emoção, pois nem um único crítico ou ensaísta a ela se referiu, ou nem aconteceu que eu saiba qualquer esforço publicitário.

Em compensação, aquela África que tanto amo me ignora obstinadamente. E, no entanto, lá fiz em 1953 uma exposição sob a evocação de Aimé Césaire, e outra em 1956 sob a evocação de Lautréamont, que provocaram o maior escândalo anticolonialista, de que o Cesariny deu notícia reunindo documentação na *Intervenção Surrealista*; vale a pena evocar estas datas, pois só em 1961 Henrique Galvão desviou o Sta. Maria, e é nesse mesmo ano que se dá o ataque à Prisão Central de Luanda. É em 1961 que é premiado o livro do Luandino Vieira, e somente em 1974 Spínola publica *Portugal e o Futuro*. Até abril desse mesmo ano os senhores do exército fizeram a sua lenta aprendizagem democrática...

Reafirmo, caro Floriano, aquilo que é evidente; o surrealismo em português não teve para lá desta fronteira a atenção devida. Não estará ainda hoje o surrealismo insuportavelmente encerrado dentro de diversas fronteiras? O surrealismo não nasceu para ser vítima, mas muitas vezes são ultrapassados os limites da *ocultação*

recomendada pelo Breton. Não duvido da amizade do Édouard Jaguer; longos anos de correspondência assídua, alguns prefácios, calorosos encontros na sua casa, além da colaboração quando organizei nos anos 78/79 uma exposição “Phases” que levei ao Porto, a Coimbra, a Castelo Branco etc. Grande amizade e epistolário assíduo com o Grupo Surrealista de Chicago. Etc. etc. etc. Tenho sido eu que não tenho sabido forçar a grande porta? Com quem parecia que a colaboração atingiria outro nível foi com o José Pierre, que me veio visitar a pequena casa perdido no meio dos campos do Algarve não cosmopolita, mas a morte levou-o prematuramente.

Hoje sou de fato um velho evidentemente muito solitário, mas creia que prezo muito a sua amizade. As minhas maiores colaborações foram evidentemente com o Cesariny que ninguém conheceu; vi nascer ao meu lado toda a sua poesia! Recordo, nos anos 1940, os quilômetros feitos a pé pela noite adentro, por vezes no mais explosivo silêncio, o Fernando José Francisco, o Cesariny e eu, que éramos então inseparáveis. Não foi por acaso certamente que o último gesto do Cesariny foi reunir-nos de novo numa exposição, poucas semanas antes de morrer...

Quando refiro a solidão evidentemente que exagero, pois foram muitos os *cadavres-exquis* e outras atividades com o Mário Boas, com a Paula Rego, com o Eugenio Granell, com o Philip West etc.

Sonho; sonho muito ainda; sonho que os países deixaram de existir, e cada pessoa é de fato um país – e cada país, uma revolução permanente.

Se não refiro o Carlos Calvet e o Raúl Perez não é porque os tenha esquecido. O Floriano viveu aqui, e sabe como são grandes as distâncias de pessoa para pessoa, certamente para compensar a pequenez do país. E como posso esquecer o Herbert Helder que me dedicou o seu mais belo poema? Acredite que todos os dias me pergunto porque mereci tal coisa. E já agora junto fotocópia de um texto do Ernesto Sampaio. E outro do Jaguer, mais recente. Isto, meu caro, na tentativa de corresponder às suas referências na *Agulha*, E PRINCIPALMENTE TENTAR CORRESPONDER AO CAUDAL IMPETUOSO DA SUA POESIA.

Enfim, desculpe-me se neste por demais longo texto escapou algum lamento. Será de fato um lamento?

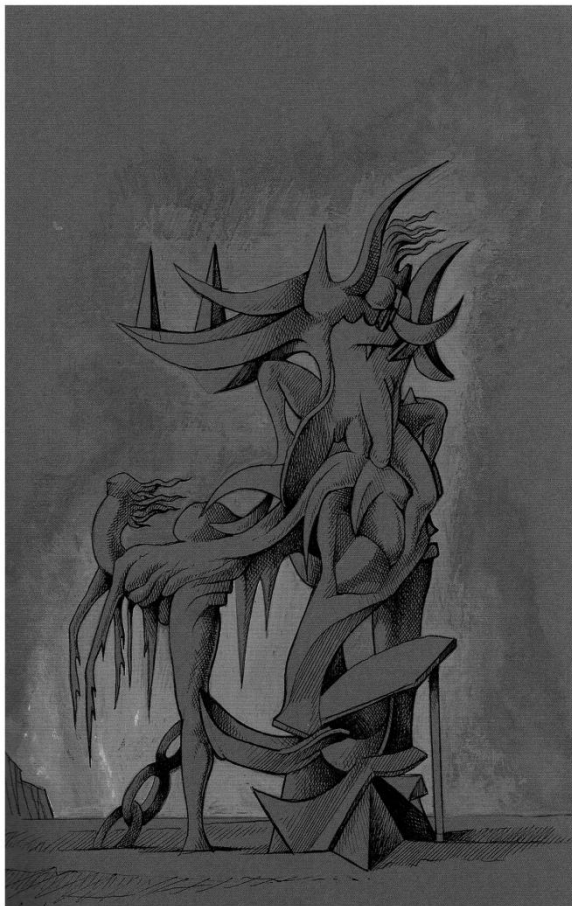
Eu nunca coloquei nada na Net, tornando-se insuportável para mim *navegar* sem água, mas é evidente que assim há um enormíssimo vazio no que refere aquilo que fiz, e que aliás mereceu sempre a paixão do Cesariny. O que existiu entre nós, se é necessário dar nome às coisas, foram discordâncias, não inimizade. Veja-se o poema que me dedicou no *Planisfério*; veja-se o texto que acompanhou a minha expo de 1970; veja-se a referência às exposições em África; veja-se as inúmeras cartas suas dos anos 40/60 que depositei na Biblioteca Nacional etc. etc. À falta de documentos será necessário acreditar em mim, e nem todos a isto estarão dispostos, mas o Cesariny, durante os longos anos em que uma espécie de vidro nos separou, telefonou-me quatro vezes, sempre para me felicitar por isto ou por aquilo. Fui eu que sempre correspondi mal, na ânsia de levar ao extremo limite a minha liberdade. Ele tinha de fato qualidades de inteligência, de sensibilidade e de cultura para se afirmar para lá desta inexorável fronteira. Infelizmente ficou-se por aqui, e morreu rodeado de gente que dele se serviu até ao último minuto. Conseguiram, por exemplo, que assinasse, oito dias antes de morrer, um manifesto escrito pelo Mario Henrique Leiria e assinado pelo João Artur da Silva e por mim, em 1950, que nessa altura o Cesariny se recusou a assinar...

Quanto ao Guy Ducornet, trata-se de um velho Amigo. O livro que refiro é o *Surréalisme et Athéisme*, Ginkgo Éditeur, Collection Idées Fixes. Se com estes dados não conseguir contato, escreva-lhe para: I, Rue Fontaine – 75009 Paris.

As minhas desculpas, mas como travar esta experiência de 86 anos portugueses? O velho abraço do

Artur

[s/d, 2006]



Caro Floriano

Há semanas que tento lhe escrever sem o conseguir, devido a afazeres de toda a espécie. Mas os melhores votos para o por demais misterioso 2007 tem sempre sentido.

Devido à minha enormíssima desorganização é impossível enviar-lhe documentos de todas as vezes que fui *obrigado* a dizer duas palavras sobre a morte do Cesariny. É que, se me é difícil falar, ainda mais difícil é ficar calado. E como não tenho teatralidade, neguei-me à presença no velório e enterro. Empenhei-me e felizmente consegui que o seu corpo não fosse para uma igreja. E disse que *o meu* Cesariny era o vivo, não o morto; esse pertence aos ensaístas, aos críticos de arte, aos historiadores etc. etc. Apesar de nos termos conhecido em plena adolescência, necessitaria de anos para forçar a porta do seu dédalo.

O Cesariny dava abrigos a gentes que eu não queria na minha intimidade; refiro entre muitos outros o Bernardo Pinto de Almeida, que começou há mais de 30 anos por me procurar na pequena casa perdida no meio dos campos de S. Brás de Alportel onde me tentei refugiar, como um crente procura Meca.; E o Pinharanda, que até achou por bem dedicar um livro seu a uma filha e a mim!

Enfim, meu caro, o Cesariny faz muita falta; a sua razão era a loucura! Julgo que neste momento se deveria seguir o exemplo (ou a experiência) do silêncio (pois que ninguém está à sua altura) que se seguiu à morte de Breton. Como ele, também o Cesariny é *insubstituível*, mesmo se eu sou o único a reconhecer e referir erros seus.

Quanto a estas entrevistas, previno-o de que as conversas com os Senhores jornalistas são quase sempre mais interessantes do que aparece depois, pois se permitem cortar e *adoçar* o que foi dito.

Mais uma vez tento escrever-lhe diretamente sem o Eduardo como intermediário, que por vezes exagera no seu papel. Recebo com satisfação as suas notícias e outro material, felicitando-me e felicitando-o pelo seu labor. Quanto a *notícias*, a Isabel Meyrelles esteve aqui e leguei-lhe 40 cadernos de um Diário (não diário) que eu tenho desde há muitos anos. Ela está a coligir e seleccionar, pois parece que já há editor. Evidentemente que com os meus 86 anos, com a minha quase cegueira, com a minha quase surdez, com o meu inevitável cancro da próstata, não devo ver mais nada

publicado. O mundo também não me parece muito apetecível.
Quanto àquela Fundação de Famalicão, não vejo que dê um passo
em frente, o que muito me entristece.

Aqui tem o mais forte abraço

António

[01 de janeiro, 2007]

Caro Floriano

Infelizmente atravessamos um momento de pouco otimismo. E o Cesariny, embora ultimamente estivesse muito diminuído, deixou um grande vazio.

O Guy Ducornet enviou-me o seu livro *Surréalisme & Athéisme*. E isso reavivou tanto quanto possível a chama. Como os textos de sua autoria que me faz chegar às mãos, e que muito agradeço. Por vezes tenho a sensação de que está tudo dito e redito, e que tudo o que se conseguiu e é visível foi substituir deus pelo capitalismo. Aqui chamou-se REVOLUÇÃO a uma muito grosseira intenciona stalinista. Hoje toda a minha esperança se resume na certeza de que o homem nunca diz a última palavra.

Imagino que agora sondam-me da presidência da República na intenção de me impor uma condecoração. A minha resposta só pode ser negativa; como posso estar de acordo com esta caricatura de democracia?

O meu acordo vai para aquele texto assinado por si e pelo Sérgio Lima, “Para contribuir aos festejos do Descobrimento da América”, quando afirma: *O novo, um novo mundo ou um amor novo, é sem dúvida a possibilidade a mais desejada e a mais bela; porém de maneira alguma aflorará de um laboratório de uma conquista, ou muito menos de uma conta bancária.*

Agradeço-lhe aquela lembrança do Bosch que está completamente esquecido nas Janelas Verdes, como de fato também o está Mariana Alcoforado das *Mais belas cartas de amor*, reconhecidas pelos surrealistas. É-me cada dia mais insuportável esta impossibilidade de não ter museu ou coleção onde olhar um Douanier Rousseau, um Cézanne, um Lam etc. etc.

Enfim, caro amigo, ando há três meses algaliado, e assim espero em parte justificar cartas como esta. Envio-lhe esta lembrança de Camilo Pessanha. E creia que não esqueço o nosso bonito livrinho *Homenagem à realidade*, condenado ao absoluto silêncio. O silêncio é a minha grande companhia, e não é disso que mais me desespero.

Abraço-o com amizade e admiração

Artur

[19 de março, 2007]

Muito caro Floriano Martins

Queria responder às tuas cartas e outra documentação em termos aceitáveis, mas desculpa-me quando isso não for possível, pois cada dia é mais perturbador do que o que o antecedeu, e eu não consigo evitar um excesso de nervosismo, pelo que sei fazer e não me deixam fazer, e também pelo que sei que não sei. Começarei por afirmar que não tenho qualquer má-vontade contra a didática, como a que tem alguns intelectuais que tenho conhecido; por exemplo, há alguns anos tento convencer editores a publicar traduções dos notáveis ensaios escritos referindo o surrealismo por Alquié, Legrand, Carrouges, Nadeau, Bedoin, Blanchot, John Dunne, Benayou, Monnerot etc., sem resultado. Também estas edições poderiam/deveriam ser feitas pela Fundação de Famalicão, mas infelizmente são algo tortuosos os caminhos para personagens como o Cuadrado e o Antonio Gonçalves. Embora com meios modestos muita coisa próxima do surrealismo creio que seria possível ali... onde estranhamente os surrealistas não são ouvidos. Esta tua *Agulha* tem para mim um sentido altamente didático, e neste país onde ninguém faz NADA, muito admiro o trabalho/paixão que esta realização exige. Se estivéssemos mais próximos e eu não tivesse estes 86 anos que tenho, talvez fosse possível realizar-se uma grande exposição do surrealismo no Brasil, em troca de uma exposição do surrealismo daqui, com que sonho desde há muito. Da amizade que tem crescido com o Jorge Camacho lhe dou notícia: há uma pequena exposição retrospectiva dele que depois de Sevilha poderia passar por Lisboa, SE EU ENCONTRAR SÍTIO QUE ME PAREÇA SUFICIENTEMENTE LIVRE (não à Gulbenkian, não à Serralves, não ao Centro Cultural de Belém, não às galerias comerciais). Acho imprescindível algum enquadramento por pelo menos umas 3 exposições que de fato tenham a ver com o surrealismo, o que não é nada fácil. Tenho todo o projeto dentro da cabeça... faltando o mais difícil, que é a colaboração. Trata-se sempre de exposições DO SURREALISMO, NÃO DE EXPOSIÇÕES SURREALISTAS. Sonho com a S.N.B.A., local da história da pintura aqui desde o século XIX, um excelente espaço, estupidamente desdenhado desde há uns 30 anos! Possivelmente tudo vai ficar somente em projeto, mas não resisto em lhe falar deste assunto que me apaixona, pois da organização de exposições tenho certa experiência desde os tempos em que reuni na Galeria S. Mamede o

Cesariny, o Areal, a Paula Rego, o Carlos Calvet, o Mário Botas, o Jorge Vieira, o Júlio, o António Quadros, o Raúl Pérez etc., o que foi uma experiência única em Portugal... Evidentemente, tão silenciada quanto possível. Depois dirigi a Galeria do Estoril onde entre muitas outras exposições expus Pascoaes e seu irmão aventureiro caçador de elefantes, de que há não poucas e impressionantes recordações no solar de Amarante, a Sara Affonso, e um apaixonante ferreiro naif de um pouco acima de Viana do Castelo com palavras do Franklin Rosemont etc. etc. Dirigi ainda a Galeria de Vilamoura onde tive a colaboração amigo do José Pierre. Além disto organizei em 1978 uma grande exposição “Phases” em colaboração com o Édouard Jaguer, que tornei itinerante. Aqui hoje a maioria só pensa no dinheiro, e os restantes, num esforço enormíssimo, pensam em ser espertos! Jamais se lembram que a inteligência existe!

Curiosamente no meio de tudo isto, os organismos ditos de cultura fazem o que podem e o que não podem para me ignorar, no que mais uma vez perdem o seu tempo, porque eu não sou do gênero dos gestos teatrais, detesto louros sobre a minha cabeça, e será muito difícil que me apanhem a adular alguém. No entanto, parece que adivinham o que se passa em mim, pois o fato de eu ainda não ter morrido muito os aflige. No entanto, mesmo com toda a minha modéstia, sei que infelizmente há *artistas* ainda muito piores do que eu o sou. Se os que ganham dinheiro farto com coisas destas e sonham me prejudicar desiludam-se, pois foi assim que fiz toda a minha vida, e não morri à fome. Sou eu que detestaria ser *artista profissional*. Por isso, em vez de espetaculosidade da tela, uso o papel. No entanto, caro amigo, se tudo isto provoca o riso, é certo que em cada dia ele é mais e mais amarelo...

Como se tudo isto não fosse já suficiente, a minha vista está muito próxima da cegueira. Como se justifica uma vida quando já não se faz amor, e quando não se pode ler nem desenhar? A minha imaginação não sabe o que responder.

Personagem do tal riso mais amarelo é o tal Miguel de Carvalho, que começou a ser surrealista quando infelizmente acedi ao seu insistente pedido de expor no seu alfarrabista de Coimbra, mas não sou só eu que sou por demais ingênuo em cair nas armadilhas de gente desta; não sou só eu que tenho esta *grande fome* surrealista;

com as moradas que imprevidentemente lhe dei ele hoje ilude os surrealistas de Chicago, da Holanda, de Paris etc., fazendo cópias das colagens que Max Ernst fez genialmente a partir dos anos 1920. Talvez seja verdade que atualmente o surrealismo se fica por tristes cópias, mais ou menos servis. Evidentemente que o que faço está muito longe da genialidade, sendo tão meu quanto é possível quando não se é genial. Para o bem e para o mal a minha vantagem é que estou eu mais próximo dessa grande torrente de imaginação; mas agora pede-se outra coisa, que tarda muito em chegar. É do surrealismo que se trata, não de tirar dele algumas vantagens. Não sou *artista* nem intelectual; e, no entanto, desenho e escrevo...

Parecerá tudo isto um por demais extenso muro das lamentações? Queria eu afirmar, por exemplo, que nenhuns bens materiais vieram comigo de África, pois para pagar a passagem de regresso à Europa tive que vender a coleção de *arte negra* QUE APAIXONADAMENTE TINHA FEITO. A minha liberdade assenta em conceitos morais, que têm hoje pouca cotação.

O surrealismo atual corre o risco de se limitar não poucas vezes à noção de país mais celebrado, mais esquecido ou recusado, adiado ou ainda não *descoberto* etc. etc. A mim qualquer local geográfico me satisfaria, mas se fosse possível escolher escolheria aquela África que descobri em 1950, já com as certezas que muitos intelectuais e revolucionários só aceitaram depois do 25 de abril. Acompanha-me a imagem de uma CIVILIZAÇÃO de que ainda vi a sombra ser barbaramente destruída. No entanto, e evidentemente, nada tenho a ver com os da política, e somente um poeta, o António Jacinto, que foi ministro da Cultura e morreu muito cedo, se lembrou de mim. Alguns documentos dos meus anos de África foram recolhidos pelo Cesariny na “Intervenção surrealista”. Há de fato labirintos onde muita gente se perde: por exemplo, dizem pessoas *autorizadas* que não há inéditos do Cesariny, quando existem depositadas por mim na Biblioteca Nacional dezenas de cartas que o Cesariny me escreveu durante os meus anos de Angola, e também as cartas que me endereçou de Fresne, sendo eu a única pessoa que estava ao par de sua prisão. Etc. etc. etc.

Se olho para trás, e faço-o constantemente como é natural na minha idade e na estreiteza deste país, não encontro muito de que me arrependo. *Oportunidades* não me arrependo de as ter

desperdiçado; e orgulho-me de não ter frequentado liceus e universidades. Acho que o que de mais importante aconteceu na minha vida foi a homossexualidade e os pais excepcionais que tive, pois foram uns e outros que traçaram superiormente todos os meus passos. Arrepender-me só me arrependo de, por uma espécie de orgulho que me levou a traçar tão sozinho quanto possível o meu próprio caminho, me ter afastado do Cesariny. Ele lamentou-se não poucas vezes da solidão em que o tinha deixado a morte do Lisboa, a partida do Mário Henrique e a minha etc. Eu podia e devia ter estado próximo dele, para dar a ajuda possível em tantos momentos onde ele e o surrealismo pareciam desencontrados. A verdade é que nunca pude supor que ele fosse primeiro, e era-me insuportavelmente doloroso aquele miserabilismo em que ele se comprazia, aquela condecoração, as grandes amizades com o Bernardo Pinto de Almeida e com o Pinharanda, e também com os da política e a tristíssima homossexualidade que ele praticava. Quanto à política, entendo eu que a experiência nesse sentido foi dramaticamente feita pelo próprio Breton.

As minhas desculpas por esta carta desmedida. Talvez possa ser de alguma utilidade quando eu morrer. Por agora apenas disparato. Evidentemente que festejo os teus gestos atravessando o espaço.

Os melhores votos e o abraço

António

[24 de junho, 2007]

Muito caro Floriano

Cada vez que me vejo apanhado nas malhas da *eternidade* fico com os nervos descontrolados. Há agora um excesso de acontecimentos a que não consegui fugir, por isso só hoje disponho de tempo para lhe escrever. Confesso que entre os acontecimentos que refiro não é dos menos enervantes estes desenhos de minha autoria no seu *Último Bolero*, que me coloca na posição declarada de oposição ao Sérgio Lima. As guerras são sempre tão ridículas como mortais –, mas como lhes fugir? Evidentemente que QUERO colaborar consigo, e que prezo o testemunho da sua poesia. Espero não andar por cá muito tempo, pois não deve ser nada agradável ter o Sérgio como inimigo. A estreita amizade dele com o Miguel de Carvalho, expressa no número do *Quimera que Passa*, tornou-se insuportável. Que encanto tem este Miguel que consegue homenagem na República Checa, transcrições de obras de sua autoria no INFOSURR e na *Tortue Livre* etc.? Será de reconhecer uma falta de sensibilidade no que se movem no território atual do surrealismo? Por isso cada vez mais lembro a *ocultação*, por isso exijo uma seleção tanto quanto possível rigorosa. De fato, desde há muitos anos meu impulso não é para FAZER, mas principalmente para *o não fazer*, isto no que se refere A MIM PESSOALMENTE. Quanto ao surrealismo, parecem-me necessárias exposições e edições, mas neste particular prefiro a ausência ao excesso. Admiro a sua vertigem, mas confesso certa inquietação.

Os meus 87 anos estão a ser batidos por ventos difíceis de suportar. Não posso deixar de me perguntar porque estou fadado para assistir à morte de tanta gente que, sem exagero, pode ser classificada de insubstituível.

Quanto à Fundação de Famalicão, é interessante a sua sugestão, mas já não teria forças para a tentar. Que faria eu àquilo tudo? E aos sonhos que à volta daquilo tudo se geraram? Sinto-me tão velho, que estou de mudança para um Lar, ou seja, para uma antecâmara da D. Morte. Evidentemente lhe darei a nova morada.

Dói muito ver a gente sinistra que anda a roer os ossos do Cesariny.

Enfim, tanto quanto é possível tenho tudo *arrumado*; a Isabel tem lá em Paris 41 cadernos de uma espécie de Diário (não diário) de que selecionou dois volumes, que a Fundação lhe prometeu publicação. Além disso há as catas do Cesariny dos anos 50/60

QUE DEPOSITEI NA BIBLIOTECA NACIONAL, e as cartas escritas durante o tempo que estive em Fresne. Além disso, acho que daria um álbum com algum interesse o que reunisse dúzias de desenhos/pinturas de minha autoria dos anos 40/60 que depositei na Biblioteca Nacional e outros tantos surpreendentes guardados no espólio do Cesariny.

Quando o Cesariny estava vivo nunca aceitei os instigantes convites para expor na Neupergama porque era a SUA galeria e eu queria a minha autonomia. Agora acedi, e escreveu o texto acompanhante o Franklin Rosemont. A data será dia 22 de setembro.

Os meus desejos de que as obras que lhe envie o satisfaçam. Agora são poucos os originais que tenho, mas um dia terá o seu.

Diga-me se falta um qualquer esclarecimento.

O abraço com os melhores votos e a amizade do velhíssimo

Antm

[29 de agosto, 2007]

Caro Floriano

Estou de mudança, pois me vou recolher a um Lar com grande confusão de papéis e de livros, e não menor confusão dentro de mim próprio. Por quanto tempo ainda terei que andar por cá? Não será que o que se passou (e passa) é já mais que suficiente?

Tenho pena de não poder satisfazer o teu desejo quanto ao número de desenhos/pinturas para o teu livro *Último bolero*, que tem acompanhado a minha solidão.

Não tenho dúvidas de que a tua *AGULHA* toque um muito vasto público, mas eu (certamente um erro grave) cada vez estou menos com coisas como a Internet, que não consigo absorver e adaptar-me. A minha vida e a minha obra foram feitas de *erros*, e não é aos 87 anos que vou dominar esta tendência. Mas se te dá prazer ou se te parece servir melhor um público que infelizmente desconheço, esses trabalhos estão ao teu dispor. Quanto à edição do Sérgio Lima, *Quimera que passa*, datada de maio/junho, junto a fotocópia, pois é um curioso documento, que aliás me foi enviado em estado de grande euforia pelo Miguel de Carvalho...

Neste momento difícil bem preciso que os Amigos verdadeiros se lembrem de mim – do que fiz e do que não fiz.

O forte abraço e os melhores votos

António

[11 de setembro, 2007]

Caro Amigo Floriano Martins

Para mim o Natal é como uma doença de que espero estar recomposto em fins de janeiro. As pessoas de quem não se recebe notícias e para quem não se escreve, são por vezes as que estão mais presentes no nosso pensamento. Não tenho recebido notícias suas e isso me perturba, pois as maneiras de pensar e agir diferentes das minhas são a minha paixão, o meu grande incentivo. Com 87 anos estou muito exausto: a viagem tem sido difícil e por demais longa. Das diferenciações, desentendimentos e zangas de toda espécie, os surrealistas do tempo de Breton souberam fazer belos, inteligentes e revolucionários manifestos, cartas, ensaios etc. etc. Aqui o que fica dos desentendimentos acontecidos são tristes desejos, doentias invejas, gestos ridículos de gente que põe nos bicos dos pés para ganhar mais tostões, exibindo sem pudor a sua mesquinhez, o doentio DESEJO DE PREJUDICAR O OUTRO...

Esta espécie de secretário que tenho, com a sua imensa ignorância, invejas e total insensibilidade, recomplica todos os meus contatos. Já uma vez pôs todo o dinheiro que eu possuía em sua própria conta; outra vez foi apanhado a viajar pelo norte do país a vender obras que me tinha roubado. Etc. etc. etc. Peço-lhe prudência nos contatos com ele, entre os diversos sonhos que lhe tenho conhecido há o de após a minha morte fazer um livro sobre mim, com documentos que lhe têm passado pelas mãos! A minha grande esperança é de que não encontre editor. Enfim, pelo já dito e pelo que a sua sensibilidade adivinhará, tudo se recomplica se aparece um tipo de Coimbra, de nome Miguel de Carvalho, em quem em princípio julguei poder confiar, e que logo roubou a ideia de uma revista e o título (*Debout sur l'oeuf*), arrastando o surrealismo para abismo parecido com aquele que atraía D. Fuas Roupinho e de que salvou a Virgem... Agora não há Virgem que nos valha, e as coisas estão difíceis de suportar. Promete, como se fizesse a publicidade de pasta para os dentes ou graxa para os sapatos, nada mais nada menos do que uma "grande Exposição Internacional do Surrealismo". Com a tal lista de moradas consegue adesões ingênuas por todo o mundo, a começar pelo Sérgio Lima. Parece que ninguém se quer lembrar de que o surrealismo em Portugal começou nos anos 1940 sob uma beata ditadura, quando nós, insatisfeitos do neo-realismo, tínhamos 20 anos. Transcrevo: *Estão confirmadas as presenças da República Checa, da França, da Holanda, do Chile, do Brasil, da Espanha*. Fiz o que julgo ser

possível por agora; como a expo é patrocinada e subsidiada pela Câmara Municipal de Coimbra, escrevi a essa entidade exigindo que não nessa expo qualquer obra de minha autoria. Se até maio, data que está marcada para abertura da expo nada se modificar, publicaria essa carta nos meios de comunicação social, pois que a minha posição é imperativo da minha consciência. Não quero deixar de lhe dar parte do que se passa e escutarei a sua opinião, se ma quiser dar. Envio-lhe a *Titania* acabada de sair. As cartas em que o Cesariny me pedia estas *ilustrações*, e em que acusava entusiasticamente a sua recepção, estão desde há muito depositadas na Biblioteca Nacional, pelo que pode ser facilmente comprovado o que lhe conto. O que aconteceu é que o texto que o Cesariny me enviou para África foi durante uns 50 anos remodelado e aumentado. Assim acho que estas “ilustrações” já pouco têm a ver com este texto atual. No entanto, comove-me o fato de, num espaço de tempo de uns 50 anos, só agora o texto e desenhos se tenham de fato encontrado! Também me dá satisfação nunca ter ganho um tostão com estes desenhos e, apesar de tantos casos como estes, não terem morrido à fome como pareciam predestinados. Evidentemente que dinheiro nenhum recebi do Cesariny, que nesses anos 1950 não tinha muito mais do que eu. Depois os desenhos foram vendidos a diversos colecionadores até enfim serem adquiridos pela Fundação de Famalicão, sem que jamais eu tivesse visto um tostão; também agora nada recebi da Assírio e Alvim... Este texto parece-me bastante teatral para aguentar a presença num palco. É este um dos meus últimos sonhos...

Estou quase cego, muito surdo, e a reaprender a andar! Quanto ao resto nem é bom falar; tenho que andar permanentemente de fraldas...

Desculpe-me a extensão desta carta, reafirmando que não acredite quando o Eduardo Tomé faz supor que é o meu grande protetor, o meu braço direito, a grande inspiração do meu trabalho. Só lhe falta fazer constar que é ele que faz os desenhos etc. etc. que eu faço! Ele é completamente ignorante e insensível.

Fale-me de si, de novo as minhas desculpas e o forte abraço

P.S.: Devido às dificuldades que refiro e a algumas outras recolhi-me a um Lar de Idosos.

Amigo

[Dezembro, 2007]

Amigo Floriano Martins

Hoje dia 27 telefonou-me o Eduardo Tomé para me dizer que a encomenda que lhe enviei no dia 14 não lhe chegou às mãos. Fico desapontado, pois seguia uma pequena pintura de homenagem a Fernando Alves dos Santos que talvez fosse possível publicar em vez do texto que me solicitou. Tenho a sensação de que à minha volta tudo se desmorona. Faço o possível que é enviar-lhe uma fotocópia da carta que se perdeu, sem a pintura que não estou em estado de reconstruir. Se me der mais tempo eu posso tentar o fazer –, mas ainda tenho esperança que receba o anterior envio. Como lhe poderei escrever sem ser por intermédio do Eduardo?

Por hoje envio-lhe o catálogo da expo que nesta altura está na antiga galeria do Cesariny, a que sempre me neguei quando ele estava vivo.

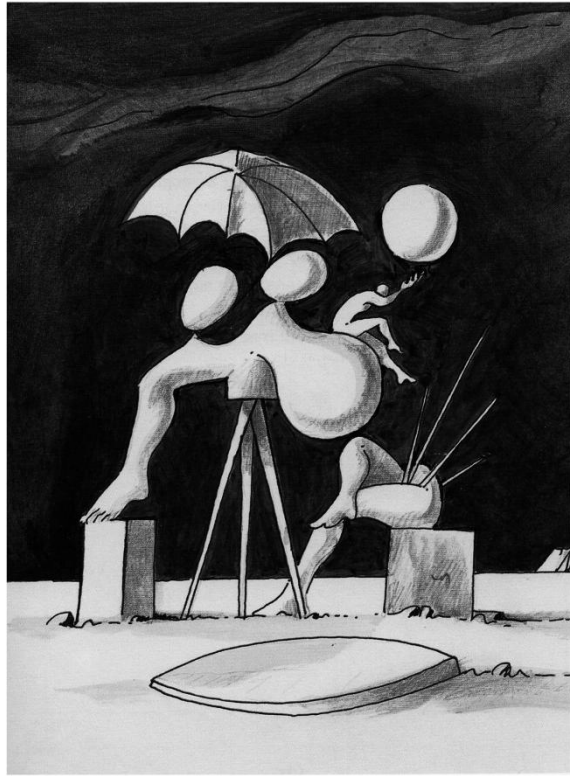
Estes 87 anos estão a revelar-se insuportáveis – ou sou eu que já tenho a minha dose? Agora tudo o que é galeria me solicita expos e tenho três agendadas para este ano pondo como condição que não sejam comerciais pois já não tenho nada vendável.

Fico desejando as suas notícias.

O mais forte abraço

Antm

[27 de dezembro, 2007]



Muito caro Floriano

Festejo a tua carta, cheia de projetos. E, na parte em que me envolves nesses projetos, estou à tua disposição para essas conversas *perlongadas ao infinito*, como de forma belíssima dizes. Aqui também agora me solicitam entrevistas na rádio, nos jornais e na TV, que saem quase sempre truncadas. São de maneira geral reflexo dos meus 88 anos, mas também casual fruto de uma grande retrospectiva do Raúl Perez, de uma expo de obras de minha autoria (talvez o melhor dos últimos 20 anos) e de uma vastíssima expo de grande parte do espólio da Fundação de Famalicão. Tudo isto poderia dar motivo a que críticos e ensaístas se alargassem sobre o surrealismo, nem que fosse num sentido didático, mas a moda agora é o silêncio.

Em todo caso, há um público esfomeado. Quanto a mim, reconheço que não sou um polemista, e não sou exibicionista. Fico-me pelos desenhos, pelas pinturas, pela poesia que escrevi, e além disso pelas posições morais no dia a dia. Sempre disse e repito que não sou nem um intelectual nem um artista. Além disso, estou em absoluta solidão; ainda há dias o Raúl Perez declarava na TV, *EU NÃO SOU UM SURREALISTA MILITANTE*. Como é possível que a sua pintura seja surrealista e ele não? É como dar um pontapé e dizer: *ISTO NÃO É UM PONTAPÉ!* Repito: há um público ávido de *coisas da cultura*. Nunca julguei que o Cesariny, o António Maria Lisboa, o Mario Henrique Leiria etc. etc fossem levados pela morte, tão precipitadamente. Os meus votos de que tires os melhores resultados dessas viagens. O meu amigo Jorge Camacho é um grande opositor de Fidel.

Evidentemente que falta o livro que referes, e que deveria ser bilíngue, pois a língua que falamos ainda é desconhecida do mundo, e mesmo do mundo surrealista.

Além de que se fecharam grandes portas; o Eugenio Granell, grande pintor e meu grande Amigo, nunca teve dos próprios espanhóis a atenção que merece. E aqui, para além de um tal Miguel de Carvalho, apesar de merecer a reação que tiveram em relação ao Jean Cocteau, é festejado como surrealista, por muitos surrealistas do mundo. E cento e tal cartas do Cesariny para mim, dos anos 50/60, jazem desde 1993 na Biblioteca Nacional, sem merecer a atenção de ninguém... Já não tenho forças para as reler, e pior, receio que algumas tenham sido roubadas, como aconteceu

com desenhos de minha autoria que na mesma instituição
depositei, e que em grande parte DESAPARECERAM...

Enfim, caro Floriano, aqui fica o mais forte abraço, e os
melhores votos

P.S.: Recebi os 10 livros do Fernando Alves dos Santos que tinha
encomendado; enviei cheque e espero que tudo esteja ok.

Artur

[s/d, 2008]

Amigo Floriano

Hoje fui obrigado a tomar a resolução de lhe escrever esta carta, muito ao contrário do que eu desejava, e desculpando-me e justificando-me por não lhe enviar o texto que me solicitou. Embora o meu saber não vá no sentido do ensaísmo, tinha contornado a dificuldade recordando o Fernando Alves dos Santos dos anos 1940. Na medida do possível o texto estava pronto a seguir, mas inadvertidamente acabou na máquina de cortar papel, e não me sinto com forças para recomeçar. Ando num enormíssimo estado de nervos, provocado pelas insuficiências da idade, mas também por mil outros *pequenos* assuntos, particularmente pelo andamento daquela Fundação de Famalicão, e pela exposição que um tal Miguel de Carvalho organiza em Coimbra. Repito que foi inadvertidamente, entre montes de papéis que não cabem no espaço a que tenho direito neste Residencial de Idosos, que destruí o texto sobre o Fernando Alves dos Santos. Peço-lhe que me desculpe se algum transtorno lhe causei. Estas coisas não se explicam; junto um *boneco*, que julgo ser uma homenagem ao Fernando Alves dos Santos, e uma fotografia em que ele e nós todos fazemos *manguitos* à porta da Sé de Lisboa...

Os meus parabéns pelo prêmio que justamente lhe foi atribuído. E creia que admiro esta *Agulha* tão trabalhosa e tão aberta aos outros! Aqui nada disso seria possível, e é o maior silêncio que se impõe sobre figuras como o António Maria Lisboa, Cesariny, Mario Henrique Leiria, João Rodrigues etc. etc. Nunca esperei que Cesariny partisse antes de mim e por mais ridículo que pareça não há maneira de suportar essa ausência, por maiores que fossem os nossos desacordos e aparente distanciamento. Estou irremediavelmente preso ao surrealismo dos anos 1940, por mais que me falem novos mitos – novos mitos que logo fogem das mãos dos que os criaram para as mãos inábeis dos políticos, que constroem este tempo escuro, que penosamente atravessamos; não foi para isto que Picasso, Max Ernst, Rimbaud ou Lorca construíram a obra que construíram. A maioria do que fiz é apenas uns milímetros menos académica do que hoje nos é metida pelos olhos adentro, porque nunca foi minha intenção metê-la pelos olhos de ninguém; aqueles que admiraram o que eu fiz, o José Pierre, Édouard Jaguer, Eugenio Granell, Laurens Vancrevel,

Franklin Rosemont, Guy Ducornet etc., não me deram, felizmente, mais do que amizade.

Esta problemática aviva-se agora com a ESPERTEZA do Miguel de Carvalho que, de um momento para o outro, se tornou conhecido em todo o mundo surrealista, como quem tira um coelho de dentro do nariz... A grande falta vem dos que fizeram a HISTÓRIA DO SURREALISMO, sem se darem ao trabalho de sair de Paris! Saiu agora a primeira *História do surrealismo* na Inglaterra! O que podemos nós esperar? Aqui mesmo, críticos e ensaístas referem o início do Surrealismo nos anos 1940, ignorando os notáveis desenhos do Julio, dos anos 1930.

Visto que o Miguel levantou esta lebre, tenho-me eu empenhado em esclarecer tanto quanto possível que o surrealismo não começou agora, com este aventureiro.

Infelizmente aqui não há a unidade minimamente necessária entre os surrealistas que restam. E o Sérgio Lima por certo apoia incondicionalmente este surrealismo coimbrão. Julgo que o surrealismo não pode abrir a porta a todos os que se dizem surrealistas, e lembro Breton, e a sua ideia de *ocultação*.

Por vezes os jovens são-me referidos com uma espécie de culto. Vejo neste país onde não há dinheiro, serem adquiridas obras acabadas de fazer por jovens espertos... Tenho para mim que a verdadeira *obra de arte* é aquela que não pode ser reconhecida pela sociedade que a gerou. Os surrealistas daqui fecharam os olhos ao [Nicolau] Saião, mas se reconhecem o Miguel com mais razão terão que reconhecer o Saião.

De novo as minhas desculpas quanto ao Fernando Alves dos Santos, e por estas duas páginas compactas; também a maior parte das cartas que recebo são igualmente longas.

O forte abraço e os melhores votos

P.S.: Peço-lhe para evitar tanto quanto possível que esta correspondência venha por intermédio do Eduardo Tomé.

Artm

[14 de abril, 2008]

Amigo Floriano

Muito agradeço a tua carta que me acompanhou no péssimo momento que estou a atravessar. De um momento para o outro fiquei *sozinho*. Custa-me acreditar nesta súbita adesão ao surrealismo do Miguel de Carvalho. De certa forma justifico os surrealistas que estão para lá desta fronteira, pela ignorância em que estão do surrealismo daqui; que sabem eles do António Maria Lisboa, do Mario Henrique Leiria, do Cesariny, do João Rodrigues etc. etc. etc.? Não havendo traduções do que aqui se escreveu, a ignorância deles é justificável. Os daqui, o Raúl Perez e o Eurico Gonçalves, é que é difícil justificar a sua completa adesão ao Miguel. Há situações que seriam cômicas se não tivessem outro sentido, como o Eurico a dizer que é a Fundação de Famalicão que deve saber se ele tem ou não lugar nesta exposição! Até hoje eu não consentiria que a Fundação do Cuadrado e do António Gonçalves possa resolver algo em meu nome.

Fui eu que levei o Perez para a Galeria S. Mamede há quase uns 40 anos. Tenho a maior admiração pela sua pintura, MAS NÃO PELO AUTOR. Também grande pintor é o Carlos Calvet, mas o afastamento deste corresponde, segundo diz, ao afastamento do Surrealismo, por novas filosofias... como se tudo o que depois vai aparecendo não adviesse do Surrealismo... O Miguel é um tipo repugnante de subserviências; agora coloca o meu nome sempre antes do nome do Cesariny! O catálogo é principalmente a confirmação do trabalho a que ele é capaz de se dar para vencer. Mantive correspondência com o [Arnost] Budik, com o Guy Ducornet, com o Rik Lina, com o Her de Vries, com o [Jorge] Camacho, com o [Franklin] Rosemont etc., e a justificação deles é DE QUE SE DEVE ABRIR A PORTA AOS JOVENS...

Quanto a mim, sempre disse e repito que não sou um intelectual nem um artista. NÃO GOSTAVA NADA DE O SER. Felizmente nunca vivi à custa de ninguém. Os meus pais não me deixaram um tostão, mas deixaram-me uma ideia de liberdade. Os Senhores do surrealismo atual acham que o Miguel é surrealista. Conhecem-no pessoalmente? Conhecem *a sua obra*? Não morro de amor por aquilo que desenho e pinto, mas o meu surrealismo foi confirmado pelo Cesariny, como provam mais de 100 cartas depositadas na Biblioteca Nacional. E cartas, e poemas, e muitas outras formas de amizade recebi do José Pierre, de um poema

dedicado pelo Herberto Helder, por cartas e encontros com o Édouard Jaguer etc. etc.

Voltando ao muito querido Fernando Alves dos Santos, digolhe que tenho muita pena, mas a minha aptidão não vai no sentido da escrita ou do ensaísmo. Não sei escrever o que quereria escrever, e é melhor desistir. Se os desenhos/pinturas dizem algo a alguém, elejo-os como minha forma de expressão.

Será que o Cuadrado, que se passeia pelo mundo de Congresso em Congresso, esclarece de fato o que se passa com o Surrealismo atual? O que sei é que na Fundação de Famalicão, no Centro de Estudos do Surrealismo, nenhum surrealista é ouvido, e as programações caem no ridículo. Agora expõem a maquete de um enormíssimo edifício, que intitulam MUSEU DO SURREALISMO! O dinheiro que vão gastar na construção do tal edifício não deveria antes ser gasto na aquisição de obras de Magritte, de Max Ernst, de Lam etc. etc.?

Envio-te a última foto do Cesariny, dois ou três meses antes de morrer, com o Fernando José Francisco e comigo, naquela triste despedida que ele inventou na Galeria Perve. O dono desta galeria e o Miguel de Carvalho meteram-se em casa do Cesariny nos últimos tempos de vida e, segundo consta, disso tiraram *algumas vantagens*. O Miguel mostrou-me um poema feito por ele e o Cesariny... que evidentemente o aconselhei a destruir. O que posso afirmar é que o da Perve e o Miguel fizeram comigo igual tentativa de conquista...

Meu caro amigo, cada vez esta terra está mais estranha; é como se tivessem substituído as prisões por labirintos.

O catálogo de Coimbra é uma coisa pesada e feia. O Miguel, por falta de imaginação, serve-se e estimula colaborações, e os surrealistas julgam que ele está dentro do espírito surrealista. Foi o que aconteceu com aquela cara gorda e cega que faz a capa do catálogo.

Muito te felicito pelos teus projetos de divulgação. Há muita coisa a dizer, que não cabe numa carta. Mas a mim me parece que há que voltar, sempre que possível, aos iniciadores do Surrealismo. Ninguém ainda superou o que então foi escrito. É necessário que apareça um novo Breton, um novo Artaud, um novo Chirico etc. etc.

Fica sempre tudo por dizer. Quanto ao Saião, ele que me procure, pois eu estou aqui nesta Residencial de Idosos como um prisioneiro. Infelizmente não sou como o Sade, que na prisão fez grande parte da sua obra. Ao Saião, que lidou com o Cesariny, possivelmente espera-o uma decepção, pois eu não tenho o seu saber e o humor, que ao mesmo tempo dava e tirava.

O mais forte abraço do velhíssimo

Antm

[18 de maio, 2008]

Caro Floriano

Estou verdadeiramente emocionado com a tua atividade. Eu também faço o que posso, mas sem usar Internet, o trabalho é mais interior. Mereces-me uma grande simpatia, e assim digo-te o que penso – o surrealismo de hoje levanta-me grandes inquietações. Evidentemente que nunca me satisfaz o que fiz, embora tenha merecido o apoio do Cesariny, do Herberto, do José Pierre, do Ernesto Sampaio, do Jaguer, e de mais dois ou três. Não será o surrealismo hoje qualquer coisa como um leão domesticado num circo? Perdeu-se a FORÇA ou ela é impossível neste tempo sufocante que atravessamos? Tenho quase 88 anos, assisti a diversas revoluções, mas infelizmente não assisti à REVOLUÇÃO. Criadores geniais foram o Magritte, o Rimbaud, o Duchamp, o Lautréamont, o Picasso, o Chirico, o Breton. Olho à minha volta e vejo *seguidores*. Os grandes ensaístas como Nadeau, Carrougues, Schuster etc. etc., calaram-se. Não será por demais notória uma certa degenerescência? Felizmente nunca me reconheci como um *artista* ou como um *intelectual*, e já não devo andar por cá muito tempo. Evidentemente, caro amigo, que se trata de uma conversa muito particular, mas não menos inquietante, só possível pela simpatia que desencadeias. Por causa desta expo de Coimbra com um tal Miguel *precipitadamente* surrealista, a minha visão é hoje pouco luminosa. Estranhamente, este zurrealista português foi imposto ao surrealismo português por gente como Her de Vries, Arnost Budik, Jacques Lacomblez, Laurens Vancrevel, e principalmente Guy Ducornet, usando argumentos risíveis como que *é necessário abrir a porta aos jovens, ele é muito simpático e entusiasta, ou tenho grande experiência da vida e acredito nele*. Não tem sido fácil, pois se trata de pessoas com que há anos troco amistosa correspondência, e que mesmo nas circunstâncias deste desacordo, elegiam calorosamente as minhas atitudes e a minha obra. Não esperavam eles que deste país, absolutamente distante, viesse uma posição firme como a minha. Sempre repeti que não sou infalível, mas que esse Miguel tem muito mais esperteza do que inteligência. Meteu-se em casa do Cesariny talvez um ano antes da sua morte, e fez por lá o que muito bem lhe apeteceu. Comigo tentou, evidentemente sem sucesso, o mesmo projeto. A grande maioria dos que se classificam como surrealistas aderiu a esta expo, que passou completamente desapercibida, ou foi aceita apenas como

mais *expo de pintura*. Um dos argumentos usados pelos que sustentavam o Miguel era de que esta expo era *quase* igual à expo realizada em Chicago, sem querer compreender a distância imensa que vai do público de Coimbra para o público de Chicago. No entanto, outros surrealistas de para lá desta fronteira me dão o seu acordo. Por agora, prefiro não revelar nomes, mas há o caso curioso de um deles me contar que o Miguel comprou duas pequenas obras desse pintor e contra a vontade do pintor as pendurou na expo. Outros me sugerem que isso teria acontecido mais vezes, apesar da insistência das cartas recebidas. Também o Juan Carlos Valera, de Cuenca, me dá conta de se ter negado a executar uma encomenda do Sérgio Lima. Quanto ao Miguel, parece-me evidente que dali sairá, mais tarde ou mais cedo, um Grupo Surrealista de Coimbra, ou uma Galeria de Arte, tendo ele por agora tanto relacionamento com pintores surrealistas profissionais. Em fins deste mês terá lugar A MINHA ÚLTIMA EXPOSIÇÃO. Há trinta e tal anos que vivo da pintura, mas isso foi uma inevitabilidade, não uma opção. Para esta expo fui convidado pelo Museu Amadeu Souza Cardoso do Amarante, que aceitou que a expo não fosse comercial, e que expusesse um *Objeto de viagem*, de que te envio fotocópia. É difícil dar ideia do projeto, mas os quadros estarão em permanente movimento, na pretensão de que isto não seja apenas uma exposição de arte. Evidentemente que não inventei nada, retomei a ideia de um teto de sacos de carvão suspensos, da Exposição Internacional do Surrealismo em Paris, em 1938, e com uma teia de fios diante de cada quadro na expo de New York, em 1942. Enquanto o Mario Soares (meu admirador...) pede o auxílio das religiões à política, eu exporei, tanto quanto possível, outros caminhos da Liberdade, ainda possíveis. Com uma *mise-en-scène* surrealista, que esteja pelo menos no caminho da Poesia, obrigando o quadro a olhar para nós mais intensamente do que nós olhamos para ele. O que posso esperar de um momento de intensa estupidação?

Mais uma vez peço que desculpes todo este excesso. O mais forte abraço

Artur

[11 de julho, 2008]

Caro Floriano

Não sei se já te enviei o catálogo desta (sentidamente) minha ÚLTIMA EXPOSIÇÃO que (lembração do Magritte) se intitula ISTO NÃO É UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE.

O catálogo escapou ao meu controle, e só me satisfaz o texto do Sarane Alexandrian referindo a ausência de traduções em francês ou em inglês do surrealismo que se fez ou faz aqui. Estiveste aqui, e assim sabes como os portugueses se devoram uns aos outros, até desaparecer o mais pequeno testemunho! Só por trágica cobardia não aconteceu ainda uma guerra civil, não tendo ninguém a ver com ninguém. Dos surrealistas *existentes* aqui, nenhum apareceu no vernissage desta minha exposição. Gosto de posições claras, e esta não pode ser mais clara. A expo é fotogênica, mas as fotos que tenho são péssimas. Como os quadros estão todos em constante movimento, só resultará quando filmada. O projeto é: todos os quadros em movimento, paredes pintadas de preto e o chão recoberto de areia. Não consegui uma iluminação especial e um fundo sonoro com vozes de galos, burros, cães etc. etc. Mesmo assim a expo corresponde à exigência de SER A ÚLTIMA, e parece suficiente para ofender críticos e ensaístas, que ainda não escreveram uma única palavra. A verdade é que o presente nunca me interessou muito; se daqui a 50 ou 100 anos alguém se lembrar desta minha passagem pelo mundo... me dará muita satisfação. Estou quase a perfazer os 88 anos, e já não tenho muita vontade de brincar à genialidade, ou mesmo à celebridade. Em diversos momentos, por exemplo, no que refere o miserabilismo ou o abjecionismo, sempre enfrentei com o meu desacordo o Cesariny. Durante uns 30 anos encontrávamo-nos quatro ou cinco vezes casualmente, mas corria entre nós um subterrâneo fio de estima que, se hoje o evoco, corro o risco de ser mentiroso, ou interesseiro. Mas cada vez mais a figura do Cesariny se ergue afirmativamente desta palhaçada que, infelizmente, está a atingir o próprio Surrealismo. Falo-te dos problemas daqui, ignorando quase por completo os problemas desse imenso Brasil. O Sérgio Lima merece todas as referências do Surrealismo europeu, mas eu não posso aceitar a sua vaidade extrema, que toca o ridículo. Estou a preparar uma carta à Fundação Cupertino de Miranda, estranhando, por exemplo, que, usando a designação de Centro de Estudos do Surrealismo, nenhum surrealista ali seja ouvido. Aquela Fundação é uma preocupação quanto ao futuro. Agora

exibem a maquete de um novo e dispendioso edifício, mas eu pergunto se não valeria mais à pena gastar todo esse dinheiro na aquisição de obras que de fato justificassem a construção de tal edifício.

Como já não me posso deslocar estou aqui como um prisioneiro; daí estas cartas excessivas, de que muito me desculpo. Esse Brasil atrai-me, e constantemente lamento não ter tido TEMPO para chegar aí. Mas como sabes África foi o meu PARIS.

Além de tudo isto que aqui te digo é enorme a minha preocupação, pois o Eduardo está de fato muito mal, e não sei por quanto tempo a sua *força de vontade* lhe permitirá tratar dos meus assuntos. Com todos os seus muitos defeitos, ele ia inventando o dinheiro necessário para cada mês. Quando ele desaparecer, incapaz como sou de tratar desses assuntos, não sei o que acontecerá.

Dá-me as tuas notícias, pois aprecio o sonho imenso que é o teu.
O mais forte abraço

P.S.: A Il vem de Paris a Isabel para ver a expo. Encontramo-nos em Amarante à sombra do Pascoaes e do Souza Cardoso... E de novo os agradecimentos por tudo o que me envias.

Antm

[21 de agosto, 2008]

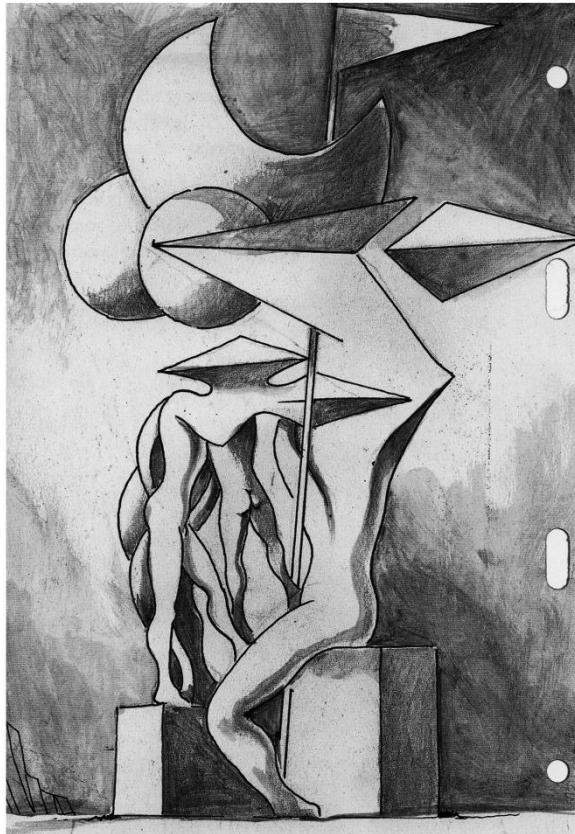
Querido Floriano

É um prazer comunicar contigo. Envio-te outro catálogo de outra exposição que com insistência me foi solicitada. É de novo na província, e nela nada está à venda. O mesmo silêncio da parte dos críticos e ensaístas, aliás que se dizem grandes amigos meus e grandes admiradores... Já pouca esperança me resta naquela Fundação de Famalicão, Centro de Estudos do Surrealismo, que há mais de 30 anos nasceu do sonho comum de um genro do Cupertino de Miranda e meu... Mantém como triste programação roer os ossos do Cesariny, que infelizmente perdeu muito tempo a fazer da sua vida uma espécie de teatro popular. A partir daí incríveis surrealistas se geram! Respondo pela genialidade do Cesariny, mas de fato grandes contradições o subjugavam. A Espanha tinha espaço suficiente para as contradições do Dalí, mas aqui há sempre uma sufocante falta de espaço. Quantos esquecidos foram necessários para que o mundo reconhecesse um Fernando Pessoa? O Cesariny, ao entregar-se inteiramente em fazer da Vieira da Silva uma surrealista, fechou a porta do surrealismo em português, pois o Breton e seus companheiros não aderiram apaixonadamente à pintura da Vieira, que não tinha a violência, por exemplo, dos do Grupo Cobra. Envio-te uma entrevista a que acedi, mas que é violenta, em relação ao espaço tão limitado do país. Temos, por exemplo, uma *revolução* com uns 30 anos, que ainda não descobriu aquilo que, por facilidade, se designa por *cultura*; os museus que temos são desesperadores, pela ausência dos que anunciaram um mundo melhor. Estes meus 88 anos entusiasma-se com a tua capacidade de trabalho, de imaginação e de realização. Admiro a distância que vai de ti para outros, que tornam o surrealismo acadêmico. Agradeço os livros em que figuro, como agradeço aqueles em que não figuro. É com muito desânimo que vejo aproximar-se outro Natal e outro Ano, que venha destruir as frágeis esperanças que nos deixou o 2008.

Querido Amigo, o mais forte abraço e os melhores votos, nesta nossa cumplicidade.

António

[20 de dezembro, 2008]



Caríssimo Floriano Martins

Recebi ontem o Fernando Alves dos Santos que folheio e releio com prazer, além de que gostei, e ele também gostaria, de me ver na capa. O surrealismo em português precisava de quem *no presente* fosse capaz de organizar toda uma programação, e a cumprir, durante por exemplo um ano, saltando por cima das más relações que infelizmente existem entre os três ou cinco gatos que ainda se dizem surrealistas. Nada deste projeto tem a ver com o que se vai fazendo, casual e sem projeção na Fundação de Famalicão, por maior que seja a boa vontade do Cuadrado. O livrinho foi uma surpresa, porque já pouco ou nada espero. Para si, os meus agradecimentos especiais – porque se trata de si, porque se trata desse Brasil imenso.

Como é possível que não seja possível levar aí e trazer aqui expos do surrealismo daqui e daí? Quantos anos serão necessários para que apareça um novo Dada, um novo Tzara, um novo Breton, um novo Chirico etc. etc., que renovem aquele grande sopro de Liberdade? Todos os dias me lembro daquele Fernando Alves dos Santos que me procurou angustiado na “Caverna” onde vivi (1982/1989) no meio dos campos do Algarve, a lamentar-se do abandono ou da ausência do Cesariny. Que podia eu fazer? Apenas aquilo que fiz, que foi confirmar a minha solidão. Geralmente as pessoas precisam pertencer a grupos, precisam de estímulo. Eu afinal passei a vida sozinho, e sempre a desenhar o que me foi possível, a escrever o que me foi possível. Foram quase dois anos metido num navio, foram 14 anos de África, foram uns sete anos de S. Brás de Alportel, e foi o que aconteceu até hoje, o distanciamento entre os surrealistas que já referi, e aquela fundação de Famalicão, onde nenhum surrealista é ouvido. Destas coisas digo talvez alguma coisa numa entrevista para que fui solicitado pelo *Sol*, e que lhe envio.

Não refiro a poesia do Fernando, porque a conheço, dita por ele, em longas caminhadas pelas noites de Lisboa. Nada é simples, e o Cesariny não o era em absoluto. Os opostos tinham lugar nele. Quando voltei de África procurei-o, e por um momento voltamos aos anos '40/'60, mas depois veio a *revolução*, que eu não soube, não quis ou não pude tomar como minha. E o Cesariny a *fazer* surrealista a Vieira da Silva (pessoa estimável e grande pintora), mas que os surrealistas não quiseram... E morreu muita gente que

não devia ter morrido. O desaparecimento do António Maria Lisboa foi o mais dramático que é possível para o Fernando. Nada o podia substituir. Porque era inesquecível A MALA do Fernando, que esteve na expo de 1949, um dia descobri uma idêntica na Feira da Ladra, e a ofereci à Fundação para simbolicamente representar a OUTRA. É por demais conhecida a “presença” de dois ou três nomes sufocantes, que dão o mais ridículo dos saltos por sobre o surrealismo. O prejuízo é deles, pois um dia alguém vai notar esse silêncio, que atinge, por exemplo, a plenitude no Alexandre O’Neill, de que guardo, escrito pelo punho do Cesariny, *pas de tout poète...*

Nunca esqueci essa visita do Fernando à minha “Caverna”. Depois encontramos-nos mais duas ou três vezes, sempre com um fundo dramático. E como se tudo isto não fosse suficiente, tinha ele um filho deficiente, que o inquietava.

Por agora espanto-me de ter chegado a este 2009! O mistério é o mais importante personagem do meu dia a dia...

O meu mais forte abraço para o ilustrador, para o editor, para a quantidade de sonho que está presente nesta edição. O mais grato abraço para si do

António

[01 de janeiro, 2009]

Caro Floriano Martins

Mil desculpas por este longo silêncio. Acredite que estou a fazer apelo a todas as minhas forças para continuar este dia a dia. Trata-se de quase cegueira e já quase surdez. Posso dizer sem exageração que há uns cinco meses a velhice pouco tinha a ver com a velhice que hoje tanto me perturba.

Outra grande razão de perturbação tem sido o desaparecimento de 127 cartas que o Cesariny me endereçou (em que se incluíam as cartas de sua prisão em Fresnes), que em 1993 tinha depositado na Biblioteca Nacional, e que agora iam enfim ser publicadas pela Fundação de Famalicão e pela Assírio & Alvim, em edição que prometia ser muito cuidada.

Também muito perturbador é que tenha aceito uma alta condecoração, solenemente, das mãos do Presidente da República. Também o Cesariny aceitou tal distinção, mas continuo a pensar que, um surrealista, não deveria aceitar. Não é fácil recusar, quando se faz parte de uma sociedade organizada, que em princípio admite a liberdade de pensamento. E recusar seria apenas um pequeno escândalo, na lista infundável de escândalos que alimentam a maioria. Julgo que defini a minha posição a um jornal, no próprio dia em que a condecoração me foi imposta. Com o humor possível, direi que condecorar um surrealista é um ato surrealista...

Também é triste ver o encantamento com que, para além desta fronteira, é escutado um tal Miguel de Carvalho, que consegue ser ouvido porque imita as colagens que Max Ernst fez nos anos 1920, e porque realizou um ficheiro (esse sim, genial), com que é fácil convencer gentes distantes de que o surrealismo daqui vem dos anos 1940, contra as inúmeras fechaduras, de toda a espécie, de um estado católico-fascista. Acredito num surrealismo ETERNO, e não estou de acordo com os que fazem sua publicidade com vistas à quantidade, não à qualidade. A ideia que tenho do surrealismo exige a qualidade, não a quantidade.

À falta de imaginação, para preenchimento do espaço, estou a rasgar papéis, que não têm valor arquivístico, embora através deles advenha um excesso de recordações.

Felizmente aquela Fundação Eugenio Granell, de Compostela, enviou-me dois livros publicados que me esforço por ler, e que se

intitulam *Artículos políticos e Correspondencia con Eugenio Granell (1936-1999)*.

Assim que me for possível dedicarei todo o tempo que o surrealismo e meu Amigo merecem, aos seus e meus projetos. Junto envio um *Diário-não diário*, dos muitos que fiz, e se perderam, deixaram roubar, foram dados. Esta galeria editora está longe de ser ideal, mas *faz coisas*, o que já é de festejar neste tempo ainda mais surdo e mais cego do que eu o estou. Este Caderno é a terça parte do original...

Os votos de boa saúde e o forte abraço

Antm

[15 de junho, 2009]

Amigo Floriano

Trata-se de um bilhete a reafirmar que estou ainda vivo, não esquecendo as vossas amigas propostas. No entanto estive uns 12 dias em Paris, e em Bruxelas, a ver o Museu Magritte. Os meus 89 anos tiram todo o proveito destas viagens a ver museus, e gentes, são diferentes das que temos por aqui.

No século XVI fomos nós, os CIVILIZADOS, a visitar os SELVAGENS; agora somos nós verdadeiros SELVAGENS, a visitar os CIVILIZADOS... Por certo exagero..., mas a Arte foi sempre exageração. Que exageração me é sempre estar diante de um Cézanne, de um Douanier Rousseau ou de um Ernst. E aquele novo Musée du quai Branly, onde de fato tantas civilizações dialogam, e se afirmam, e que ainda me era desconhecido! Tudo isto para não falar no avião, obra-prima, que me deixa sempre atônito com a sua percentagem de IMPOSSÍVEL...

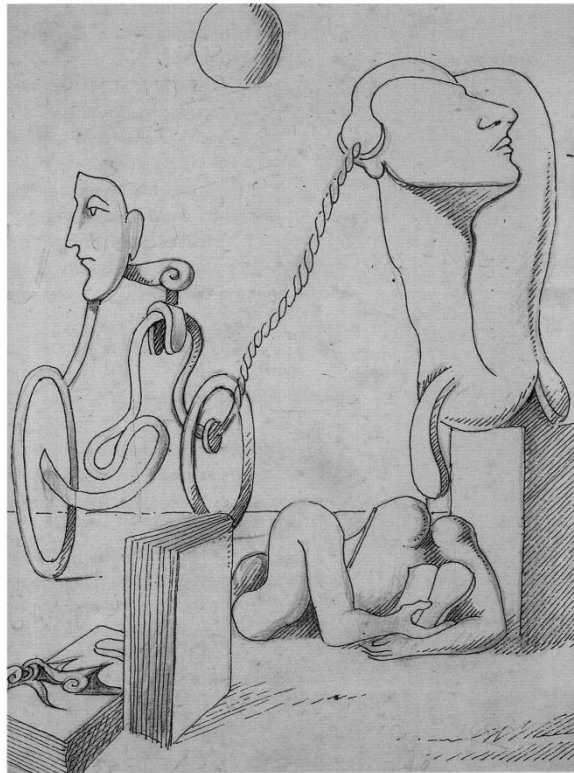
O Surrealismo é que lá, como por aqui, está doente... mas, como Schuster, acredito-o ETERNO.

A minha saúde é que desacompanha tudo isto. São muitas as surpresas, impiedosas. Estou tanto quanto possível do lado de fora...

Com os melhores votos, o abraço de sempre do

Antm

[09 de setembro, 2009]



Muito caro Floriano

Não sei como escrever esta carta, pois se trata de meses de silêncio, de muito difícil justificação. Conto com a tua amizade, com a tua sensibilidade. Sei que as minhas justificações dificilmente podem ser compreendidas por outra pessoa. Este silêncio estende-se por todos os surrealistas, através do mundo. Coisa igualmente certa é a estima que tenho por ti, e o apreço pelo teu percurso. Digo-te que estes 89 anos, embora não de forma festiva, me trouxeram a sensação de que fiz o possível, que deixo nas vossas mãos um testemunho por vezes marcado de dificuldades de toda a ordem. O ciclo fechou-se com esta quase completa cegueira, que me impede de ler, de desenhar etc. etc. Um rosto a 50 centímetros de mim é apenas um borrão! Isto é desesperador, e nesse desespero se comprometem os meus dias. Possivelmente já nada iria acrescentar ao que realizei, mas também, para lá da falta de vista, creio que a fonte secou, e a minha sede continua imensa. Além disso partiram todos os mais próximos, como o Cesariny, o António Maria Lisboa, o Mário Henrique, o Júlio, o Jaguer etc. etc., o que em cada dia reafirma uma enormíssima solidão. Há um vasto público distante que me ama *ou julga amar*, mas esses são os labirintos em que por certo me perco. Passo os meus dias a rasgar velhos papéis, em preparativos de *partida*. Fujo desta loucura coletiva, que a cada dia se torna mais e mais insuportável. Não é nos políticos que acredito, é na Poesia, pois ela foi o pão, a cama e o amor, da minha vida. E fujo dessas gentes insuportáveis, cotidianamente com incríveis propostas de dinheiro, de dinheiro, de dinheiro. De todas as leis morais desta civilização, há uma que defendo com ardor, e que é a honestidade. Eu vejo o quadro ou o veleiro em sua totalidade de quadro e de veleiro, sem números perturbadores.

Já não sei se te enviei o catálogo de uma exposição realizada no grande átrio da Universidade, a convite, o que é curioso, pois tenho dito e repito-o que a Universidade é a grande responsável do mundo de hoje, pois por ela passaram todos os que detém o poder. Evidentemente que não era uma *exposição surrealista*, mas atrevo-me a julgar que o era pela força das obras apresentadas, do pequeno formato dos meus desenhos aos dois metros que algumas tapeçarias atingiam. Além do que, alguns dos meus “Desaforismos” estavam transcritos pelas paredes. Envio-te uma entrevista então

acontecida. Estimo muito o texto do Sarane Alexandrian, de que assinalo o esclarecimento histórico do surrealismo português, perante o surrealismo universal, perante a mentira da Nora Mitrani, do O'Neill, do José Augusto França. Depois desta, já tive mais duas exposições, sempre a insistente pedido, e com trabalhos evidentemente executados há alguns anos. Digo francamente que parece que não tenho muito de que me envergonhar, pois nunca fiz pontaria a coisas como *atelier*, e à designação que me parece odiosa de *artista*.

Envio-te também um filme que me foi solicitado pela TV. Foram inúmeros os desacordos, mas agora espero a tua opinião.

A Fundação de Famalicão vai mostrando o rico espólio surrealista que possui, mas quase sempre se fica por Famalicão, e por um público por demais restrito. De uma dessas expos te envio o catálogo.

Temos que reconhecer, tristemente, que o mundo está cheio de CONTINUADORES, quando se queria um novo Picasso, um novo Lautréamont, um novo Freud etc. etc. Não sou o Cruzeiro Seixas que tu e eu desejávamos. Aos 89 anos, verifico que não fiz metade do que queria ter feito. Mas agora, confesso-te, que a morte é a minha grande e última paixão.

Se te causei algum transtorno, as minhas desculpas. Com toda a minha admiração, os melhores votos e o mais forte abraço do

Tive há dias a visita do André Coyné, velho amigo do tempo em que ele aqui permaneceu numa Universidade. apareceu-me agora quase mudo e numa cadeira de rodas. Ele foi companheiro do César Moro, poeta enaltecido pelo Breton. São impressionantes estes reencontros.

No fim do ano, a pedido da filha do Eugenio Granell, realiza-se em Compostela uma expo de obras do Cesariny e de minha autoria. Do trabalho de realização da expo encarreguei a Fundação de Famalicão, que tem um espólio notável.

O surrealismo existe nos livros e nos quadros, nas bibliotecas e nos museus.

O que é fácil anda pelas tuas, mais ou menos diminuído.

O Miguel de Carvalho tem grande aceitação para lá desta fronteira!

Não falta quem tome o surrealismo como uma estética, ganhando dinheiro e posição social. Eu tenho a exigência de quem começou com uma ditadura nos distantes anos 1940 e está no fim da vida.

Antm

[22 de abril, 2010]

Muito caro Floriano Martins

É por demais difícil ser português e ser Cruzeiro Seixas, com estes meus 90 anos. Sonho todos os dias e todas as noites com o tal OUTRO LADO da vida. Tenho-me deixado roubar tanto, que agora é a Fundação de Famalicão que paga esta Residencial de Idosos! Sem essa ajuda estaria reduzido aos bancos dos jardins públicos, onde muito boa gente passa as suas noites. Evidentemente que tenho inúmeros admiradores, e até alguns sensíveis e sinceros. Agora está em Compostela uma expo de que junto o catálogo. Há meses propuseram-se oficialmente a prestar-me uma homenagem. Respondi-lhes que não queria homenagens, e se queriam uma exposição ela teria que ser metade obras do Cesariny, metade obras de minha autoria. Dizem-me com grande entusiasmo que a expo está bem montada, e que tem sido um sucesso. Não estive presente e fiz-me representar pelo Cuadrado Perfecto. Já não tenho forças para a deslocação e principalmente para o TEATRO que é sempre um vernissage. A verdade é que não fiz nada para ser homenageado; o que fiz foi porque me era vital desenhar e pintar. Imagina que agora estou quase completamente cego, e isso tornou quase completamente impossível desenhar, e principalmente ler. Na minha família não há memória de tal coisa. Isto tem-se acentuado de maneira dramática nos últimos quatro meses. Tudo o que agora tento fazer leva o dobro do tempo. Imagina que é impossível marcar um número de telefone.

São muitas as expos realizadas ultimamente, mas refiro principalmente uma delas, de CADAVERES EXQUIS com a Isabel Meyrelles, personagem do “Grupo do Café Gelo”, que vive em Paris, e que eu, já em África, não conheci. A Isabel é uma amiga dos anos 1940, mas nunca assinou qualquer Manifesto, não tem qualquer afirmação da parte do Cesariny, mas agora quer à força ser surrealista. Inevitavelmente uma certa tristeza me toma. Alguma alegria vem do texto do Sarane Alexandrian, de que recomento ler as primeiras linhas, e transcrever sempre que possível, pois lança luz sobre os personagens do Grupo Surrealista de Lisboa, e dos percalços que inevitavelmente nos afastaram de uma certa universalidade.

Também irremediavelmente repelente é o que se passa com um tal de Miguel de Carvalho, que consegue o apoio dos surrealistas da Holanda. Fez agora uma edição de uma revista dentro de um caixote de madeira, que é dificilmente transportável, e a que não

falta evidentemente a colaboração do Sérgio Lima. Há por ali muito mais esperteza do que inteligência.

Há também uma rapariga (uns 40 anos) que fez um *baralho tarot* a partir de desenhos meus. As cartas são evidentemente comercializáveis, mas além disso os estudos para as cartas podem dar uma interessante exposição. Infelizmente não há maneira de se descobrir um local apropriado à esta exposição.

Como vês, não te esqueço, e sensível como estou comovo-me por também não me esqueceres nos teus projetos. Estou certo de que o Surrealismo não morreu, mas há talvez um número por demais elevado de ADERENTES OU SEGUIDORES que o Breton detestava. Estamos perante um novo mundo, mas é com o Surrealismo que ele terá que dar os seus primeiros passos.

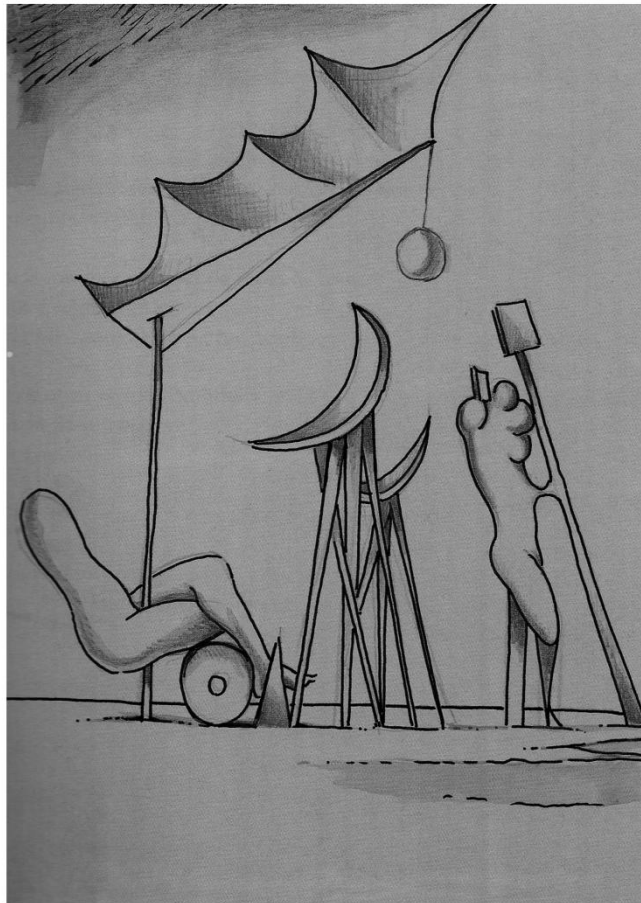
A Fundação de Famalicão arrasta-se enervantemente lenta, mas é tudo o que temos; assim, neste momento impulsiono-os para a edição das 120 cartas do Cesariny que possuo, e para que as futuras edições sejam bilíngues.

Aqui tens assinado o documento que me enviaste. Façam isso depressa, pois ainda gostaria de ver esse livro, e essa estimável colaboração.

O velho abraço e os melhores votos do

António

[27 de outubro, 2010]



Amigo Floriano

Estes meus 90 anos dificultam mais e mais os dias no espaço por demais restrito que nos deixam os da política e também OS DA CULTURA. Estou quase cego, é quase impossível ler e desenhar.

Por carta recebido há dias do Juan Carlos Valera (de Cuenca), sou que o Sérgio Lima está a preparar um CONGRESSO em S. Paulo. Dos projetos de Valera e da sua editora Menu há um projeto em que figura o meu nome e o de Arrabal entre outros. Assustam-me estas edições em grandes caixas como uma coisa ridícula (onde figura o meu nome sem a minha autorização) de um tal Miguel de Carvalho que conseguiu a façanha de por a Câmara Municipal da Figueira da Foz ao serviço do surrealismo...

Com a minha ausência de 14 anos em África, com os nove anos de ausência em S. Bras de Alportel e com o meu princípio de não me considerar *artista* nem *intelectual*, há muitos acontecimentos e gentes que desconheço. Daí remeter para a Fundação de Famalicão todos os projetos. Assim se passou com a exposição para que fui convidado em Santiago de Compostela. Para lá enviei o teu bonito projeto, pois eu não tenho dinheiro nem obras nem forças para resolver sozinho este projeto. A Fundação também diz que está sem dinheiro, mas eles possuem o maior espólio do surrealismo daqui legado por mim e pelo Cesariny.

Se essa exposição de S. Paulo se realizar porque não ser do Cesariny e minha como a de Compostela? Ou uma expo reunindo todos os históricos do surrealismo em português? Aos 90 anos tomo consciência do importante currículo que se formou à volta daquilo que desenhei e pinteie com textos de José Pierre, Sarane Alexandrian, Édouard Jaguer, Franklin Rosemont, Vancrevel, André Coyné etc.

Enfim, querido Amigo, creio que tudo está a ser tratado pela Fundação, pela Maria Estela Guedes que ainda não tenho o prazer de conhecer, retido como estou neste Lar de Idosos.

Festejo a tua imaginação e empenhamento.

Os melhores votos e o abraço do

António

[07 de março, 2011]

Muito caro Floriano Martins

Nunca estás esquecido e admiro muito a força da tua paixão. Devo-te notícia sobre o estado geral das coisas, mas principalmente sobre a Fundação de Famalicão e a tão tocante ideia de me expor em S. Paulo.

Quanto a mim é-me completamente impossível desenhar e ler. Podes calcular qual é o meu estado de espírito e a minha revolta. Apesar dos meus 90 anos não me posso subordinar a estas impossibilidades. Escrevo-te à máquina, mas é impossível reler o que escrevi. Também do ponto de vista material isto não é satisfatório, pois o que ainda tenho para me possibilitar as despesas do dia a dia é pouco e já com pouca representatividade.

Quanto à Fundação de Famalicão, que detém um espólio considerável legado por mim e pelo Cesariny, as coisas também não são animadoras, no que diretamente se refere à exposição que tão generosamente propões para S. Paulo. Quanto a mim, a Fundação deixou-se tomar de assalto pelo Fernando Lemos e ao que parece tem projetos em comum. Ora, parece-me que a figura mais alta do surrealismo daqui é o Cesariny, que sempre manteve uma posição justa sobre O GRUPO SURREALISTA DE LISBOA. Outra figura que tudo faz para se instalar dentro da Fundação é a Ana Hatherly que por diversas vezes negou ser surrealista! Perante o meu protesto escreve-me o Dr. Antonio Gonçalves que a Fundação tem a designação de CENTRO DE ESTUDOS DO SURREALISMO e assim se justificarão tais presenças. A esta *esperteza* contraponho que há muito a estudar sobre gente de fato tocada pelo gênio, como foi o António Maria Lisboa, o Herberto Helder, o Antonio Quadros, o Mário Botas, o Júlio etc. etc e até atendendo a que o Surrealismo não tem ou não deverá ter fronteiras referir antes do Lemos e da Ana tanta gente genial que ao Surrealismo foi de fato útil para além desta fronteira. Nada sei do surrealismo do Lemos no Brasil, aprecio mais aqueles que não fugiram ao Salazar e aqui viveram o seu sonho. Igualmente admiro muito mais os que desesperadamente combateram nas três frentes da guerra colonialista do que os que fugiram para Paris, para Londres etc. etc., e foram classificados como heróis. Herói é quem está presente, não quem foge.

Julgo que a opinião do Lemos pesará muito na resolução que a Fundação terá que tomar sobre a possibilidade dessa exposição. Também é verdade que a exposição teria que ser feita a partir do

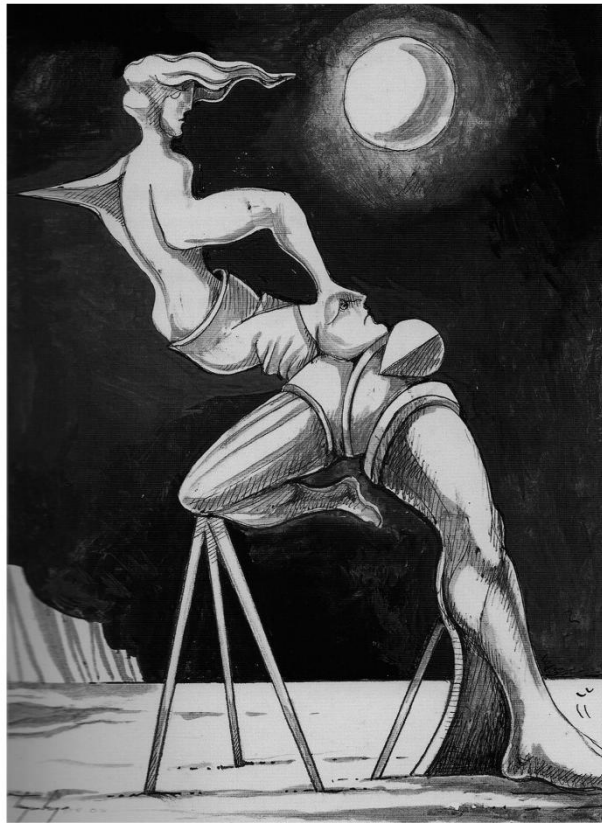
grande espólio que a Fundação possui. Não tenho eu obras nem dinheiro necessário para tal empreendimento. Quando apresentei o teu convite à Fundação propus que a exposição tal como em Compostela reunisse obras do Cesariny e minhas. Ou melhor, que a exposição reunisse obras de todos os do antigo grupo OS SURREALISTAS que pela primeira vez expusemos em 1949. Indiferente a tudo isto a primavera afirma se o mar ainda é azul...

Os melhores votos para ti e para os teus familiares e amigos. O mais forte abraço

P.S.: À falta de melhor, desculparás que te envie estas serigrafias publicadas recentemente. A maioria foi feita a partir de aquarelas feitas em grandes viagens de extrema a extremo de Angola, quando a muitos quilômetros da *civilização* a carripa se avariava ou se enterrava na lama...

António

[s/d, 2011]



Caríssimo Floriano

Não te esqueço, mas a vida tem se complicado de maneira insuportável. Imagina que ao peso e à enormíssima solidão dos 93 se aliou a cegueira que por agora já não me permite ler uma linha nem desenhar. Além disto estou aqui como uma espécie de prisioneiro desta Fundação, pois não soube ou não quis fazer dinheiro suficiente para me manter em Lisboa. Tudo isto coincide com a partida dos da minha geração. Esta Fundação tem um espólio que dava para uma interessante programação, mas o único gesto intelectual aqui é há uns 30 anos repetirem as mesmas exposições a partir daquilo que lhes leguei...

Muito agradecido pelos livrinhos que me enviaram e que são uma amostra do que poderia e deveria ser feito com o surrealismo de Miró, de Artaud, de Max Ernst etc. etc., porta aberta para o futuro que parece amedrontar uns e outros e manter este mundo em vil tristeza.

Não te proponho recomeçar este fluxo de correspondência, mas estarei sempre curioso do que fazes. As tuas notícias são sempre desejadas.

Os melhores votos e o mais forte abraço do velhíssimo

Artur

[s/d, 2013]

Amigo Floriano

Recebi a tua estimada carta com o atraso de mais de um mês! Isso acontece com toda a correspondência do Brasil.

Foi uma alegria, neste meu triste fim de vida, tomar contato contigo e com os sonhos realizáveis que vivem em si.

Eu vivo como um prisioneiro desta Fundação aqui em Famalicão, onde nada acontece e, como se isto não fosse já suficiente, há a minha cegueira que não me deixa ler nem desenhar e a morte dos que ainda restam da minha geração. A solidão é absoluta.

Pelo Laurens Vancrevel, soube de uma exposição que o Sérgio Lima vai organizar em Coimbra, e temo que seja em colaboração com um tal Miguel de Carvalho que nada tem a ver com o Surrealismo.

O mundo atravessa um momento difícil, mas apaixonante, que é necessário agarrar com todas as forças. Se como dizem as estatísticas, o livro está em decadência, julgo eu justamente que com todas as nossas forças às edições nos devemos agarrar e do surrealismo não falta o que editar e o que reeditar, bilíngue ou trilingue. Evidentemente até entrar pela janela dos políticos que com o Surrealismo tanto têm a aprender.

Volto à minha cegueira para lembrar que para responder ao teu questionário seria necessário consultar livros e apontamentos, o que agora se torna impossível.

Por outro lado, julgo que os ensaístas ficaram pelas primeiras experiências do surrealismo, fossem eles Michel Butor, Carrougues, Ferdinand Alquié etc. etc. O que se seguiu está ainda nas gavetas e no enquanto quanto é necessária a voz desses que esclarecem ou por vezes aponta a novas portas.

Na impossibilidade de desenhar ou ler, tem-me acontecido mais alguns *objetos*, um deles de homenagem a Duchamp e outro apenas de sentido poético. Julgo que os *objetos* que me aconteceram ao longo dos anos mereciam a publicação de um álbum. Mas como conseguir Editor? Também a pintura que fez o Cesariny, a do Carlos Calvet, a do Areal, a do António Dacosta, poderiam formar uma exposição interessante, Expo a sair desta apertada fronteira, mas como conseguir o dinheiro necessário? As gentes que no estrangeiro se interessam pelo caso português, como José Pierra, Sarane Alexandrian e Édouard Jaguer, morreram.

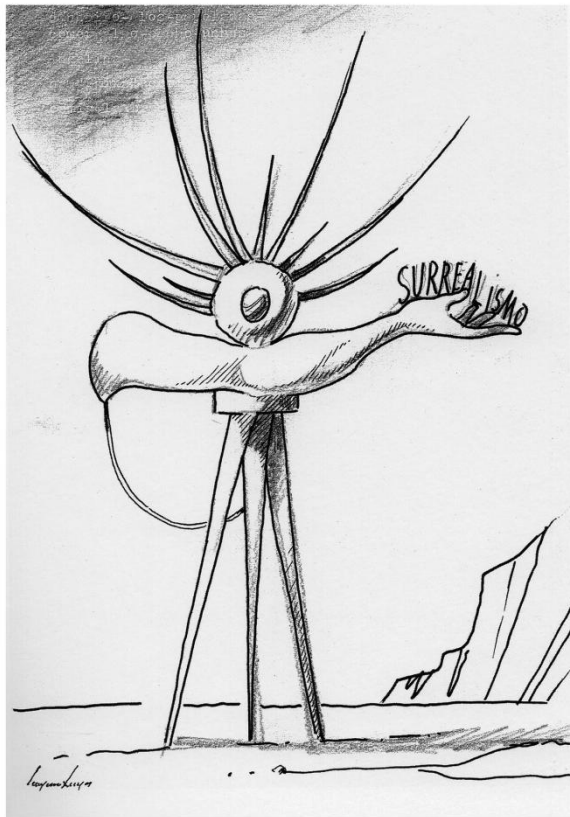
A exposição minha recente, que referes, inclui principalmente documentação que faz parte do vasto espólio da Fundação, realizada aqui em Famalicão para um público muito restrito. Há um ditado antigo que diz: *Portugal é Lisboa; o resto é paisagem...* Um dos erros da Fundação foi o de todas as suas edições serem apenas em português, quando pelo menos deveriam ser bilíngues.

É de novo com alegria que saúdo este início de nossa correspondência.

Os melhores votos e o forte abraço do

António

[s/d, 2013]



Querido Floriano

Por quanto tempo suportará o mar todos os detritos da Terra. É uma das primeiras perguntas que nos podemos fazer acerca do futuro da Humanidade.

No dia a dia as respostas que temos são sempre reacionárias, isto depois do Surrealismo ter aberto uma das portas do conhecimento, isto quando lá dos confins do Brasil a tua voz soa como uma fonte. Evidentemente que gostaria de não estar cego como estou e poder reler tudo o que Breton e seus amigos nos deixaram.

Evidentemente que guardo a recordação do que vi de Max Ernst, de Chirico, de Duchamp, ou Facticeur Cheval etc. etc.... nos legaram como essencial à medida do Homem. Aos que querem colocar-me entre os *Artistas* sempre disse e repito que o que fiz é apenas um *depoimento* ou alguns testemunhos.

Imagina que alguns personagens daqui, alguns já de propecta idade, formaram um grupo surrealista que certamente nada acrescentar ao que tenha já sido feito! É lamentável.

Temos à nossa frente um novo ano e o projeto que ainda tenho é de que sejam possíveis algumas publicações bilíngues. Sonho com exposições itinerantes, mas para isso não há dinheiro, é preciso que o mundo saiba que nós temos o mais representativo quadro do Bosch. Confio em ti, admiro-te muito.

Termino com os melhores votos para com o mais forte abraço enviar-te uma antiga serigrafia

Antm

[Fevereiro, 2015]

Muito querido Floriano

Continuo a escrever de famalicão e completamente prisioneiro desta Fundação que nada tem a ver com o Surrealismo. Os meus 94 anos são um peso imenso que arrasto com muita dificuldade. Não soube ou não quis fazer dinheiro e hoje a situação é desesperadora, sem amigos próximos pois os da minha geração partiram todos.

Restas tu e mais uns poucos e de vez em quando uma boa notícia como são as do teu trabalho e da tua luta, e agora essa exposição da Costa Rica e o teu contributo à minha presença.

Há aqui muito material para publicações, mas já não vou ver nada publicado. Sonho com um álbum bilíngue com a obra do Mário Henrique Leiria que está tão injustamente esquecido. Há muita coisa minha que daria livros como o Cesariny dizia *doente à força de esplendente saúde* e há exposições que aqui podiam ter sentido, neste momento, mas onde arranjar quem colabore com a força necessária?

A documentação para esta expo da Costa Rica chegou às minhas mãos dias depois de extinto o prazo de envio das obras. Além de que não dizem quantas obras devo enviar e se aceitam *objetos* e se há seguro das obras.

Nada mais posso fazer, mas o Surrealismo ocupa todo o espaço da minha vida. É bom saber que alguém nos confins desse imenso Brasil tem um coração palpitando ao mesmo ritmo. Creio que a política hoje é uma doença infectocontagiosa contra a qual é necessário lutar veementemente.

Como é possível que tudo o que desenhei, pintei, escrevo etc., etc., me desacompanhe tão completamente, hoje?

Onde estará o jovem que não se mostre quase indiferente perante o que fiz? A maioria parece achar que se trata de um excesso inútil...

Quem não se alimentar de mistério vive de fato?

Meu querido Floriano, o que tenho para te dizer são verdades a que chamam mentiras.

Artur

[Março, 2015]

Amigo Floriano Martins

Quando não há outra distância entre as pessoas, surge esta distância física, dificulta o mais simples gesto. Há sempre distâncias a considerar como esta dos meus 94 anos. E também o ter eu escrito há anos que quando me designam como *artista* ou como *intelectual* é como se me dessem uma bofetada...

Além de tudo isto não posso ler uma linha e estou a viver uma situação desesperadora, aqui, prisioneiro da Fundação Cupertino de Miranda, que nada tem a ver com o Surrealismo. Há uns 50 anos acreditávamos, o Cesariny e eu, que esta Fundação poderia ser um local de convívio surrealista e a ela foi dado ou vendido um espólio notável. Esse sonho desmoronou-se com a direção de um católico e a presidência de um outro que diz preferir a POP ao surrealismo.

Por muito impossível que pareça eu não quis ou não soube fazer o necessário para ter um mínimo de dinheiro para os gastos do dia a dia. *Generosamente* mantenho-me aqui neste Famalicão onde nada acontece, por cama, mesa e roupa lavada.

Cego e sem poder dar um passo que não seja amparado por outra pessoa, o que posso eu fazer? Não julgues, querido amigo, que tive alguma vez coisa parecida com um atelier. Meus pais precisavam do meu apoio e desisti de frequentar Liceus ou Faculdades, desde 1946 estive sempre retido em empregos que apenas deixavam livres o sábado e o domingo. Como fiz as centenas de obras que fiz nem eu sei e destas foram tantas as que dei e deixei roubar que hoje nada tenho comigo. O que figurar na exposição da Costa Rica será emprestado pela Fundação...

Acredita que me pesa muito dar o necessário relevo a esta história, mas que fazer se ela é de fato a história da minha obra? Não foi sórdida nem teatral e isto me dá alegria porque creio só reflete no que fiz.

Esta velha máquina avariou e aqui são necessários alguns dias até que alguém faça a reparação necessária...

Tudo aqui ocorre a este ritmo, a Cidália não é verdadeiramente minha secretária, mas sim secretária da Fundação.

Estaria aqui com o intuito de me espiar o que faço e o que não faço. Felizmente é boa rapariga e vê de que lado está a razão. Durante dias e dias com ela tenho ocasião de falar além das

empregadas que fazem a limpeza e das que trazem refeições. Pergunto de novo: o que posso eu fazer aos 94 anos e sem dinheiro?

Mas voltemos ao Surrealismo, e dele não se pode falar sem referir em letras grandes o MÁRIO CESARINY, enorme poeta, difícilimo de definir, deve-se-lhe pelo menos o ter sido o inventor do Surrealismo aqui. Também é verdade que levou à mesa de Breton, das duas vezes que por ele foi recebido, inimizades e intrigas com o outro grupo do António Pedro que o Breton achou que para inimizades e intrigas tinha as do grupo de Paris e não mais o quis ouvir, foi pena.

Era útil o livro que propões com a história que está por trás das cartas e outros depoimentos, mas morreram todos, o que é para mim grande espanto e aflição, pois eram todos mais novos do que eu...

Agora partiu um poeta enorme que ninguém escondeu a sua visão surrealista, o Herberto Helder, só a mim dedicou ele um poema e diversos textos para acompanhar catálogos e exposições. Transcrevo agora um deles:

*A beleza que devora a visão
Alimenta-se da desordem*

[Herberto Helder, *Última ciência*]

Por estas cartas verás que já dificilmente acerto no que digo e faço. Se a tua ideia de deslocação a Famalicão é comovente é preciso prevenires-te quanto à decepção que podes ter. Também na pintura o Cesariny deixou uma obra notabilíssima que noutras condições teria lugar em Paris ou em Londres. Gostaria muito que figurassem objetos da minha história nesta exposição, mas eles são para mim o futuro e temo nela a sua fragilidade.

Vou tentar escrever ao Alfonso Peña para lhe dizer que do livro apenas a Cidália me leu algumas páginas e é sobre elas que fundo a minha apaixonada opinião. Espero que compreendam as condições destes últimos anos de vida. Peço para transmitires a todos o meu abraço de estima e adoração.

A maneira mais imediata que o Surrealismo tem de se fazer conhecer é por intermédio de exposições, de edições e pelo comportamento moral de cada surrealista ético.

A minha experiência homossexual teve muito a ver com a paixão pela verdade e julgo que uma das razões do desencontro entre os Homens é o medo da verdade que perdura do Cristianismo. Tenho para mim que a maior parte dos homens têm experiências homossexuais na adolescência e abandonam por imposição da sociedade, ou porque de fato encontraram mais significado estético em outro corpo feminino. Evidentemente que nada tenho contra as mulheres, mas julgo que para serem aceitas de novo tiveram de abandonar muitos sinais de feminilidade. Hoje têm a estatura dos homens, perderam seios, têm uma desenvoltura masculina e a maneira delas pensarem não tem já a ver com a maneira de pensar de minha mãe querida...

Para terminar reconheço que fica para sempre tudo para dizer.

Com o mais forte abraço,

Antm

[09 de abril, 2015]

Caríssimo Floriano

Trabalho em excesso para os meus 94 anos. Não sei porque não estreitamos nós esta relação surrealista há uns vinte anos quando era maior a minha vivacidade de espírito. Hoje já bastaria o problema de andar, de subir ou descer uma escada, e surgem problemas de toda a ordem com esta Fundação, problemas com o meu saber e com o meu não saber, problemas com esta expo da Costa Rica etc.etc. Começo pelos problemas com a exposição; desde os primeiros contatos que me afirmo interessado no projeto, com três obras, como propõem. Acontece que já não tenho comigo nenhuma obra representativa e assim o empréstimo terá que ser feito a partir do espólio da Fundação. Será necessário estabelecer contato dirigido ao diretor, Dr. Antonio Gonçalves ou ao prof. Cuadrado Perfecto. A secretária Dra. Cidália é apenas uma intermediária pessoal, pouco ou nada preparada para acontecimentos a esta escala de grandeza. Também haverá por lá um desejo de me cortar as asas. São assim os organismos da cultura em todo o mundo, como tu tristemente me confirmas.

Envia-me um desenho meu em fotocópia perguntando se esse trabalho poderá figurar na expo, respondi-lhe imediatamente que não, pois esse desenho foi intervencionado por alguém tirando-lhe toda a representatividade. Apesar de lhe ter respondido imediatamente parece que essa carta ainda não foi recebida... Que fazer?

Quando recebi o convite foi um momento, embora breve, de dar asas ao sonho, e assim falei em enviar *objetos* que tenho como a arte do futuro. Para além dos meus próprios “objetos” referi os de uma rapariga de nome Eva que recobre meticulosamente de veludo carmesim máquinas de costura, betoneiras, telefones etc. etc.

Sei que nada tens diretamente com esta expo, mas também sei que o teu calor humano é capaz de chegar à Sibéria.

Quanto ao Lud, é tanto quanto possível um ingênuo. Dele só vi uma exposição num café. Encontrei-o duas ou três vezes, isto também porque eu tive grandes ausências de Lisboa, estando em África ou no Algarve. O Cesariny era a grande força do surrealismo e fazia o que queria ou o que podia. Depois da nossa grande expo de 1949, muita vida de café, muitas guerras surdas. A grande luta que era conseguir um editor. Era já mais do que era possível. Exposições definindo ao mais alto nível o surrealismo só foram possíveis quando dirigi a Galeria S. Mamede, onde foi exposto o

Areal, o Carlos Calvet, o Cesariny, o Gonçalo Duarte, o Raúl Perez, o Jorge Vieira, o Eurico Gonçalves e o Grupo Cobra e a coleção particular do José Pierre e Henri Henri Michaux, programação sensacional para a época, gente de grande cultura. O Areal e o Calvet, já falecidos. O Cesariny, acho eu, seria um grande pintor em qualquer local. Quanto a mim, que sou quase um estranho a mim mesmo, porque o que eu fazia era muito por impulso de Cesariny e do meu próprio não saber, falaram largamente, além do Herberto Helder, do Cesariny, do António Maria Lisboa, os críticos mais referidos, como o Rui Mario Gonçalves e gente sensacional como o Sarane Alexandrian, o José Pierre, o Laurens Vancrevel etc. etc. Digo e repito que o que os surrealistas podem fazer é editar livros, fazer exposições e manter em sociedade a sua posição moral. Era este o meu sonho realizável se não tivesse surgido com todo o seu peso a velhice, se a morte não tivesse levado os mais próximos. Exposições em que teriam lugar o Lud e muitos outros, pois a arte que vejo baseia-se naquela frase de Duchamp: *Pode o homem fazer obras que não sejam obras de arte?*

Hoje o mundo se desconhece; que sabe África de Aimé Cesaire, que, no entanto, figurava na folha volante da minha primeira expo em África em 1953? Estamos num tempo em que é preciso dar o salto diante dos olhos das pessoas para que nos vejam. Na S. Mamede expus também a Paula Rego e o Mário Botas. O Mário Botas era excepcionalmente inteligente. Tivemos muito tempo de calorosa camaradagem. Ninguém tinha olhado aqueles desenhos. Depois arranjou novos amigos, adoeceu gravemente e, sendo médico, viveu o tempo que lhe restava de vida. Deixou um legado a esses amigos para ter um museu em Nazaré, sua terra natal, e até hoje nada foi feito... Diversos álbuns estão publicados. Tenho originais e cartas que estão não sei em que condições na Fundação. Só em Lisboa se encontram estes álbuns e mesmo que estivesse em Lisboa não tinha eu dinheiro para tos oferecer como quereria.

Quanto à Paula Rego, ela diz que fui eu que a lancei, mas o que ela faz hoje pouco tem a ver com o que fazia quando fizemos relações, pois então ela colava sobre a tela peças de roupa e era sobre essa base que pintava aquilo que eu continuo a julgar como o principal da sua obra. Depois, em parte para agradar aos ingleses, começou a fazer obras com modelo vivo que são “A vida das criadas”, que ela quando adolescente ouvia, estando elas sentadas no chão a seus pés. Admirável pintora da realidade que poderia ter

nascido há mais de um século, menina rica, cujo avô já passeava por Londres. O surrealismo que há nela é o de uma força interior verdadeiramente espantosa.

Do que fiz posso dizer que prefiro os desenhos à pena, que não permite a festa que é sempre a cor. Depois encontro-me tanto quanto possível nos *objetos*, com tal força que o meu desejo de todos os dias seria o de uma GRANDE EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO OBJETO SURREALISTA, percorrendo algumas das principais cidades...

Está há anos para ser publicado um livro de *desaforismos*; um deles diz o seguinte: *Quando me designam como artista ou como intelectual é como se me dessem uma bofetada*. Além de ser difícil encontrar editor para nós, brasileiros e portugueses, há outra grande dificuldade, é que verdadeiramente só valerá a pena publicar livros bilíngues ou trilingues, pois os brasileiros, os portugueses e os de Angola e Moçambique... ainda leem pouco...

Esta carta teria o dobro de páginas se te falasse de coisas incompreensíveis como é por exemplo o surrealismo em França.

Por hoje fiquemos por aqui. Os melhores votos. O abraço velhíssimo do teu

P.S.: Ofereço gostosamente um catálogo do Mário Botas, pois tenho em duplicado.

Artur

[14 de abril, 2015]

Querido Floriano

As tuas cartas são apaixonadas e apaixonantes. Como eu gostaria de te ter conhecido há anos aqui e mais ainda esse Brasil de onde veio a minha família materna.

Retirando ao surrealismo a poesia de Lautréamont e de Rimbaud, que foram surrealistas sem o saber, parece-me que a pintura de um Chirico ou de um Max Ernst, um de um Magritte, Duchamp, Miró, Victor Brauner etc. etc. etc, podem deixar com a sua poesia pintada uma marca ainda mais forte que a dos poetas surrealistas. Aqui estão reconhecidos como os maiores poetas, 100 anos o Cesariny e nunca se declarando surrealista, o Herberto Helder, que só a mim dedicou um enorme poema e escreveu prefácios para exposições. Depois há o caso da morte prematura do António Maria Lisboa. Tudo isto para dizer a despropósito que o que eu mais amo é o teatro onde para mim se concentra toda a força do mágico. Isto talvez por falares no Lorca. Há anos fui à casa onde ele nasceu e não me deixaram entrar. É uma terra feia e nem há uma lápide, mas havia acampada à porta uma jovem americana que queria manter até ao impossível aquela intimidade com Lorca, numa terra onde só ela parecia existir.

Leram-me por fim o teu texto admirável publicado na *Ideia*. Digo admirável e repito, pois também aqui deplorei não poder voltar atrás e ler tantos nomes que ignoro. Agora tudo acabou e estas cartas são o reflexo do que não li tendo passado toda a minha vida a trabalhar para o imediato. Como desenhei e pinteí centenas de coisas nem eu sei. A “arte” ou mesmo o surrealismo não chegam ao grande público porque tem dois inimigos poderosíssimos, a religião católica e os grandes capitalistas dos jornais diários. No entanto, podemos congratularmo-nos porque a religião católica já não é a mesma que era há uns 50 anos. Junto a minha muito má fotografia do meu Cristo que já figurou em duas exposições. Há anos um surrealista francês, Guy Ducornet, enviou-me um Cristo em que dos braços erguidos ele fez uma fisga...

Será certo que a grande maioria será sempre cega, surda e muda; ou estamos no momento sublime do parto de um novo mundo? O desaparecimento da “família” parece-me também uma marca muito forte de mudança.

As nossas armas são fracas, mas, no entanto, ganham terreno. Faltam evidentemente exposições do surrealismo que não sejam somente “históricas”. Há alguns anos realizei uma exposição em

que os quadros não estavam nas paredes, mas pendurados do teto por um só fio, mantinham-se em constante movimento. Era bonito as pessoas terem que usar as mãos para os agarrar. Uma expo assim quase não teve referências do público, dos críticos e até mesmo dos surrealistas... As gentes das artes, de uma maneira geral, não ajudam muito com as suas invejas etc. etc. Infelizmente são, não poucas vezes, um *inimigo* a considerar...

Não posso deixar de repetir que é terrível isto de escrever com uma lente na mão esquerda que foca e desfoca o que quereria dizer. Também não é demais esclarecer que te envio simplesmente um catálogo do Mário Botas. Em Famalicão não há sequer uma livraria e eu não me posso deslocar sozinho ao Porto e, mesmo que pudesse, não tinha dinheiro para comprar um livro. Estou a viver inteiramente subsidiado pela Fundação como vago pagamento da coleção etc. etc. que lhes vendi. Casa, mesa e roupa lavada, e é tudo o que tenho – talvez com uma certa vaidade perante os artistas e os intelectuais que enriquecem como os merceiros.

Quando tinha algum dinheiro comprava pintura dos outros... E assim, por exemplo, um *Cadavre Exquis* de Breton, Eluard e Peret.

Para além de tudo isto, pergunto-me se o *objeto* não será a *arte* do futuro... E se não seria urgente volta a Dada etc. etc.etc.

Enfim, o Brasil foi *feito* pelos portugueses e é o que é, mas se tivesse sido feito pelos ingleses era outra América...

O mais forte abraço que bem o mereces, querido Floriano. Teu,

António

[Abril, 2015]

Caro Floriano

Aconteceu um indesejado intervalo entre a tua carta e esta devido às inúmeras dificuldades entre mim e esta Fundação de Famalicão. Escrevo-te do Estoril, onde vim descansar uns dias a olhar o mar, que é ainda hoje a mais fabulosa descoberta dos deuses, a que mais me comove, aquele movimento constante, como o corpo do homem, sempre insatisfeito. Estou, pois, por 15 dias aqui instalado num *lar* de velhos que a família ainda não se atreve a por simplesmente na rua. A solidão aqui é a mesma de Famalicão, pois os velhos só contam histórias de casamentos e batizados, e desesperanças semelhantes. Há dias ainda em Famalicão ganhou uma qualquer vitória um qualquer clube de futebol, e as manifestações nas ruas duraram para além das 24 horas. Enquanto isto eu via na TV um documentário da guerra de 1940 com os seus infinitos horrores e perguntava-me como é possível que toda esta gente das manifestações não veja que é para outra guerra, se possível mais horrenda, que estamos a caminhar. É verdade que as guerras prometem sempre um mundo novo – e que tudo fica sempre na mesma ou pior. Um primo meu, que é agora candidato à presidência da república, foi reitor geral universitário. Evidentemente que eu lhe disse que será pela via da cultura que o mundo se realizará, não pela política.

Envio-te o livro de um grande poeta (não dos mais lembrados), Camilo Pessanha, que, nos meios literários da época, era conhecido por Camilo Peçonha... Esta edição é acompanhada de desenhos meus e era uma satisfação para mim se sobre eles quisesses dar opinião, pois muito prezo a tua sensibilidade e isenção.

Aqui no Estoril dificilmente releio a tua carta, pois quem faz toda a leitura possível é a Cidália, que é uma espécie de secretária. A lente de que aqui disponho é insuficiente, mas vou tentar responder tanto quanto possível as tuas questões sempre muito apaixonantes.

A exposição que está agora numa galeria do Porto é decepcionante, pois a escolha foi feita inteiramente pelos galeristas, contra a minha vontade. O meu projeto era expor o que a vista deficiente ainda permite que faça, intitulado-se a exposição “Cruzeiro Seixas aos 94 anos”. Seria uma *conversa* sincera com o público, a ver se alguém generosamente comprava

algo, pois sonho todos os dias a dormir e acordado ver-me livre desta Fundação e desta Família. Também a ausência de catálogo é a primeira vez que me acontece.

Quanto às relações nos anos 1940/60, com o grupo francês, há apenas a amizade que fiz com Sarane Alexandrian, José Pierre e Edouard Jaguar. O Cesariny teve dois encontros com o Breton em sua casa, mas creio que o Cesariny insistiu demasiadamente nos desentendimentos com o grupo do Antonio Pedro e provavelmente o Breton achou que para desentendimentos já bastavam o do grupo dele. O Cesariny era o surrealismo deste espaço geográfico, e assim foi muitas vezes até a loucura. Eu, a páginas tantas, afastei-me, mas sem que isso retirasse qualquer pluma da genialidade do Cesariny. Os seus gestos sempre foram teatrais, eram grandes demais para o tamanho do palco. Somente o Almada se equiparou com ele na amplidão das palavras. Passar esta fronteira até agora só foi possível ao Pessoa e à Vieira da Silva – ou mais recentemente à Paula Rêgo... que diz que fui eu que a lancei... Fiz com ela alguns *cadavre-exquis*, dos quais só guardo um único. Das grandes invenções do surrealismo só o “objeto surrealista” tem fôlego para ser o futuro da *arte*. Evidentemente que não é nestes termos que se fala de tais coisas.

Quanto à João Falco, creio que nem ela se considerou surrealista, mas teve sempre a nossa simpatia. Outra mulher de extrema sensibilidade, foi tradutora e viveu com o Antonio Barahona, mesmo sendo uma espécie de Quasímodo. Sei lá por que força exterior a mim a honestidade me encanta e figuras do nosso antegrupo foram acima de tudo honestas, como o António Maria Lisboa ou o Fernando Alves dos Santos que, depois do meu regresso de 14 anos de África, se me lamentavam de que o Cesariny os tinha *abandonado*... Comigo isso não se deu e não tenho de que me lamentar, passaram-se alguns anos de grande entendimento, por vezes quase de paixão, até o meu afastamento, indo viver no Algarve.

Não sou otimista, mas também não quero ser pessimista. Caminhamos e o caminho não é nada fácil. As multidões cada vez estão mais e mais estúpidas e nós só temos um meio de lutar que é diminuto, o nosso exemplo no dia a dia. Não vejo maior exemplo que o da homossexualidade, que vem desde o princípio do mundo e irá até o fim do mundo.

Desculpa, meu querido, esta estúpida carta.
Aqui tens o abraço de sempre. De exposição da Costa Rica
nunca mais veio comunicação. Sabes o que se passa?
Os melhores votos do teu

António

[10 de junho, 2015]

Querido Floriano

São sempre exaltantes as tuas cartas, pelo exemplar modelo de capacidade de sonhar, mas também de realizar. Outro exemplo comovente é o da tua constante amizade que tão claramente apanha os ventos que sempre ameaçam de naufrágio este país e a sua tripulação. Pela sua posição geográfica deveríamos ter mais consciência do mar. Isso ficou-se pelo Luis de Camões e pouco mais. Estranho local geográfico que vivemos apaixonadamente sem verdadeira ânsia de ultrapassar a fronteira.

Tentativa ou não de passar fronteiras foi esta de Camilo Pessanha que perdoarás só agora envio completamente esgotada a edição.

No mio de tantas coisas surpreendentes há que referir a exposição da Costa Rica. Agradeço-te teres acertado estas confusões de velho cego. Enviei-lhes livros e até colagens originais como lembrança para o Alfonso Peña que me tinha enviado com bonita dedicatória o seu livro.

Perguntas-me porque designei o *objeto* como *arte do futuro* e tomo assim consciência da dificuldade da resposta que poderia muito bem ser um ensaio... Detesto a palavra *arte* e por isso a coloquei entre aspas. Creio que a pintura entendida como a entenderam Velásquez ou os impressionistas acabou. Eu não sou *um grande artista*, mas para fazer as centenas de *coisas* que fiz não precisei de atelier. O *objeto* fala através de qualquer coisa que a sociedade considerou inútil, nada está mais próximo da poesia. No grande dicionário do Surrealismo por certo vem uma definição muito intelectual do *objeto* surrealista. Devido à minha cegueira não posso ler o que nos diz doutamente o dicionário. Das grandes descobertas ou legados do Surrealismo, além do *objeto* e talvez com dilatada voz no futuro, tenho eu o *Cadavre-exquis*, mas para tais experiências é insuficiente o espaço de uma carta descuidadamente amiga. *Arte* para mim é sinónimo de universal. Agora, cego, só me resta a transcendência do *objeto* e acabo há dias uma homenagem a António Maria Lisboa de que em breve te enviarei fotografia.

Por exemplo, um *objeto* que é um búzio dentro de uma gaiola e que se intitula “Mar português”, ainda não consegui fotografia que dê ideia do todo. Junto fotocópia do “Crucifixo para sacerdotes em viagem”, assim como envio fotocópia do desenho de um tinteiro

em prata *para amantes*, que nunca tive dinheiro para mandar executar...

O Antonio Barahona há muito que não corresponde às minhas cartas; há dias disseram-me que está muito doente.

Chegou ao fim esta carta que só é animadora onde recebe o teu impulso amigo.

Os melhores votos e o mais forte abraço do teu

P.S.: Os *objetos* que figuraram na exposição de 1949 tinham nela lugar de destaque, mas eram de tal maneira frágeis que rapidamente se destruíram. A “Homenagem a Duchamp” ainda não encontrou fotógrafo, mas o papel e as teclas são azuis. “A mão em 1961” pertence à coleção da Gulbenkian. Durante os anos de África o mar era a grande colaboração enviando material que serviu para diversos *objetos* que era impossível trazer quando regressamos acossados pela guerra de libertação. É tudo o que por agora te posso dizer.

Outro abraço

Antm

[22 de junho, 2015]

Prezado Floriano Martins

Sempre encantado com a correspondência viva que me envias e desta vez com o inesperado poema que tem dado razão a estes dias de vida. Se eu estivesse em Lisboa, onde tudo é relativamente mais fácil, já teria corrido a uma tipografia a pedir orçamento para possível publicação em opúsculo como há anos fez o Herberto Helder com o poema *Flash* que me dedicou. Aqui em Famalicão tudo é difícil ou mesmo impossível. Pior do que os confins do Brasil imenso onde afirmas uma obra.

Esteve aqui a filha de Eugenio Granell, grande amigo, vinda de Washington, de onde dirige a Fundação Granell de Compostela. Falou-se da possibilidade de uma exposição minha em Madri e eu logo sonhei que essa exposição fosse dedicada a Maria Alcoforado, freira de Beja, de que os surrealistas sempre elegeram as cartas a Chamilly. Ocasão para transcrever Breton, “amor, único amor que existe, amor carnal, adoro, sempre adorei a tua sombra, a tua sombra venenosa, a tua sombra morta”.

Tudo isto são sonhos e no meu caso não passa de sonhos com a realidade possível. Estou em guerra com a fundação, pois quero voltar para Lisboa. Aqui perdi três longos anos sem que fosse possível qualquer colaboração com a fundação. A gente que a dirige não faz ideia do que é que pode fazer com o espólio que possui e se ainda há semanas me dizia que era impossível o meu regresso a Lisboa, agora já aceitam a ideia, mas pondo como condição que abandone livros, desenhos, recordações de toda a espécie, que são a minha família. Evidentemente que isto não é possível e entramos num novo ciclo de lutas que deixam exausto o velho que sou.

Aqui no paupérrimo Portugal não há *intellectual* ou *artista* que esteja na minha situação. É esta a dura batalha em que estou empenhado. Não aguento mais esta rigorosa solidão, acrescida desta cegueira que não me deixa ler uma linha. Quase desaprendi a falar e também as cartas que escrevo são cada vez mais vazias.

Tentarei um dia destes desenhar algo para ti. Por hoje envio-te um texto do Ernesto Sampaio que acompanhou uma exposição em 1995. Há quanto tempo ouvimos dizer pela voz de Artaud ou de Duchamp etc. etc. que a civilização europeia morreu. Agora inúmeras vozes o confirmam, mas é notório o seu medo de uma nova civilização que não tenha nada a esconder.

Lamento nada saber da exposição da Costa Rica. Tudo o que enviei veio devolvido.

Um abraço muito grato pelas tuas cartas que tanto me acompanham. Se possível outro abraço ainda mais forte com os bons votos e as despedidas.

Teu

António

[Julho, 2015]

Muito querido Floriano

Tenho saudade das tuas cartas calorosas. Nestas últimas semanas tudo à minha volta secou, à minha volta só nascem ervas. A proximidade dos 95 anos e esta época de eleições que atravessamos são fenómenos desesperadores. Em tudo está incluída a cegueira, a dificuldade de me deslocar etc. etc. Desejo que esta tua queda já seja uma recordação, e que todos os teus sonhos encontrem realização. Os poucos que temos só ao futebol deixam algum espaço de circulação. Nem no tempo de Salazar foi tão pobre o panorama cultural.

Recebi, como te comuniquéi, um inquérito a que respondi em termos por certo pouco intelectuais. Espero que em todo o caso se recolha deles alguma metafísica.

A exposição da Costa Rica está em comunicação com a Cidália e na última comunicação me pediam três obras pequenas, mas sem garantia de seguro. Todos os *artistas* que conheço têm em si um lado comerciante que lhes permite vidas folgadas. Eu não, e hoje tenho gavetas e armários vazios porque foi muito mais o que dei e deixei roubar do que o que vendi. É difícil dizer isto porque a maioria não acredita. Espero que a Fundação trate de assuntos como este, mas não é nada fácil eles emprestarem obras sem garantia do seguro. Vamos lá ver o que a Cidália consegue junto da Fundação e da Costa Rica. Muito agradeço os esclarecimentos que me tens prestado neste assunto.

Esteve aqui em Amarante o Antonio Candido Franco, um encontro sobre Teixeira de Pascoaes. Foi um muito caloroso encontro, pois já há muito tempo não o abraçava. Por estes dias está marcado um encontro com o presidente da Fundação, que dirá algo sobre a possibilidade de regressar a Lisboa. É muito enervante esta espera.

Com toda a minha amizade e admiração, aqui fica o beijo e o mais forte abraço do

Antm

[Setembro, 2015]

Meu querido Floriano

Estas cartas são o único passatempo que a vista me permite, e assim certamente abuso da vossa paciência, a tua e a do Antonio Candido Franco principalmente. Há nele uma posição livre que muito me toca.

Hoje principalmente te quero agradecer a resolução do problema de empréstimo das obras para a expo da Costa Rica, onde muito gostaria de figurar, pelo surrealismo em si, mas também pela reunião de amigos. Também me é muito grata a ideia de por poemas de minha autoria no catálogo. É, pois, aqui infelizmente que sempre se levantam as maiores dificuldades, desta vez com a Fundação que não queria emprestar nada e também as desculpas minhas, pois não tenho comigo uma única obra válida das centenas que produzi, tendo dado, perdido ou deixado roubar a maioria. Mas há muitos casos em que nem a loucura vá tão longe... Abraços comovidos para ti e para todos os que se lembram deste velho de 95 anos.

Bonitos projetos tens; os meus são todos irrealizáveis. A poesia e a obra do Cesariny poderiam resultar num belíssimo álbum se fosse possível convencer os editores a textos em francês ou em inglês. Talvez o Cruzeiro Seixas merecesse igual tratamento. Hoje sem falsa modéstia acho que Breton teria aplaudido algo do que fizemos nos anos '50. Surrealismo brasileiro e surrealismo português -, mas por que os surrealistas foram estar assim tão agarrados à ideia de pátrias?

Está prometido pela Fundação que no dia 23 me põem em Lisboa. Dificuldades de toda a ordem se levantam, mas isto é a liberdade possível. Quase completamente cego, grandes dificuldades de deslocação, sem dinheiro, lutarei até o fim para que a *minha obra* seja reconhecida apenas como um depoimento e não como uma *obra de arte*.

Meu querido Floriano, um muito forte abraço. Felicito-me pela existência de pessoas como tu. Desejo que seja rápida a recuperação do teu pé.

Os melhores votos com o abraço e o beijo do teu

Antm

[Setembro, 2015]

Querido Floriano

A carta que te enviei há uns dias é reflexo do estado de nervos que este fim de vida impõe nesta Família onde estou retiro há uns três anos, mas onde não são aceitas ideias ou colaborações. Sou guardado à vista pela Cidália, tão prestimosa quanto possível, mas toda a correspondência que recebo e envio lhe passa pelas mãos. Além disso, há as *empregadas* que me espiam como se eu tivesse a possibilidade de fabricar uma bomba atômica doméstica. E além disto está a morrer muita gente, o que aumenta muito a solidão. Agora foi-se o Vítor Silva Tavares.

Não sei se sabes que o Almada Negreiros pintou, julgo que nos anos '50, grandes afrescos nas Gares Marítimas de Alcântara. Julgo que posso esse tempo chegava cá a notícia do Orozco e do Siqueiros, mas aqui o impulso tinha que ser no sentido da história das navegações. O Almada fê-lo com mais altura do que então era possível, com vinte e poucos anos lembro-me de ter ido espreitar, estava ele sentado nos andaimes a uma altura de um terceiro andar. O silêncio e a solidão excessivos e quando eu emocionado ia a fugir o Almada voltou-se na minha direção e disse teatralmente arrastando a palavra: "Bom dia!". Nunca foi possível ao público visitar estas obras. Há semanas passou por aqui uma senhora, em conversa, falei-lhe da *opinião pública* que entre nós está esquecida e poderia ser útil neste caso. Daí a dias a dita senhora comunicava-me ter já uma centena de assinaturas, ignorância absoluta da burocracia que dificulta tanto quanto possível estas coisas. Há dias a visitar-me de novo e então apercebi-me da sua completa ignorância. São histórias como esta que afligem os meus dias, tanto que me lembrei de Rimbaud quando diz

*...et lui, lui seul!
pour témoin de sa gloire
et de sa raison*

Que Rimbaud me perdoe.

Também este sábado teve lugar a exposição do Rik Lina na Fundação. Escrevi-lhe uma carta a justificar a minha ausência que diz-me a Cidália ele teria acolhido com um *eu compreendo-o...* Evidentemente que não é por nacionalismo que deploro este grupo holandês, em Coimbra. Já em '49, quando da nossa primeira

exposição, nos parecia duvidosa a designação de *grupo*, pois a tendência primeira do Surrealismo é a universalidade.

Fiquei de fato assustado com essa tua ideia de publicar estas cartas tão próximas do momento que vivemos, por certo há correspondência tua com Sérgio Lima e há nas caixas de cartão que a Fundação me roubou cartas de Julio, Laurens Vancrevel, do Mário Henrique etc. etc., perdidas numa arrecadação que ninguém sabe dar notícia. Eu não sou um tipo satisfeito com o que faço e muitas vezes mudos de opinião. Cheguei aqui com as algibeiras completamente vazias, o que nem neste país miserável é vulgar.

Junto catálogo do Rik Lina onde ele declara que estas obras são o que guardou dos seus primórdios. Que pensar de mim ou da vida se eu nada tenho dos meus primórdios? Sem jeito para vender, centenas de *coisas* foram dadas ou perdidas. Em certa altura tive um secretário que dividia ao meio os lucros. Era tão generoso que insistentemente se oferecia a si próprio, oferta que nunca aceitei também. É certo que nunca fiz fichas daquilo que ia fazendo e hoje só sei onde estão três ou quatro coisas das centenas que produzi. Imagina que agora que se tornou impossível ou por demais dizer não. A Presidência da República quer uma expo minha pelas razões postas, julguei eu por uns minutos que a ideia ia morrer ali, mas logo apareceu quem por uns dinheiros se propõe descobrir obras suficientes para tal exposição.

Creio que sem fazer crescer o drama começo a pensar nessa forma de liberdade que se chama suicídio. Verdade, verdade gostava de ver e poder julgar aquilo que fiz há muitos anos, mas lado a lado com tudo isso há os da medicina que há meses me querem algaliar...

Dá-me muita satisfação que corajosamente estejas a melhorar. Os 95 anos já não me permitem o uso de bengalas ou de cadeirinha de rodas. A única máquina que ainda me leva mais longe é esta velha máquina de escrever.

Tenho esperança de que esta exposição do Rik Lina reponha tanto quando possível a colaboração de há muitos anos quando quase adolescente o Laurens aqui apareceu: o Surrealismo espera por nós, transcrevo do *Amor louco*: *...uma parte da minha vida, não será na esperança de contribuir para uma nova era em que estas deixem de ser meras histórias. É nosso dever partir incondicionalmente em busca da surpresa, apenas por aquilo que ela em si própria representa...*

Muito lastimo não poder tomar conhecimento dos surrealistas brasileiros que referes, gostaria de referir novas edições, mas parece-me que há uma pausa por demais longa e agora desapareceu a obra considerável, como o editor Vítor Silva Tavares que, de excelente disposição, há poucas semanas tinha estado aqui numa espécie de despedida.

Quando aparecerão os que vão dar continuidade a esta estrada pela imaginação e pela liberdade?

Peut-on faire des ouvres qui ne soient pas d'art?

Duchamp

Estas fotos do Ernesto Sampaio estão longe de ser o que certo desejas, tratava-se do lançamento de um livro do Mário Henrique Leiria todo refeito pacientemente pelo Juan Carlos Valera e pela sua equipe. Envio-te por graça fotos do Alfredo Margarido numa floresta próxima de Paris. A mais curiosa era uma que o Margarido tinha uma coroa de lírios e me coroava.

Envio-te também uma foto com o José Pierre e sua mulher, notável colagista, em Sagres, quando vieram me visitar. Também uma foto de Camacho e esposa, duas esculturas feitas a partir de desenhos meus, uma foto que foi das últimas que tirei com o Cesariny, outras com o Carlos Calvet e o Rui Mário Gonçalves, e outra com a Maria Amélia Teixeira de Vasconcellos e uma neta, ainda outra com a sobrinha neta de Pascoaes, a Maria João. Vai também um desenho do surrealista inglês Philip West e diversas fotos casuais de coisas minhas, tudo sem datas ou outras indicações que te darão uma ideia da minha desordem interior e exterior. Tudo com as devidas desculpas.

Nunca será demais repetir que não fui convidado para o grande painel pintado pelos *artistas* para comemorar o 25 de abril, esse painel teve o fim desejado pela história, ardeu.

Também não fui convidado para as pinturas do Metropolitano. Não dei um passo nesse sentido e disso me orgulho. De mim o que tenho a referir veementemente são as centenas de obras que perdi, deixei roubar e que não sei onde estão. Por vezes dou-me ao luxo de supor que assim cumprem a sua missão...

Vou tentar apressar o envio do Catálogo do Rik Lina.

É uma tábua de salvação, esta correspondência que me proporcionas. Os melhores votos, o abraço e o beijo do teu velhíssimo

António

[Setembro, 2015]

PARTE 2 | *Floriano para Cruzeiro*

Quando defini o conteúdo da primeira edição deste livro não incluí a mostra que aqui acrescento, seleção de minhas cartas dirigidas a Cruzeiro Seixas, por uma única razão: eu sempre esquecia de grafar em todas elas o ano de envio. Desta forma, lidas em conjunto poderia passar a impressão de um pequeno caos. Vejo agora que será possível, após a leitura das cartas que me enviou Artur, acompanhar as minhas palavras, em alguns casos esclarecendo sobre temas de nosso agrado. Espero que assim seja. Abraxas

2003-2015, *cartas de um baralho devotado*

Querido Artur

Andava com muitas saudades de nossas conversas. Nosso livro já está sendo impresso e logo poderei te enviar alguns exemplares. No momento, estou preparando uma edição especial dedicada ao António Maria Lisboa. Tens alguma recordação escrita dele (relato de memória, artigo etc)? Eu gostaria de tua presença nesta edição. António Cândido Franco tem me ajudado em tudo.

Deixemos a pretensão da atualidade de tornar-se histórica, sobretudo no ambiente político, pois os infernos adentraram nossas casas (Portugal e Brasil) sem consulta prévia.

Sobre Mario Henrique Leiria, claro que sim e desde já te digo que muito me honras com tua entranhável confiança. O crédito será recompensado, e chegando aqui a tua preciosa carga certamente darei a ela seu melhor destino. Obrigado, querido. E que bom que me puseste em contato com o Rui Mário Gonçalves. Aguardo um primeiro contato dele e certamente ampliaremos o diálogo.

Agradeço ainda os envios dos desenhos.

Tenho trabalhado muito em termos de publicação. A despeito da situação financeira do país, a minha editora está caminhando e este início de ano posso publicar três novos livros.

Por outra editora devem sair minhas traduções de Vicente Huidobro e o surrealista argentino Enrique Molina, além de um livro que escrevi em nome de William Blake, uma espécie de exercício psicográfico. E por uma terceira editora saem, por todo

este ano, minhas traduções de Ludwig Zeller (Chile) e Luis Cardoza y Aragón (Guatemala), além de um breve volume sobre Surrealismo no Brasil. A propósito de Surrealismo, no próximo 17 deste mês, será lançado na Feira Internacional do México, meu livro sobre Surrealismo na América. Não poderei estar presente, de modo que pedi à Susana Wald que o apresente.

Estas são as minhas notícias para o momento, querido amigo. Um beijo sempre afetuoso, e desde já reitero que aqui aguardo teus envios.

Quando possível, envia-me o catálogo de tua recente exposição. Atenciosamente,

[04 de fevereiro]

Artur meu querido

Tens a mais completa razão: não ficamos bem de heróis (risos). De qualquer modo, me parecem muito justas as homenagens à tua obra, desde que as mesmas não comprometam o caráter do artista. Mencionas o Guggenheim de Bilbao e fico imaginando, lá já estive, como não seria afortunada uma exposição tua ali.

Quero aqui te pedir um favor: o de não enviáres mais correspondência para o endereço no Porto. No cabeçalho desta carta encontras o meu endereço residencial, para onde peço que me envies tudo, doravante.

Quanto ao centenário do Surrealismo, publiquei no ano passado um extenso volume, quase mil páginas: abrangente antologia poética do Surrealismo em todo o mundo. Agora preparo o segundo volume, na forma de estudos meus sobre o Surrealismo. A minha revista vem editando uma série de 24 edições quinzenais dedicadas ao Centenário. Também preparei uma edição especial da revista mexicana *Blanco Móvil* (110 pgs) sobre o tema. E da Costa Rica me pediram um ensaio para constar de uma exposição igualmente dedicada aos 100 anos. Enfim, estamos, como dizes, “elevando a voz”.

Laurens Vancrevel tem dado ciência de algumas atividades minhas nas páginas do boletim *Infosurr*, em Paris, de igual modo que Jan Dočekal, na República Checa.

Aguardo o teu diário, meu querido amigo, e só lamento que até hoje não tenha sido possível um abraço físico nosso. Nossa mágica afinidade, tão alquímica, será eternamente virtual.

Recebe o meu beijo mais sincero, e toda a minha amizade.
Atenciosamente,

[1º de março]

Artur meu querido

Acabo de receber duas cartas tuas. Lamento que não possas responder àquela enquete, mas entendo. De qualquer modo a tua presença será indispensável em meu livro, oportunidade que terei de comentar a grande de tua poesia. Não quero fazer deste livro um balcão de louvação do Surrealismo, mas antes um farol com sua visão crítica acerca dos erros e acertos do movimento. Também não tocarei na presença de grupos, isto porque entendo que uma das grandes revoluções do Surrealismo está na elevação de suas várias vozes individuais. Os grupos, excetuando aquele primeiro momento, em que tanto em Paris como em algumas outras cidades europeias, não são senão o lugar de uma aceitação ortodoxa. Há raros casos em que esteticamente tenha havido alguma atualização da matriz parisiense. Observarei então o Surrealismo tripartido em [1] antecedentes, [2] a matriz geradora, e [3] seus discípulos e epígonos. Aos poucos comentarei contigo algumas coisas. O segundo capítulo será a enquete, e o capítulo final reunirá uma série de documentos. Neste sentido, quaisquer documentos referentes ao Surrealismo em Portugal que ainda tenhas em mãos, seriam de imenso valor se me pudesses enviar.

Mantenho contato com Arnost Budík, assim como com Laurens Vancrevel. O primeiro respondeu à enquete. O segundo pertence a um rol bem pequeno que considera ser destrambelhadas as minhas perguntas. Creio que isto só legitima a minha argumentação de existência de uma inapropriada ortodoxia.

Não tenho notícias do Dicionário que se publica agora na Inglaterra. Tenho, isto sim, contato com o italiano Arturo Schwartz e, aí em Portugal, muito me tem ajudado o Nicolau Saião. Também considero intensa e generosa a ajuda que me tem dado Αγαθή Δημητρούκα, que vem me municiando com as mais valiosas informações acerca do Surrealismo na Grécia. Ela é a

viúva de um de seus maiores poetas, Nikos Gatsos. Enfim, o livro avança de modo bastante sólido. Minha filha, que mora na Austrália, conseguiu comprar alguns livros que são de impossível localização em livrarias brasileiras. E amigos em países como Gales, Espanha, Chile e Inglaterra têm me ajudado fornecendo endereços de surrealistas em várias partes do mundo. Estou certo de que realizarei um trabalho substantivo.

Quanto à minha saúde, já tudo se encontra sob controle. Tive um pequeno problema relacionado com a produção de um hormônio. Fiz todos os exames e agora estou com a medicação correta. Não espero chegar aos teus 97, mas certamente não morrerei tão cedo. Sabes que é imenso e sincero o nosso carinho, e que se me fosse possível teria feito por ti mais do que a publicação de dois livros teus no Brasil. Tenho pensado em dedicar a tua obra plástica mais uma edição da minha revista, reproduzindo 44 imagens entre desenhos e pinturas. Logo confirmaremos isto.

Recebe o meu beijo mais sincero, e toda a minha amizade.

Atenciosamente,

[20 de março]

Meu tão querido Artur

Há dias que estou para te escrever, dias pautados por uma intensa vontade de te dizer algumas coisas. Recordo um começo de tarde enquanto eu estava indo passar uns dias no Algarve, recebi uma chamada tua, a única vez em que nos falamos e foi algo gratificante para mim. Lembro que te prometi passar em Lisboa para uma visita ao regresso do Algarve, porém o encontro não se deu. Recebi convite de ir ao Alentejo e dali eu retornei ao Porto, onde então estava passando alguns meses. Ao regressar ao Porto a Quase Edições me havia enviado exemplar do primeiro tomo de tua obra poética. Eu já conhecia a tua criação plástica, que sempre me foi reveladora, mas agora, ali, mergulhar em tua criação poética foi uma festa, eu lia poemas colhidos ao acaso e em voz alta por toda a casa. Embora distintas as poéticas, igual sensação eu sempre tive ao ler a poesia de Ludwig Zeller, o convite a ascender ao maravilhoso alquímico com que imagens poética e plástica se fundem em vocês dois. Assim como no caso de Ludwig, a tua criação passou a fazer parte entranhável de minha vida. Ao chegar

ao Brasil tratei de publicar um livro teu, por uma editora na qual eu estava como coordenador editorial de sua coleção dedicada aos países de língua portuguesa além do Brasil. Anos depois editei outro livro teu – agora pela minha própria editora. Entre eles fortalecemos nossa amizade e me cumuleste de muitos e valiosos envios, aos quais sempre serei agradecido. Comecei a escrever esta carta e foi inevitável pensar que ela poderia ser interpretada como uma despedida. Porém não, e bem sabes, não nos despediremos jamais, não importa quantas vidas venhamos a viver. Caso tivéssemos nos conhecido pessoalmente estou certo de que amontoaríamos horas de conversas sem fim e possivelmente teríamos criado algo a quatro mãos. Algumas vezes tentei montar uma exposição tua no Brasil, porém sempre esbarrávamos no obstáculo maior, os custos de seguro das obras. Mas estás conosco em duas edições de minha revista, na primeira, como *artista convidado*, ocasião em que reproduzo 44 imagens de tua criação plástica; a segunda – <http://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/2015/09/s5-viagens-do-surrealismo-cruzeiro.html> – é uma edição inteiramente dedicada a ti. Também estás presente no amplo volume *Viagens do Surrealismo*, que editei pela Amazon, bem como em duas edições especiais que preparei para revistas em Portugal (*Athena*) e México (*Blanco Móvil*). E agora que preparo um novo livro sobre Surrealismo ali eu devo incluir um ensaio acerca de tua criação. Quero que saibas que, embora ciente de tua discórdia, eu te acho um criador mais denso, renovado e esteticamente relevante do que Cesariny. Este eu o encontro muito disperso na plástica e frágil no verso. Seus livros dedicados ao movimento decerto possuem sua importância, mas após ler a correspondência de Antônio Maria Lisboa passei a ter de Cesariny a impressão de alguém mais desagregador do que magmático, digamos. Exemplo igual ao do brasileiro Sérgio Lima. E ambos o contrário do argentino Aldo Pellegrini. Este sim, munido de um revitalizando altruísmo crítico, deu voz ao Surrealismo em toda a sua obra, como ensaísta, tradutor e criador. Outro exemplo positivo encontro na pessoa de Roland Penrose. Como a tua relação sempre foi concentradamente com o ambiente da criação em si, uma vez mais a tua proximidade com Ludwig Zeller, louvo o trabalho de ambos, em termos de difusão do Surrealismo, no que diz respeito

às exposições, ao teu trabalho como galerista e, ao final, a doação de teu acervo que, infelizmente, a fundação que o recolheu não soube honrar. De todos os modos, querido Artur, reúno aqui essas lembranças todas apenas como o desejo de que elas se convertam em uma conversa impossível, a nossa troca de olhares, pois caso ocorresse fatalmente nos poríamos a conversar sobre esses mesmos temas. Por aqui encerro, deixando-te um beijo imenso.

[03 de abril]

Querido Artur

Eu também estou muito feliz com a realização de mais este livro que certamente não será o último. Agora mesmo preparo a edição especial dedicada ao Antônio Maria Lisboa e logo verei como será possível editar no Brasil um livro do Leiria. Até aqui não recebi contato do Eurico Gonçalves, mas reitero que o mesmo será muito bem recebido quando me procure.

Com respeito à mudança *de tudo o que ainda tens para a minha casa*, devo antes de tudo dizer o quanto me comove teu carinho, e também que, em caso possível, aqui estarias muito bem acompanhado, de coisas de André Coyné, Leila Ferraz, César Moro, Susana Wald, Ludwig Zeller, Enrique Gómez-Correa. Aos poucos tenho conseguido honrar essa imensa confiança que todos têm depositado em mim. Agora mesmo preparo um livro com a Leila Ferraz. Leila foi a primeira esposa do Sergio Lima, personagem (ela) de máxima importância na realização da exposição brasileira do surrealismo nos anos 1960.

Quero te agradecer outro carinho, o do envio desse valioso material fotográfico, com suas referências todas.

Na Costa Rica, tudo se desenrolou bem com a Exposição, onde haviam obras tuas. Eles estão preparando uma bela edição virtual, em cinco idiomas, do catálogo, e haverá ainda uma versão impressa, apenas em espanhol, do mesmo. Logo que tudo isto estiver pronto, farei com que recebas exemplar.

Tive ali, na Costa Rica, um feliz reencontro com Susana Wald, e a oportunidade de realizar um pequeno vídeo com ela: <https://youtu.be/S-wDxa0MBqY>. Outra edição especial que editei nas últimas semanas foi dedicada a meu querido Nicolau Saião – <http://arcagulharevistadecultura.blogspot.com.br/2016/03/s21->

viagens-do-surrealismo-nicolau-saiao.html –, que sempre que me escreve pede que te envie um abraço. Por último, me pediu Rui Sousa um ensaio sobre Surrealismo no Brasil, para publicar em um volumoso livro que prepara. Tratei então de lhe enviar algo bem detalhado, aclarando o papel que todos os brasileiros representam junto ao tema.

Não me demoro mais, para que esta carta te encontre ainda hoje. Receba meu beijo carinhoso e a amizade sempre renovada.

Atenciosamente,

[30 de março]

Artur meu queridíssimo

Acabo de receber tua carta que, juntamente com os anexos importantes que atendem pelo nome de tua intensa generosidade, foram encaminhados para o endereço de Julia Moura Lopes, em Porto. Nos últimos meses Julia vem atuando como a corporificação mágica de uma ponte entre nós. Eu transmito para ela minhas cartas, a ti destinadas, por correio eletrônico, e ela então cuida de postá-las, de imediato, para teu endereço. Temos optado por esta cumplicidade por conta das demoras do correio brasileiro. Mas agora me vejo diante de um impasse. O material que me enviaste não tem como chegar às minhas mãos, por conta dos custos de postagem, com os quais não pode arcar a querida Julia. Espero que seja possível para ti enviar-me novo conteúdo, diretamente para meu endereço no Brasil.

Trato agora de responder a tua carta.

Começo por referir-me a Granell, sobre quem escrevi um artigo recente para publicação em uma revista na República Dominicana. Também mantenho contato com sua família, acompanhando os esforços de Natalia para manter a Fundação que leva o nome de Eugenio. Já sabemos a jornada quase impossível que constitui lidar com espólios. Uma revista em Portugal – precisamente a que edita Julia Moura Lopes, de nome *Athena* – me pediu um artigo a teu respeito, e optei para comentar cinco livros teus, justamente aqueles que me permitiam tocar em temas como a relação entre traço e verbo, os manuscritos e a doação de teu acervo.

Há um momento em tua carta em que mencionas que René Passeron, em seu dicionário, “por diversas vezes cita o Surrealismo

Português”. Eu acho que é um dever cósmico da parte de qualquer estudioso, uma questão de honestidade intelectual. Sabes melhor do que eu o quanto Portugal é posto à parte quando se fala de um mapa europeu, atitude esta que vem do próprio pensamento europeu centralizador. Igual se passa com os demais continentes, que são, de certo modo, vistos apenas pela lente do exotismo.

Há dois aspectos fundamentais no Surrealismo, que superam quaisquer ambientações meramente geográficas e/ou cronológicas: em menor escala, o registro de algumas (não todas) relevantes formações grupais, e, em maior espectro, a pujança estética de certas obras. Tenho para mim que não se pode delinear um quadro crítico da atuação do Surrealismo sem evocar as duas circunstâncias e compreender as distinções entre ambas. Em meu livro tratarei detidamente desses aspectos, bem como de outras tantos, sejam os vícios ortodoxos, sejam as inúmeras rejeições a temas que culminaram por definir as expulsões – em muito desfalcando o Surrealismo de parte majoritária de sua alma – e permitir hoje, por descuidada decorrência, uma diluição quando menos intrigante.

Finalizo na reiterada expectativa de que possas me enviar os documentos que julgares valiosos para meu trabalho. Antes, no entanto, eu gostaria, com toda a minha sinceridade crítica, de discordar de ti em respeito à altura em que situas a obra de Cesariny. Creio que sua importância é mais no sentido de uma regência de rumos do Surrealismo em Portugal, do que propriamente estética. Confesso – e sabes que eu jamais diria isto apenas para te agradar – que tenho a tua obra (plástica e poética) em maior grau de relevância estética do que a dele. E mesmo o tocante à sua regência, vale estar atento à correspondência de António Maria Lisboa, de muito chamar a atenção para certos exageros ortodoxos de Cesariny. Tenho observado que isto se passa em outros países, cujos exemplos eu concentro aqui em dois casos: na França, considero Péret um poeta mais renovador do que Breton, assim como, na Argentina, a poesia de Enrique Molina é mais singular do que a de Aldo Pellegrini.

Mas por hoje concluo nosso diálogo, sempre à espera de tua resposta.

Recebe o meu beijo mais sincero, e toda a minha amizade.

Atenciosamente,

[11 de abril]

Cruzeiro querido

Começo por te agradecer o carinho sempre renovado. Bem sei que eu mesmo poderia ter ido à tua procura há 20 anos. Eu mesmo me culpo por projetos que eu bem poderia ter realizado com vários amigos a quem admiro muito, e aqui trato de nominar Ludwig Zeller e Fernando Arrabal. Somente nos últimos anos é que consegui, por exemplo, publicar no Brasil livros de dois surrealistas argentinos fundamentais: Aldo Pellegrini e Enrique Molina. Bem sabes que a vida por vezes nos trai mais do que atrai. Em muitos casos sua atração é puro truque.

Estava relendo nossa correspondência e em uma carta de 2005 me dizias que precisavas *terminar os inúmeros desenhos que tenho apenas esboçados desde há anos*. Tenho imensa curiosidade por saber o que lograste ao longo dos últimos 9 anos em relação a eles, os desenhos.

Eu creio que aí em Portugal quem anda realizando algo sério acerca do Surrealismo é o António Cândido Franco, que desde o ano passado assumiu a direção da revista *A Ideia*. Em seu número mais recente eles publicaram um extenso ensaio meu sobre Surrealismo no Brasil. O lastimável em tanto esforço é a rala circulação que tudo isto segue tendo. Recordo tua frustração ao saber que aquele teu livro que editei no Brasil teria apenas uma tiragem de 1.000 exemplares. Em um país de 210 milhões de habitantes, querido amigo, é um milagre quando 200 ou 300 pessoas se interessam por um livro de poesia.

E o próprio Surrealismo sempre foi um vespeiro de equívocos e egolatrias. Recordo que certa vez publiquei no Brasil um livro do António Barahona. Na apresentação fiz referências aos traços surrealistas de sua poesia e então escreveu à Estela Guedes dizendo-se algo como que decepcionado comigo. E desde então jamais voltou a me escrever.

Agora estou traduzindo a peça *El público*, de García Lorca. Este poeta, que para mim realizou obra mais densa e renovadora no teatro do que propriamente no poema, ainda hoje em algo é confundido com o Surrealismo, em especial por seu livro *Poeta en Nueva York*. Relendo seu epistolário, ou mesmo mantendo atenção sobre sua poética, percebemos que se houve alguma relação com

as vanguardas, esta seria mais no que tange ao teatro do absurdo de Ionesco. Houve uma época, bem sabemos, em que as vanguardas davam topadas entre si, entrançavam as pernas de um modo que quase pareciam todas ser a mesma coisa. No Brasil mesmo houve imensa confusão, de tal modo que nossa vanguarda esteve mais *à sombra* do Futurismo (o italiano, em um primeiro momento, e logo o russo). E insisto neste *à sombra*, porque, ao contrário do que se passou em alguns momentos na América – pensemos em Enrique Molina, César Moro, Aimé Césaire, Ludwig Zeller – não tivemos no Brasil uma clara identificação com as vanguardas que tenha, em essência, na celebração de uma voz própria. Houve disparo para todos os lados de uma ortodoxia generalizada, o que era natural, porém se vamos ao Instituto Médico Legal fazer a contagem dos cadáveres, o resultado é que eram quase todos a própria sombra do disparo. No tocante ao Surrealismo, no Brasil, um caso à parte seria o de Murilo Mendes (isto considerando aqui somente a poesia). Já nos anos '60/'70 a aproximação de alguns poucos brasileiros ao Surrealismo não foi suficiente para combater a eterna retomada de nosso Parnasianismo, como é o caso do Concretismo. O fato é que Sérgio Lima, por exemplo, tornou-se uma voz isolada por seu excesso de ortodoxia, por sua intransigência primária. Já outros, como Roberto Piva e Claudio Willer, se deixaram adaptar ao território de uma 2ª vanguarda, a Beat Generation. Como vês, esta conversa não tem fim.

Antecipadamente agradeço o envio carinhoso do livro do Botas, que deve estar a caminho. Logo que o tenha em mãos voltarei a te escrever. Recebe todo o meu beijo de sempre,

Atenciosamente,

[15 de abril]

Cruzeiro querido

Antes de mais nada, parabéns pela exposição na galeria Ap'Arte. E logo as minhas desculpas pela demora em escrever, porém tive uma semana definindo detalhes editoriais de dois livros meus de ensaios. Adorei a tua última carta, que trata de tantos assuntos, alguns deles que continuam ecoando em meus pensamentos,

curiosidades que tenho, como por exemplo, acerca da declarada homofobia do Breton, se acaso não teria sido este um motivo na lacuna de relações surrealistas entre Portugal e França. Certos temas permanecem como que desconhecidos por nós, dentre eles os bastidores daquela dissensão de vocês com o António Pedro. E do mesmo modo como te indaguei outro dia a tua opinião a respeito do Lud, indago agora sobre um caso que me parece muito singular que é o da Irene Lisboa (João Falco), alguém absolutamente desconhecido entre brasileiros. Quando eu aí estive, vendo a exposição “O surrealismo abrangente”, observei com imensa felicidade a presença, em teu acervo, de uma obra de meu querido Ludwig Zeller. No ano passado estive com o casal em Oaxaca, México, e recordo o carinho com que falam de ti. Isto é muito bonito. Recordo ainda que conversamos, tu e eu, por telefone, uma única vez, quando eu estava a caminho do Algarve. Na ocasião lamentei muito não ter sido possível desviar caminho até Lisboa para que nos conhecêssemos. Poucos meses depois me foi dada a honra de editar aquele teu livro no Brasil. De volta ao presente, meu querido amigo, não sei se estamos *no momento sublime do parto de um novo mundo*. O que sei é que estamos nos arrastando em meio aos destroços de uma sociedade já completamente devorada pela usura e o imediatismo. O que não sei é quanto tempo seguiremos paralisados por esta agonia, até que uma ruptura provoque um renascimento de algo. A tua bela ideia de uma exposição em que os quadros pendiam por fios do teto – fruto de uma entranhável provocação – hoje se converteu em exercícios retóricos sem fundamento algum, invencionices de toda ordem, que atendem pelo nome de arte contemporânea. No começo do ano, por exemplo, vi em uma galeria em Sidney, Austrália, uma exposição de quadros que pendiam do teto, mas que eram ociosos, apenas as placas de madeira. É fato de que este tempo caiu em tamanho descompasso ético e estético, que aos surdos devemos dizer que sorte a de não ouvirem o *musak* horrível que se produz, assim como aos cegos que infinita a sorte de não saberem com o que são preenchidas as paredes das galerias de arte atualmente. Mais afortunada ainda a sabedoria do acaso que não lhes permite ler o que se publica em nome da poesia. E por falar em poesia, o que houve com o restante de teus poemas que se pretendia publicar pelas Quasi? Fala-me também, se te apetece, dos *cadavres*

exquis, dessa deliciosa aventura em face de uma alteridade, que tanto praticaste com amigos os mais diversos. E recebe o meu beijo, sempre carinhoso.

Atenciosamente,

[04 de maio]

Cruzeiro querido

Recordo algumas águas passadas que bem que poderia retornar para mover alguns moinhos. Na coleção da editora em São Paulo, coleção que coordenei por cinco anos, além de teu livro e do Fernando Alves dos Santos, publiquei o Luiz Pacheco, a Isabel Meyrelles, o Júlio (Saúl Dias), o Nicolau Saião, a Luiza Neto Jorge, a Maria Estela Guedes, o António Barahona (que depois se queixou à Estela Guedes que eu o havia apresentado como surrealista e note que sequer me agradeceu pela publicação do livro), o Ernesto Sampaio e, quando me preparava para publicar o António Maria Lisboa surgiram impossibilidades, junto à editora, de manter a minha presença ali, e tive que sair. Ainda hoje lastimo tudo, porque eu havia conseguido resolver alguns problemas crônicos de direitos autorais.

Bom, eu gostaria de saber se tens pedido a alguém para fotografar os teus objetos, pois gostaria imenso de receber algumas fotos. Creio que este livro que estou preparando agora ficaria intensamente enriquecido com uma vultosa mostra fotográfica desses objetos.

Estou atravessando uma semana complexa de trabalho, mas não queria deixar aqui de te enviar estes breves parágrafos, como uma reafirmação perene de nossa sincera e entranhável cumplicidade.

O Nicolau Saião me pediu o número de teu telefone, pois gostaria de acertar o melhor dia para ir te visitar.

Atenciosamente,

[19 de maio]

Cruzeiro querido

Meu bom amigo, com que felicidade eu recebo notícias tuas, as primeiras desde a mudança para Lisboa. Espero que estejas sendo

bem tratado. Já me contarás como te sentes instalado em teu universo possível de Lisboa. Quer dizer que Cidália tem voz de sereia! Tranquiliza-te que no que diz respeito aos nossos assuntos ela sempre foi muito correta e transparente. Enviei mesmo uma cota reduzida de livros, pelos altos custos postais (o Brasil está nos matando pouco a pouco) e também pela incerteza de que os correios funcionassem. Agora (esta semana mesmo) posso te enviar mais um pacote. E logo seguirão outros. Livros já não vendem no Brasil e começo a me preocupar, pois dei de me tornar editor nos últimos anos. Certamente desconheces as alarmantes notícias de corrupção que contaminaram todo o país, o afastamento da presidente da República e de alguns outros nomes, os escândalos que se multiplicam, o estado patético de ruína social e econômica deste imenso Brasil. Bom, deixando isto de lado, fico feliz ao saber que teu catálogo tem já uma data prevista de edição: dezembro deste ano. Uma belíssima notícia! De minha parte, acabo de concluir um extenso projeto referente ao período das vanguardas em toda a América Hispânica, e no próximo mês serão impressas as quase 600 páginas de meu livro sobre Surrealismo no continente americano. Torço para que recuperes um pouco a visão, graças a esses mecanismos mágicos da tecnologia, assim poderei te enviar um pouco de minha obra plástica que imagino desconheças por completo. E tens aqui o meu saudoso beijo, a minha declarada e renovada amizade.

Atenciosamente,

[14 de junho]

Cruzeiro querido

Os intervalos em nosso diálogo, não te preocupes, eu saberei sempre bem os entender. No momento estou concluindo dois livros que felizmente encontraram não propriamente editor, mas sim patrocinador. Ambos eu mesmo os editarei pelo meu próprio selo, ARC Edições. Trata-se de um volume que reúne a poesia completa de um poeta brasileiro morto há mais de 20 anos e hoje, como é bem comum entre nós, inteiramente esquecido: Sérgio Campos. E o outro volume é uma mostra de 45 colagens minhas, livro cuja publicação há muito eu me devia. Ao mesmo tempo trabalho em nosso livro, que a cada dia fica mais substancioso.

Durante a tua ausência, pedi à Cidália que me providenciasse boa fotografia de uma seleção de 20 objetos teus. Penso que esta seria a melhor maneira de compor plasticamente este teu livro que ainda teima em manter-se sem título, o que não me preocupa, enfim, logo o batizaremos.

Durante o teu descanso no Estoril eu te enviei uma outra carta, espero que já a tenhas lido. De qualquer modo, trato aqui de reenviá-la.

Ainda não chegou o exemplar do livro do Camilo Pessanha. Tão logo pouse em minhas mãos, certamente comentarei algo acerca de teus desenhos, não sem antes agradecer reiteradamente a consideração que me tens, o que tanto me honra.

De volta ao *objeto surrealista*, gostaria de saber exatamente por que o defendes como *o futuro da arte*.

Tens confundido Porto Rico com Costa Rica, porém de qualquer modo não te preocupes mais com a coisa. Escrevi a eles, a teu respeito, e, no entanto, não me responderam mais. Mas sei que agora já estão montando o catálogo.

Vamos em frente. Tens o meu carinho sempre renovado.

Atenciosamente,

[16 de junho]

Cruzeiro querido

A vasta extensão territorial brasileira, que poderia ser um valioso obstáculo a estimular as melhores conquistas, ao contrário, sequer desperta uma mínima curiosidade e nos mantemos em uma inércia de doer no espírito. O país não tem comunicação entre si, não explora seus rios, não temos os vasos comunicantes de uma necessária rede ferroviária, enfim. Vivemos e morremos de frente para o mar, mas também sem uma carta de navegação que nos leve a outros portos. Temos inexplicável apego à inação. Isto me irrita profundamente.

Há poucos dias escrevi ao Fernando Arrabal e comentei acerca de nossa amizade. Agora vamos preparar uma antologia dos melhores estudos que publicamos sobre Surrealismo nos primeiros 10 anos da *Agulha Revista de Cultura* e seus 70 números. Certamente teremos uma edição em dois volumes. Acabo de

conseguir uma verba para editar a poesia de um importante poeta brasileiro, Sérgio Campos, falecido aos 53 anos em 1994 e hoje totalmente esquecido, injustamente esquecido.

Obrigado por tuas valiosas e adoráveis observações acerca do "objeto". Nisto e em tantos outros assuntos estamos inteiramente de acordo. Continuo trabalhando em nosso livro. Outro dia me escreveu Agostinho Leite, interessado em sua publicação, porém eu lhe disse que este livro, segundo orientação tua, só poderá ser publicado após a tua morte. Ele então me disse que o livro não seria publicado antes dos próximos 20 anos. Outra pessoa amiga que me fala a teu respeito com imenso carinho é a Ana Cristina Joaquim, que aí esteve contigo e me enviou uma fotografia do encontro.

A eternidade é uma fonte de estímulo em seu ambiente metafísico, porém no plano concreto ela é de uma inútil teimosia. Quem lucidamente gostaria de viver para sempre? No entanto, estimo esta tua permanência em vida como uma dádiva dos deuses, no que me diz respeito, considerando o atraso com que entrei em tua vida. Egoisticamente digo que espero que dures duas ou três eternidades, para que possamos continuar nos correspondendo.

Há tanta coisa que eu gostaria de falar e saber, tanto a aprender contigo. Não te envio meus livros por motivos óbvios, porém trato aqui de copiar um poema que escrevi há poucos dias, pois Cidália poderá lê-lo para ti. É um poema que tratei de dedicar-te, pois o escrevi navegando em tuas imagens.

Seguimos com nosso entranhável diálogo, querido amigo.

Atenciosamente,

A TEORIA BRINCANDO DE OCULTAR-SE DA PRÁTICA

Ao Cruzeiro Seixas

Não há uma verdade paródica.

Nosso olhar atua sobre o mundo em busca de confirmação ou mudança.

O efeito do olhar interfere na suposta existência do objeto.

O fundo das coisas é uma ilusão projetada pela superficialidade do modo como as vemos.

Não há um quadro despido de imagem.

*O excesso de luz ou a cegueira não se restringem ao que aparentam, pois são
um casulo múltiplo de memória e desejo.
A imaginação não nos liberta do mundo, antes nos excita a confundirmo-nos
com ele.
O conhecimento não tem um objetivo em si.
Essa musa intransigente da razão aceita desfigurar-se ante um simples espelho.
A fatalidade de seu amor é a riqueza do paradoxo com que se vê em posições e
recortes insuspeitos a cada prolongamento da imagem.
Desaprendemos a fazer um poema na mesma noite em que já não sabíamos
fazer amor.
Cada mínima coisa ou causa, uma simples ideia que fazemos da vida, uma
espera ou uma aparência, nada se realiza sem a hospitalidade do acaso e a
ideia fixa de que o mundo sempre esteve à nossa espera.
A verdadeira arte é a da propulsão do desejo.
Não importa onde cheguemos.
Somos uma transposição perene de todos os nossos rios.*

[06 de julho]

Cruzeiro querido

Fico feliz que tenhas gostado do poema. Integra uma série nova de poemas que escrevi sob o título de “O espelho náufrago”. Escrevo agora um livro a quatro mãos com a Leila Ferraz, ela que foi a primeira esposa do Sérgio Lima e em muito o ajudou na organização daquela Exposição Internacional do Surrealismo que houve em São Paulo nos anos 1960. Dá-me as coordenadas de como queres as dimensões deste opúsculo com o meu poema a ti dedicado, pois posso eu mesmo providenciar sua impressão por aqui e te enviar.

Ainda não consegui definir prazo para a publicação de meu livro sobre Surrealismo na América. Dependo de uma verba de Universidade e bem podes imaginar a lentidão com que essas coisas (mal) caminham. Projetos menores, que dependem de apoios privados, acabam saindo antes, como é o caso de *Mar anterior*, a poesia completa de Sérgio Campos, um grande poeta brasileiro, de formação helênica, morto aos 53 anos em 1994.

Recebi exemplar de *Surrealismo: el oro del tiempo*, do José Miguel Corrales, em que estás citado, em especial de forma indireta, graças à homenagem que te prestaram os amigos chilenos da revista *Derrame*. É bem certo que alguém só pode transmitir informação daquilo de que tem conhecimento. No entanto, um livro desta natureza deve estar mais atento a hiatos injustificáveis. Para não incorrer em ser o manual de um clube. O livro é muito falho em relação ao Brasil.

A filha do Eugenio Granell foi muito carinhosa quando preparamos uma edição da *Agulha Revista de Cultura* tendo ele como artista convidado. Ela vem fazendo um trabalho mágico na Fundação, assim como a viúva do Juan-Eduardo Cirlot. Também a viúva do Jorge Camacho, embora ela com menores condições. Ao menos não há brigas nessas famílias, a exemplo do que acontece com o chileno Matta. Certa vez estive em um Museu em Santiago e indaguei à senhora que me atendeu o motivo da ausência de livros do Matta, ela me disse que haviam sido recolhidos pela família e que não se autorizava qualquer outra publicação.

Eu espero que seja possível, em um espaço de tempo real, a tua exposição em Compostela. Me parece brilhante a ideia de dedicá-la a Mariana Alcoforado.

Agora, no que diz respeito a teu regresso a Lisboa, todo o espectro que é evocado em relação ao tema me parece quando menos preocupante. Não discuto as recusas da Fundação, mas antes de tudo a tua condição. Isto é o que me preocupa. Bem sei o quanto deve ser insuportável a tua vida em uma província miúda como Famalicão, vivendo uma espécie de drama de um enterrado vivo em espaço mínimo. Nós somos de algum modo – sem tornar isto uma tragédia – os *cadáveres deliciosos* de nosso tempo. Com isto quero dizer que somos das últimas pessoas a se queixarem da solidão criminosa em que o homem converteu sua antes entranhável perspectiva existencial. Nos sentimos sós e isolados em Famalicão (tu) e Fortaleza (eu), porém não sei se preencheríamos a nossa sede de alteridade morando em Lisboa, São Paulo, Nova York, enfim. O que me preocupa é como estarás em Lisboa, em quais condições ali estarás. Conta-me os detalhes, para que eu possa ao menos te dizer algo.

Sobre a *Civilização Europeia*, é bem verdade que seu cadáver começa a queimar as narinas de qualquer alienado. Mas é também

verdade que o mundo está liquidando seu paiol de ofertas de maravilhas. Eu tenho uma filha que mora na Austrália há 12 anos. Por vezes tenho vontade de me mudar de vez para aquele país. Porém não sei quantos de mim poderiam me acompanhar neste exílio. Enfim, meu querido amigo, o mundo tornou-se mesmo uma estranha gaiola.

Deixo-te aqui o meu beijo mais carinhoso.
Atenciosamente,

[22 de julho]

Meu querido Artur

Antes de mais nada as minhas desculpas pela demora em te escrever. Tive um pequeno acidente, com dupla fratura no tornozelo e uma cirurgia para colocar uma placa com 9 pinos. Serão três meses em cadeira de rodas, e ainda estou aqui me adaptando à nova dinâmica existencial.

Tua última carta traz uma imensidão de assuntos, os mais deliciosos. Conta-me a respeito de teus planos para retornar a Lisboa. Não estou bem certo de que as coisas melhorem, mas será sempre válido buscar essa melhora. Torço por ti, com todo o meu coração.

Começo a preparar uma série de edições especiais da *Agulha Revista de Cultura*, cada uma delas dedicada a um nome de grande destaque internacional. Uma destas edições, como já sabes, será dedicada a ti.

Atualmente, embora pese o desastre da condição financeira do país, é relativamente barato publicar livros no Brasil. De um ano para cá eu mesmo já editei cinco títulos pela minha editora. O difícil, como sempre, é localizar um bolso a um só tempo farto e generoso, que financie as edições. Até o momento não tive sorte em relação ao meu livro de estudos sobre o Surrealismo.

Que a Fundação Gulbenkian não tenha até hoje se apercebido da existência do Surrealismo, por mais que se lastime, eu diria que é um caso comum de trânsito que se repete em várias outras instituições, em vários países. E mesmo os surrealistas, quando tratam de fazer uma defesa do movimento, são pouco eficientes e por vezes parvos em suas reflexões.

Dinheiro eu também nunca tive, Artur, porém desde cedo aprendi a viver sem ele, buscando outras relações que permitem impulsionar a vida. Devo confessar que sou um afortunado neste campo e que a falta de dinheiro jamais me foi impedimento para realizar minhas coisas.

Entendo muito bem o que falas sobre o Surrealismo em Portugal. No Brasil não foi muito distinto, exceto pelo fato de que aqui o Surrealismo não gestou uma obra tão expressiva quanto aí. Temos imensa dificuldade em internacionalizar nosso Surrealismo, eu diria que o obstáculo em muito é da alçada dos próprios surrealistas. Durante muito tempo foi o Sérgio Lima o único a cuidar dessa fatura, e o fez de forma equivocada, privilegiando seu umbigo e uma ortodoxia infame.

Quanto à exposição da Costa Rica – que insistes em dizer que é Porto Rica (risos) –, o evento foi transferido para março de 2016, de modo que agora temos mais tempo para melhor organizá-lo. Logo darei boas notícias, assim espero.

Estou relendo o livro *Introducción al Surrealismo*, do espanhol Juan-Eduardo Cirlot, pensando em traduzir um de seus capítulos para publicar em minha revista.

Recebe o meu beijo, querido amigo.

Atenciosamente,

[12 de agosto]

Artur meu querido

Poeta querido

Eu te escrevo rapidamente, antes de tudo para agradecer a imensidão sempre renovada de teu carinho, de tua cumplicidade comigo. Em especial pelo envio dos dois livros de Cesariny. Ando em uma jornada intensa de trabalho. Entendo que por várias razões o centenário do Surrealismo deve ser comemorado em 2019, tanto pelos primeiros exercícios de escritura automática, entre Breton e Soupault, como pelas primeiras colagens de Ernst e a publicação da primeira revista do movimento. Sigo preparando meu livro *Viagens do surrealismo*, estudo crítico sobre a imagem poética do surrealismo em todo o mundo. Espero publicá-lo ao final de 2019. Antes disto, tenho todo um ano de agenda

surrealista, seja na forma de 12 edições monotemáticas de minha revista, como também na regência de edições integrais de outras revistas que gentilmente me cederão espaço, a exemplo da mexicana *Blanco Móvil*, impressa, e da portuguesa *Athena*, virtual. Bem sabes que estarás comigo em todos esses momentos. Pouco a pouco irei te mantendo informado de tudo isto. Tenho amigos espalhados por todo o planeta que me estão ajudando nessa imensa tarefa. Reforço aqui o meu carinho entranhável por ti, Artur, assim como reitero agradecimentos pelos presentes teus que inundam minha vida de alegria e relevância.

Abraxas
Atenciosamente,

[28 de agosto]

Artur

Meu querido

Antes de tudo quero te agradecer o imenso carinho do envio tão comovente dos dois desenhos originais. Não tomes a minha ausência como uma falta. Estive com uns dilemas de saúde, já de todo sanados. Indagas sobre a exposição na Costa Rica, e tenho as melhores notícias. Esta semana finalmente saiu o livro-catálogo impresso e a exposição terá duas novas edições, uma na capital do país e outra no Panamá. Certamente Alfonso Peña saberá viajar com a mostra por toda a América Central.

E as boas notícias se expandem; se multiplicam. Acabam de sair dois livros preparados e traduzidos por mim, com poemas do chileno Vicente Huidobro e do argentino Enrique Molina. Isto sem falar de uma de minhas maiores conquistas, a publicação do amplo volume (quase 600 páginas) de meus estudos sobre surrealismo em todo o continente americano.

E agora me preparo para a publicação de uma trilogia de teatro automático, que escrevi a quatro mãos, com outro brasileiro, Zuca Sardan.

Estou ciente de que essas notícias serão adoráveis para ti, meu querido. Pela imensa amizade que nos une. António Cândido tem sido voz entranhável, sempre amigo e cúmplice, nos últimos tempos me ajudou a organizar uma edição especial de minha

revista dedicada a António Maria Lisboa. E agora cabe a Nicolau Saião preparar uma edição especial dedicada a Cesariny.

Seguimos trabalhando e vivendo, conjugando a relevância do espírito empenhado nesses projetos e a intensa alegria de viver.

Não fazes ideia do quanto que eu gostaria de ter acesso à tua coleção que repousa na Fundação de Famalicão. Um acesso que me permitisse escrever detalhadamente sobre ela, na perspectiva de isto tornasse possível viajar com o acervo por alguns países.

Dentro de duas semanas viajo a São Paulo, para o convívio mais íntimo (desde seu insight, acompanhando a feitura, em prancheta e fundição) com a obra de um escultor, sobre quem devo escrever um livro. Este é um tipo de trabalho que me encanta e adoraria poder fazê-lo contigo. Certamente ainda publicarei mais Cruzeiro Seixas por minha editora.

Até lá sonhamos e sonhamos. O sonho nos enriquece, tanto quanto a memória e o desejo.

Recebe o meu beijo mais sincero, e toda a minha amizade.

Atenciosamente,

[29 de agosto]

Artur meu querido

Inicialmente observo que para este endereço em Porto podes continuar enviando as tuas cartas, exceto quando tiveres livros (ou catálogos ou revistas etc.), pois neste caso debes enviar tudo para meu endereço no Brasil:

O endereço em Porto é de uma querida amiga e cúmplice das esferas cósmicas, Júlia Moura Lopes, que dirige a revista virtual *Athena*, na qual na edição de outubro se publica um dossiê que estou preparando sobre 20 poetas/artistas ligados ao Surrealismo em todo o mundo. Ali naturalmente estarás.

Enquanto isto eu sigo trabalhando, tanto na edição da revista mexicana, quanto em meu livro dedicado ao surrealismo, ambos os projetos já referidos em carta anterior. Também em 2019, de janeiro a dezembro, a minha revista publicará edições monotemáticas quinzenais dedicadas ao surrealismo.

Que bonita ideia esta da publicação de *Diário não diário*. Não te esqueças de me enviar exemplar. E me deixas inteiramente feliz ao

saber dessa tua viagem a Las Palmas para ver uma mostra de De Chirico. Estive nas Ilhas Canárias por duas vezes, uma belíssima região, numa das ocasiões estive no Teide. Também adorei caminhar pelas ruas de Tenerife, com seus portões de madeira mágicos, com aquelas dobradiças e fechaduras. Hoje retornasse ali montaria uma exposição fotográfica somente com aqueles portões.

Estou certo de que me ditarás muitas outras cartas, sem que isto soe como uma maldição (risos). É que algo me diz que irás um pouco mais além da casa centenária. Mil desculpas pela minha intuição.

Por último observo uma passagem de tua carta: “Tudo está à venda – dizes -: somos nós, os poetas, os únicos seres vivos?” Eu não generalizaria o tema. Em primeiro lugar nem tudo está à venda, e nós dois somos a prova disto. Em seguida, por mais que lastimemos, a maior parte dos poetas está sim, à venda.

Nós dois, não tenho dúvidas, estamos entre raros seres vivos.

Tens o meu beijo perene.

Abraxas

Atenciosamente,

[13 de setembro]

Artur querido

Estou simplesmente emocionado com a chegada do Boletim em comemoração ao 50º aniversário do Primeiro Manifesto Surrealista, admirável presente que me dás. Não consta ali uma data de impressão, porém suponho que tenha sido editado em 1974. Tua carta também me comove e devo confessar que o carteiro bateu à porta justamente quando eu estava pensando em vir com computador te escrever. Vejo então ali que há um e-mail de Cidália, com tua carta. O acaso objetivo não poderia estar melhor sintonizado.

A minha vida está a caminho não propriamente de sua normalidade, mas sim de uma nova relação com o intrigante tempo-espço. A cirurgia tem me feito descobrir uma nova maneira de desalinhar o horizonte. Mesmo colado ao assento de uma cadeira de rodas (agora felizmente já posso pular pela casa em um par de muletas), dei um jeito de tornar o meu dia o mais ágil possível. O sobrepeso que sigo perdendo e o fato de não

consumir mais álcool também são fatores que estão me deixando o cérebro mais lúcido. Enfim, os melhores desastres são aqueles que levam consigo um paraquedas oculto.

Estou conseguindo comprar a obra completa de um de nossos maiores poetas, Raul Bopp. Eu já tinha sua poesia, porém há muitos pequenos livros de relatos de viagem, anotações autobiográficas etc., que andam perdidos pelas empoeiradas prateleiras de sebos, e estou adquirindo tudo. Também ganhei de presente um volume autobiográfico do Roland Penrose, além de haver comprado dois raros catálogos das primeiras exposições no Brasil da Maria Martins.

Soube ontem da morte de Vítor Tavares, o que lamentei profundamente. Não o conheci pessoalmente, porém fui regiamente alimentado por suas primorosas edições.

Agora mesmo o Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, inaugura uma exposição com 15 mulheres surrealistas, mexicanas ou residentes no México, de uma mesma geração girada em torno de Frida Kahlo. Uma vez mais pensei que Perfecto Cuadrado bem poderia entrar em contato com esta fundação e conseguir trazer para o Brasil uma exposição tua ou mesmo do acervo surrealista da fundação portuguesa. Em tais casos teria mesmo que ser um acordo entre instituições. Se queres, eu mesmo escrevo ao Perfecto sugerindo isto e lhe passando todos os contatos.

Em tua carta leio tua observação ao Rik Lina (eu recebi o convite para sua exposição), e me parece muito curioso, para dizer o mínimo, que ele se alie ao Miguel de Carvalho, justamente ele que há poucos dias recriminou o fato de que eu supostamente estava situando a fotógrafa checa Sára Saudková como surrealista quando, a rigor, eu havia mencionado seu nome como uma das evidências de grande influência surrealista no mundo.

Já cansei – imagino que o mesmo há muito tenha se passado contigo – de buscar salvação para esse jogo discricionário que envolve o mundo das artes, jogo do qual muitos surrealistas, sobretudo os mais oportunistas, sempre fizeram parte.

Começo a pensar seriamente em editar um volume com a nossa correspondência, um livro mágico que incluiria também textos escritos a teu respeito, desenhos, objetos, fotografias, manuscritos e poemas. Venho preparando este material e creio que poderia encontrar um patrocínio para ele no Brasil. Para este livro estou ainda por escrever o ensaio que planejo acerca de tua obra.

Aqui me despeço, e volto aos meus cuidados com a saúde.
Recebe o meu beijo, querido amigo.
Atenciosamente,

[22 de setembro]

Artur querido

Ando me recuperando. Hoje mesmo comecei a hidroterapia e creio que dentro de duas semanas eu devo passar por nova cirurgia para a retirada de dois dos nove pinos de titânio que me puseram no tornozelo. É um processo lento e não me resta senão ter bastante paciência.

Ainda não recebi os teus novos envios (catálogo e fotos). Na semana passada os correios estavam em greve, mas já retornaram ao trabalho. O país anda muito estranho, sob ameaça constante de impeachment da atual presidente.

Eu tenho boa relação com o Alex Januário, que sempre me pareceu correto. Ele tem um pequeno núcleo surrealista, com quatro pessoas participando, algo bem produtivo. Ultimamente editaram alguns livros importantes, de poesia, colagens e estão recuperando a obra de um grande artista brasileiro, Flávio de Carvalho. Marcos Salgado faz parte do grupo, mas até onde sei não está mais com eles o Sérgio Lima. Do ponto de vista formal o Lima sempre seguiu rigorosamente a cartilha surrealista (jogos, enquetes etc.). Contudo, sempre padeceu de imensa dificuldade de produção e comunicação. Além do que já caiu em pleno ostracismo no Brasil. Eu agora mesmo preparo um livro de poemas e fotografias, a quatro mãos, com sua primeira esposa, Leila Ferraz, que é uma excelente artista.

Esta semana preparo uma série de fotografias para capa e ilustrações internas de um livro de contos de Alfonso Peña. São fotos que fiz a partir de assemblages que montei. Também preparo um vídeo com uma nova série de fotos que fiz, uma série de cartazes de filmes inexistentes, que batizei de *Cinema Imaginário*.

Recebe o meu beijo, querido amigo.
Atenciosamente,

[09 de outubro]

Artur

Meu querido

Torço para que logo se resolva esta tua pendência em relação à morada, de um modo que seja satisfatório para ti. E que bonito saber de teu encontro com Antonio Cândido Franco, de quem gosto muito. Compreendo muito bem as tuas razões no tocante ao tema da exposição na Costa Rica. De minha parte, tratei de assim resolver o problema: tenho originais de desenhos teus, que tratarei de remeter à Costa Rica como empréstimo, para que assim não estejas ausente da exposição. Também já tratei de enviar poemas teus, para que sejam inseridos no catálogo da mostra. De distintos lugares te enviam calorosos abraços Susana Wald (esposa de Ludwig Zeller) e Leila Ferraz (Leila foi casada com Sergio Lima e em parte graças a ela houve a Exposição Internacional do Surrealismo em São Paulo, nos anos 1960).

Estou bem melhor da cirurgia no tornozelo, já estou fazendo hidroterapia e esta semana devo viajar a Natal, para dar uma conferência. Na volta quero tratar de definir a edição de teu livro. Além dos ensaios e da correspondência, pretendo incluir uma série plástica tua (objetos e desenhos), assim como uma seleção de poemas. Tenho ainda dúvida quanto ao título, porém logo que tiver tudo aqui arquitetado tratarei de te enviar uma cópia para que Cidália te ajude a corrigir eventuais falhas minhas. Vou precisar de uma carta de autorização tua, permitindo a publicação do livro, mas este será detalhe de que trataremos em um par de semanas.

Hoje não me demoro nesta carta, pois tenho que ultimar a agenda da semana antes de minha viagem. Recebe o meu carinho de sempre e um beijo carinhoso.

Atenciosamente,

[29 de outubro]

Artur

Meu querido

Acabo de retornar de viagem e encontro teu pacote repleto de maravilhas (as fotos, o catálogo, o teu carinho imenso), assim

como uma de tuas mais extensas cartas. E logo Cidália me envia mais uma amável carta. Vamos a nós.

Começo dizendo que meu tornozelo já está quase recuperado, que já consegui viajar acompanhado de uma muleta, enfim.

Com relação ao empréstimo de tuas obras para a exposição na Costa Rica, amanhã cedo eu devo fotografá-las para imediato envio. Tudo está indo bem, e sempre te mantereí em contato.

Sinceramente me preocupa a tua transferência para Lisboa, porém se trata de uma preocupação em face de nossa amizade. A rigor, torço para que tudo se realize dentro do que mais desejas.

Cidália tem sido uma bela parceira nossa, tão amiga e tão cúmplice.

Almada Negreiros foi um artista completo e é uma lástima que siga tão pouco conhecido (melhor seria dizê-lo inteiramente desconhecido) no Brasil. Esta semana eu publico, em minha revista, poemas de António Franco acompanhados de uma série de 10 obras de Almada.

Eu bem que gostaria de meter a mão nas caixas de cartão, em teu valioso acervo, quando o mesmo se tornar espólio, e certamente honraria a tua memória. Porém teria que haver conivência da Fundação, assim como um acerto contratual que englobasse passagens, hospedagens, alimentação e uma mínima condição de trabalho. Antes disto, embora somente no primeiro semestre de 2016, edito o livro com a nossa correspondência, incluindo ensaios a teu respeito, poemas e imagens de tua obra. Um bonito livro que em janeiro devo ter concluído. Agora mesmo tenho que cuidar de uma encomenda urgente, a preparação de um volume crítico sobre Laudelino Freire, um crítico de artes brasileiro da primeira metade do século XX.

E antecipo aqui informação de que nesta próxima edição de minha revista publicaremos uma extensa entrevista com Vítor Silva Tavares, como uma espécie de homenagem ao brilhante e corajoso editor que foi.

Agradeço imensamente o envio das fotos. De imediato reconheci a figura carismática de Jorge Camacho, um artista tão querido. Todo este rico material terá acolhida nas páginas de meu/nosso livro (preocupa-me que o mesmo ainda esteja pagão, porém logo surgirá um título luminoso). Caso queiras me enviar algo mais, em especial fotos de tua obra, preferencialmente os

objetos, renovo nossa cumplicidade, feliz e agradecido por tua sempre renovada confiança.

Segue o meu beijo sempre afetuoso.

Atenciosamente,

[11 de novembro]

Artur querido

Há muito não te escrevo, quer por razões de saúde ou viagem. Dá-me notícias de tua persistência entre os vivos. Uma lástima que não possa ir passar uns dias por aí, pois certamente muito nos divertiríamos a falar e falar.

Entendo que o centenário do Surrealismo possa ser considerado tomando por base a publicação da revista *Literature*, em 1919. Também se poderia referir a 1921, com a publicação de *Campos magnéticos*. E por último, claro está, o 1924 que marca a publicação do primeiro manifesto. Sendo assim, e fazendo jus a seu caráter múltiplo, o Surrealismo poderia comemorar seu centenário em um período que vai de 2019 a 2024.

Pois assim resolvi fazê-lo. Agora mesmo estou preparando um extenso volume de 1.200 páginas, intitulado *Viagens do Surrealismo*, antologia dedicada a percorrer todo o planeta fazendo uma espécie de inventário poética do movimento. Esta antologia – da qual naturalmente participas – será publicada por uma coleção que criei, ao lado de outra editora, de circulação pelo sistema Amazon, de ampla difusão internacional.

Paralelo a isto estou escrevendo o segundo volume de meu livro dedicado ao estudo do Surrealismo em todo o continente americano, e desde já começo a preparar as 12 edições de minha revista que, de janeiro a dezembro de 2019, marcarão esta primeira baliza centenária do Surrealismo. Ao todo serão 120 ensaios, escritos em três ou quatro idiomas, que preciso coligir e providenciar sua tradução ao português.

Decidi cuidar disto porque certamente o centenário do Surrealismo passará em brancas linhas no Brasil, assim como ocorreu com o centenário Dadá.

Recebe o meu beijo mais sincero, e toda a minha amizade.

Atenciosamente,

[21 de novembro]

Artur

Meu sempre querido

A minha saúde tem um componente bastante curioso, que é uma deficiência hormonal que prejudica parcialmente a atividade cerebral. Mantenho a máquina funcionando a custas de medicamento e uma imensa lista de proibições. Por sorte não me faltam lucidez, humor e determinação.

Sigo trabalhando no volume duplo dedicado ao Surrealismo, uma viagem testamental em torno do centenário do movimento. O livro se chama *Viagens do Surrealismo*. O primeiro volume será publicado agora em fevereiro. Em suas quase 900 páginas recolho 160 poetas surrealistas em todo o planeta. Ainda estou com dificuldades na localização da obra de um ou outro, dentre eles o checo Arnost Budik. Mas sendo este primeiro volume uma antologia poética certamente não será de todo estranho dar pela ausência de alguns nomes. Tive, isto sim, o cuidado de ser o mais abrangente, tanto do ponto de vista geográfico quanto estético, na minha seleção de poetas. Inclusive trato de recuperar alguns nomes que estavam mesmo quase que de todo esquecidos, como a grega Matsi Chatzilazarou, a ucraniana Maya Deren, o japonês Nishiwaki Junzauro e o australiano Max Harris. De Portugal, além de presenças emblemáticas, como as quais sabemos bem, a começar por ti, tratei de recuperar a poesia de António Gancho. Por outro lado, evitando sobretudo aquela impressionista falta de critério, deixei de fora a totalidade daqueles nomes já tão conhecidos nossos que, além do comportamento duvidoso, para dizer o menos, tampouco foram ou são poeticamente expressivos. O segundo volume deste livro será integralmente de estudos (meus) sobre as conexões surrealistas, envolvendo tempo e espaço, desde 1919 até os dias de hoje. Começo a escrevê-lo agora em janeiro, de modo que me chega em muito boa hora o presente que me enviaste, a edição comemorativa do 50º aniversário do primeiro manifesto surrealista. Caso seja possível me enviares fotocópias de outros documentos igualmente importantes eu muito agradeço.

Não somos, tu e eu, muito distintos em nossa relação com o dinheiro. Mas disto evito falar, para não abrir as janelas por onde entram os maus espíritos.

Não conheço a Tânia Martuscelli, porém sei do livro que organizou com a obra do Leiria. Tampouco sabia de sua relação com a enciclopédia do Surrealismo que está sendo preparada em Londres. Outro dia conversei com Arturo Schwarz e o chileno Enrique de Santiago. Voltarei a falar com ambos acerca da enciclopédia. Confesso temer por esses compêndios e sua ramificação infinita de tópicos que, em geral, costumam ser superficiais. Há um receituário acadêmico do qual o Surrealismo sempre passou ao largo e que mais recentemente o querem atado a tal camisa-de-força. No princípio dos anos 1980 Roland Penrose escreveu um livro muito honesto e de saborosa leitura acerca dos 80 anos de surrealismo. Eu mesmo orgulho-me do amplo volume que dediquei ao surrealismo no continente americano. E agora pretendo fazer o mesmo, com abrangência global, em respeito ao centenário do movimento. Ou seja, há como escapar dos alinhamentos estéreis da linguagem acadêmica e suas estruturas cadavéricas.

Numa próxima carta eu terei mais novidades para te contar sobre a enciclopédia inglesa. Agora me apresso a te enviar esta carta, aproveitando uma querida amiga que mora no Porto e nos serve de ponte a mais amável possível.

Mil beijos, meu querido. De todo o coração.

Atenciosamente,

[27 de dezembro]

Artur querido

Já estava saudoso de nosso diálogo, quando me chega o carteiro com tua nova carta e as belas fotografias de uma feliz exposição tua que tanto já me havias comentado em outras oportunidades. Obrigado pelo carinho sempre renovado.

Nosso livro já está na gráfica sendo impresso, de modo que nas próximas semanas deverás receber notícias concretas do mesmo. Cidália em muito me ajudou na preparação do mesmo e aqui te faço uma sugestão, a de que não te vás a Lisboa sem levar contigo esta anja adorável.

Não sei como será possível, mas gostaria de conhecer a maquete do livro que fez Eurico Gonçalves, quem sabe não o podemos publicar por aqui, através de meu selo editorial, ARC Edições.

Meus imensos parabéns pelo sucesso no vernissage de tua exposição, mesmo que boa fração dos presentes tenha ali estado em nome da Presidência da República. Não importa. Ali estiveram todos e viram a tua obra, cuja expressão entranhável dispensa apresentações e apadrinhamentos.

Acabo de receber as simpáticas palavras de um jovem poeta brasileiro nascido em 1935, uma de nossas vozes maiores, e, no entanto, isolado em sua Santa Catarina de nascimento, um desses ilustres desconhecidos da lírica brasileira.

O mundo jamais foi justo, meu belo poetamigo.
Atenciosamente,

[29 de dezembro]

Cruzeiro querido

A minha vida tem sido uma batalha constante contra a distância física. Muito embora eu tenha apenas 58 anos, já me deparei com muitos equívocos, em especial aqueles cometidos contra artistas que em meu país são dignos da maior consideração e, no entanto, levaram a vida ou levam ainda a juntar umas poucas migalhas de reconhecimento. Vivemos, tu e eu, em sociedades que são fontes notórias de toda e qualquer forma de desestímulo. O que mencionas em relação à Fundação Cupertino de Miranda, em especial no que tange ao Surrealismo, poderia eu aqui mencionar a Fundação Memorial da América Latina, no que diz respeito à falácia de uma aproximação entre povos e culturas latino-americanas. É tão inútil que já nem se questiona a existência, embora continue a alimentar cargos e verbas para projetos invisíveis. Quanto a fazer dinheiro, confesso que eu sou excelente em gastá-lo (risos). Tendo despertado cedo para o trabalho como editor, pesquisador, tradutor, acabei cuidando mais dos outros do que de mim mesmo. Somente na última década é que começo a cuidar um pouco melhor de minha poesia e da fotografia. Hoje conversava com minha esposa a respeito da insana ironia da vida que presentear um pintor com a cegueira. Um músico cego (Ray

Charles) ou um escritor cego (Jorge Luis Borges) não se ressentem tanto quanto pintor, claro está. É como lhe tirar o oxigênio. Observo tudo isto, querido, para que saibas o quanto me sinto próximo de ti. E claro está que entendo sobremaneira a impossibilidade de fazermos qualquer coisa juntos. O que posso, isto sim, é dar sequência ao volume crítico de nossa correspondência, um epistolário crítico. Outro dia recebi, assinado por Nicolau Saião, um breve ensaio sobre Lud, que certamente conheceste. O que opinas deste artista? Também gostaria de conversar contigo a respeito de Mario Botas e Paula Rego. É possível dizer que hoje a influência do Surrealismo em Portugal se verifique de forma mais relevante na imagem plástica do que na imagem poética? Eu penso que tem sido assim em países como Argentina e Brasil. Agradeço sempre ao bom Acaso Objetivo que nos tenha apresentado a Cidália, cuja presença em tua vida já entendi, e dou-lhe boas vindas, porque este nosso diálogo mais frequente é algo que muito me estimula. Entendo muito bem o que falas a respeito do Cesariny. A rigor, o Surrealismo em essência não contava com inúmeros erros táticos da parte de alguns surrealistas, e nisto Cesariny não está sozinho. Talvez Herberto Helder, assim como o brasileiro Murilo Mendes (1901-1975), tenha se afastado do ambiente artístico-literário exatamente para evitar ser inserido nesses enxames de mal-entendidos. Já no tocante ao homossexualismo, mesmo concordando contigo em relação ao Cristianismo, creio que o ambiente hoje – seja masculino ou feminino – está completamente deteriorado por uma mescla de preconceito e vaidade, ou de preconceito e oportunismo. E que sorte a nossa que *fica sempre tudo para dizer*, pois assim nosso diálogo não tem fim. Um beijo grande, repleto de carinho e respeito.

Atenciosamente,

A NOITE É UMA RUA SEM FIM

Poemas, desenhos, objetos



O mundo divide-se em mar e terra
o que me é difícilimo distinguir
porque constantemente
trocam os sexos entre si.
O sol esse
julga-se um navio branco na neblina
e aplaude
ou então sente-se árvore
e chora.
O Vento que
fisicamente
se parece com a mão de William Blake
deixada com armas e bagagens
numa encruzilhada
revela-nos
toda a sua indecifrável origem vulcânica.

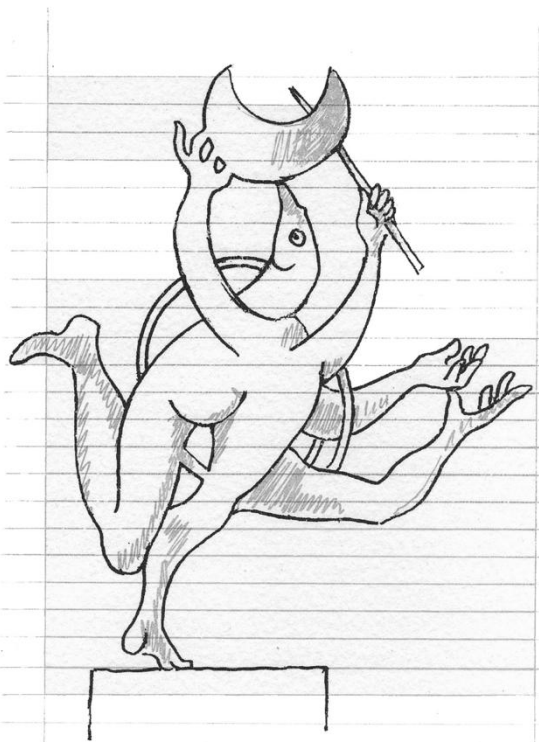


...prossiguimos, logo pela intensidade
da luz...

As sombras mais sombrias
entram desassombradamente no meu quarto
e gritam
tendo na face a enorme alegria
do desespero.

De toda a parte irrompem mãos transparentes
tentando arrancar os fantasmas
aos abismos sexuais do mar
onde os afogados parecem
máquinas de escrever encontradas em túmulos antigos
na primavera.

Afinal a noite é uma rua sem fim
atravancada de objetos sem sentido
e fulgurante é ali a tua presença
sempre ausente;
mas temos tempo ainda para lembrar a morte
apaixonadamente nas fendas do mármore
nos fungos
naquilo que eternamente é vida.



...a mediocridade suíça, deturpa, serve-se de todas as
ideias superiores. Não foi para o mundo que temos que
Rimbaud, Picasso, Pascoas, Max Ernest, etc, etc... nos deixaram a obra que deixaram...

Se me leres com atenção
aprendes fiel discípulo
a maneira de encontrar o relógio de ouro
que perdeste há séculos
naquele burguês passeio de barco.
Um dia descobrirás estou certo
que a sombra
é muito mais pesada que os seus heróis.
Recomendo-te um pouco menos de musgo sobre o muro
sobre os ombros dela
sobre o sexo dele;
deves aguardar o suficiente para que a analfabeta caneta
possa manter o diálogo com o eco.
É com satisfação e orgulho
que te vejo estender as palavras ao sol
e no leito ao luar
semear mondar ceifar sulfatar.
Se há sementes ainda verdes e ácidas
uma centopeia é o suficiente
para alegrar toda uma praça.
Com a consciência dilatada
querido discípulo enfim
poderás possuir-te pelo buraco da fechadura.



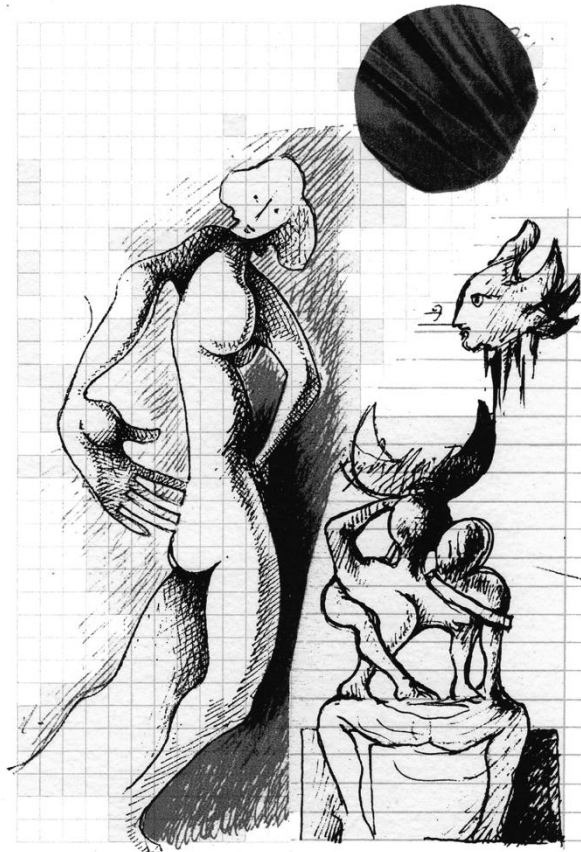
...A DÚVILA É A MINHA PAIXÃO, A RAZÃO DA MINHA VIDA...

*...intolerância e intolerância, eu não falo palavras inquietas,
esqueço de que não sei o que é cada um...*

Porque me julgas mostrar nu
as raízes mais profundas do teu ser
digo-te
que todas as fontes jorram sangue.

As figurações milenares
que os espelhos nos devolvem
e a torre opaca
que parece o teu corpo
esse, nu por dentro,
são túmulos relógios primaveras perdidas
tudo o que jamais vai existir.

Bandeiras de cristal contra o apocalipse
que me olham cegas como quem desembarcasse
numa praia de astros e algas
e Giocondas sorrindo de perfil
obstinadamente à felicidade sem asas
truncada como uma estátua grega obscura
que arrastasse consigo um átrio arfante
como seu próprio mundo,
de que restassem apenas os despojos
abandonados pelos vermes.



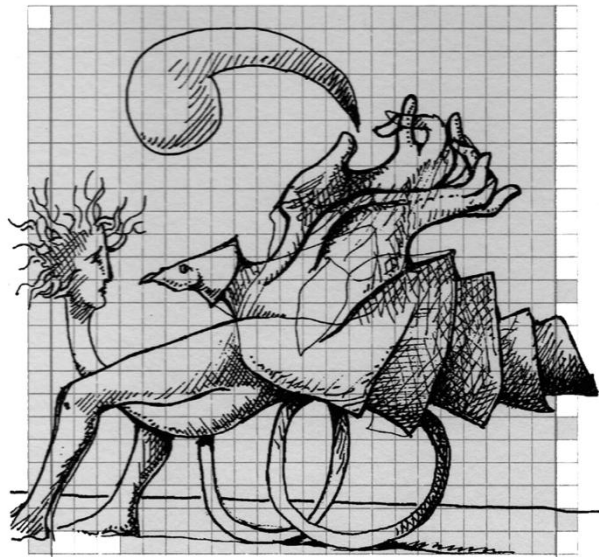
Vou contar a estória de uma serpente
e dos seus sapatos transparentes.
Mas nada é fácil quando o teto do meu quarto
é constantemente cruzado por navios
solenissimamente loucos.
Na serpente havia
todas as cores da paixão
da profanação das palavras
ao próprio infinito
que infinitamente nos espera.
Nada é fácil repito-o
se o selim da tua bicicleta é em forma de coração
e te arrasta para o labirinto das colunas translúcidas.
O fim não é difícil de imaginar;
a máquina fotográfica ficou perdida
nas paisagens que vieram de muito longe para nos ver
e das flores imaginárias e do invisível
persiste a face invisível do real.
Do encontro final
com o Azul com o Eco e com o Tempo
que nos colocam a mão sobre o peito
fica o grito agudamente estilhaçado
o Mar distante.

diukuhkan oleh Presiden "Masyarakat Indonesia"
"Perintis" 1950



O meu nome é um corpo quente
interiormente cheio de astros
de que são pavimentadas estas estradas.
Espero pelo meu nome altas horas da noite
e sinto-o inquieto rondar a cidade.
Olha a sua própria estátua
e não se reconhece.
À falta de outro alimento
devora os seus próprios cabelos
roubando-os ao Vento.
O meu nome é bicéfalo.
Guarda no peito um sinal
que aponta a todos os sexos.
Quando enfim ele roda a fechadura eu saio pela janela
porque o meu nome tem as mãos sujas de sangue.
De outras noites antigas sei que tem na carteira
coloridas paisagens de guerra
– não das guerras das feras
mas das guerras dos homens.

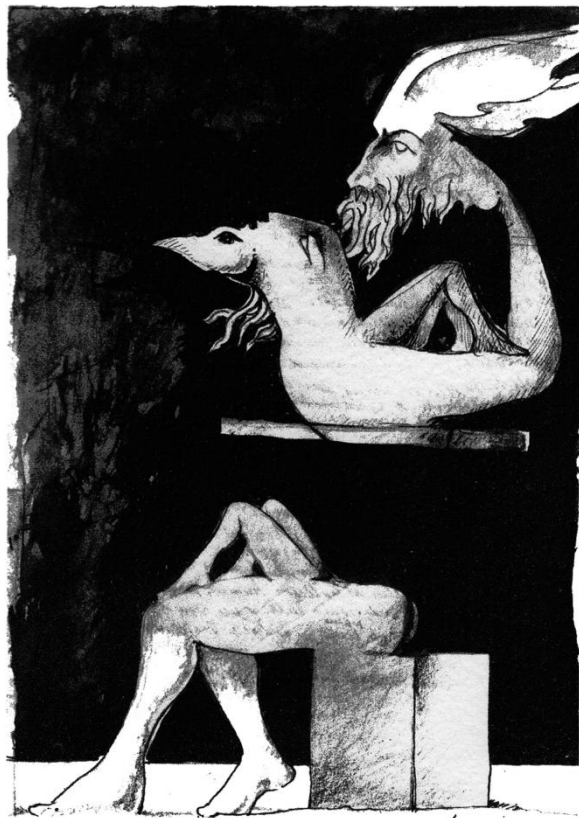
Os anjos dormem;
mas depois vêm resolutamente até mim
enquanto lá fora
tudo se cobre da brancura excessiva da luz.



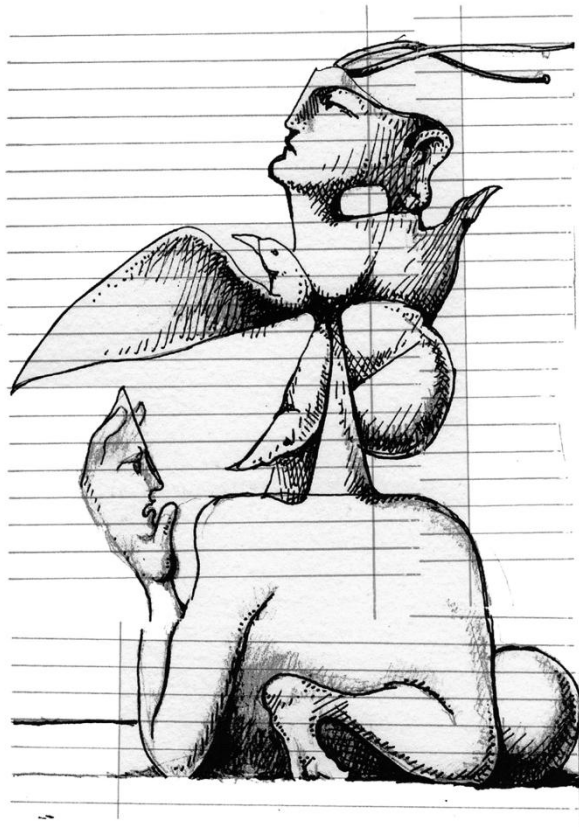
...sonhe sonho;sonhe com palavras que nunca existirão,e
que deixaram pálidas de inveja e raiva palavras como LI-
berdade e Imaginação,que há uns 50 anos ainda pareciam
mais luminosas do que o sol...

...o poeta é o que beija o fogo na boca...

Três navios no alto mar
atraídos pelo latejar de uma locomotiva
e tu que chegas no momento perturbador
com o milagre dos desconhecidos que amanhã seremos
e as escuras raízes das palavras encobrindo a lucidez do dia
e um cavalo
com a mais masculina das flores colocada nas crinas
e as cores fazendo amor
ódio
e tu mais uma vez sobre a areia
com nuvens
que te beijam
como esculturas reclinadas.



Pode-se enfraquecer a verdade
dividindo-a em duas partes iguais
e nunca fizemos outra coisa
neste teatro
onde personagens muito nossos conhecidos
rasgam os cenários
como quem rasga a lua prometida.
No escuro pergunto-me:
é um cavalo alucinado que está em cena
como um território desconhecido
de que ainda esperássemos a chegada
suspenso pelas pinças dos mais sábios?
Uma folha seca
seguia-me como um cão.
E a luz escrevia na trama das fibras
um pássaro realmente real
Apolo algemado
sete vezes refletido num espelho líquido.
Eis-me entre os teus joelhos
rodeado pela fúria de sete mares.
Falávamos da eternidade...

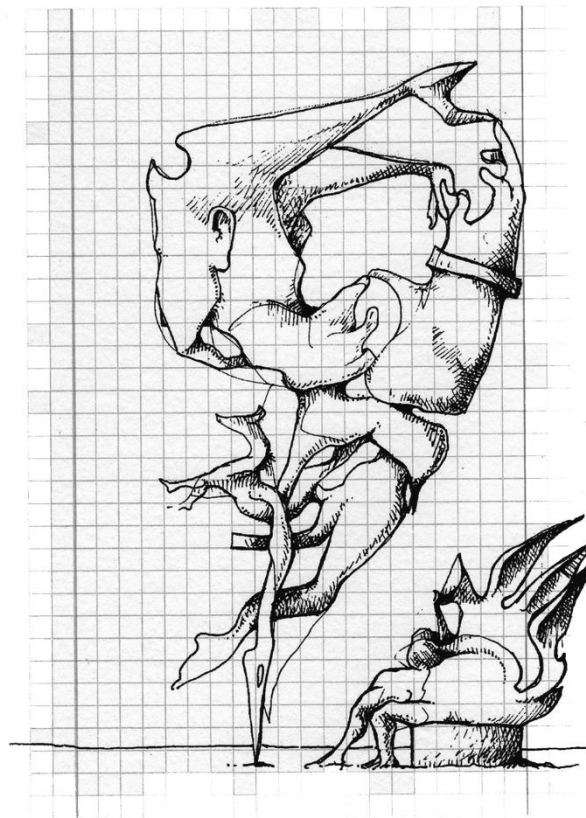


A realidade verde
desagregou-se
corre como uma fonte do interior de uma cama
abandona naquela antiquíssima solidão

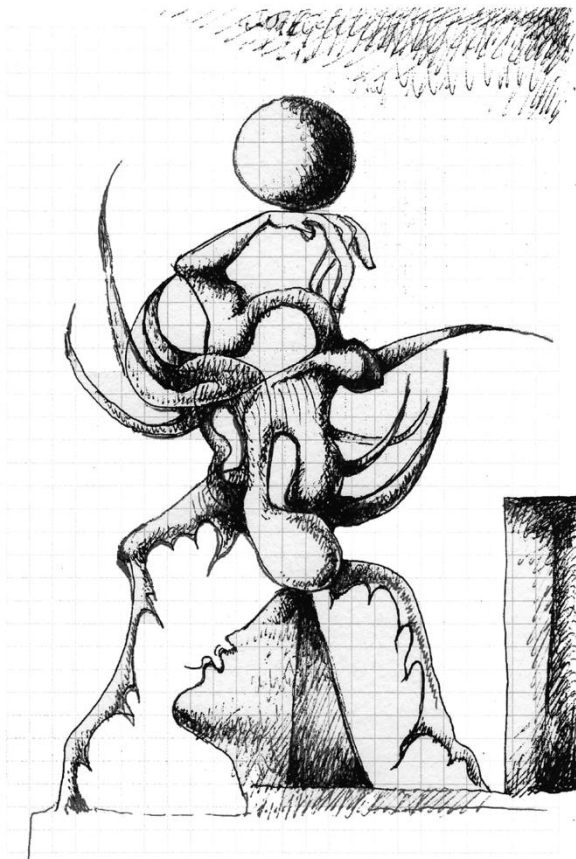
O avião de argila lá está
e as orquídeas ao luar
e o segredo sem chave
e os animais que ávidos devoram o dia de hoje
prometendo o futuro.

Estamos agora entre lençóis de areia
que nas asas transportam falésias
e sob elas
famílias de trapezistas sorrindo.

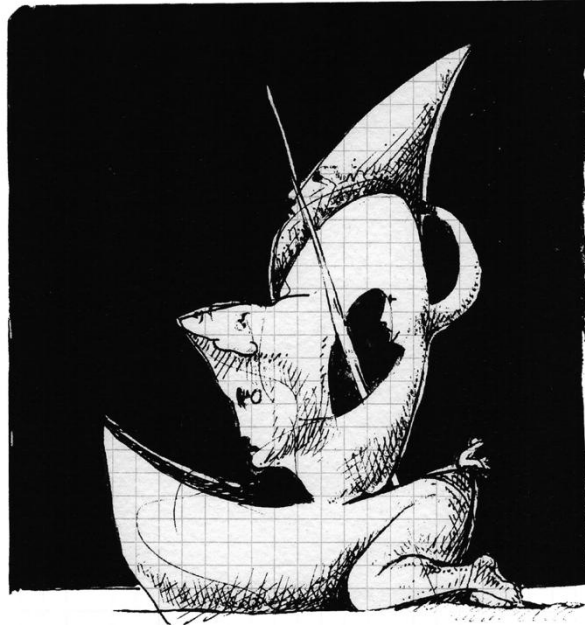
Mais acima navegam os cabelos vegetais de Botticelli.
Noutra estratificação o ininterrupto sorriso luxuriante
e depois tudo o que uma cadeira pode gritar
quando perdida na floresta.



No primeiro dia foi o mastro mais alto
no segundo os porões cheios de escuridão
depois o leme
e neste minuto o peso cego do espaço
a janela manuelina de Tomar
a mesa-avião com copos e talheres
a mão de veludo
rosácea de crocodilos góticos
corpos por demais invisíveis.
Nesse dia
todas as árvores escreviam longas cartas
ao mar
contando como o primeiro cristão
viu o primeiro rinoceronte.
Ninguém esquecia a avidez dos espelhos
canalizando a lua
fazendo vibrar as suas barbatanas
incessantemente varrendo o azul perturbador.
De dentro das fundas cavernas dos olhos
vazias de tanto gritar olho-me:
 estou no centro da terra como um reflexo
oposto à grande viagem.
Ao longe o pente
na negrura dos cabelos
tem o seu espasmo.



É preciso dizer urgentemente aos arcanos
que há canos que unem as cidades
porque nos espelhos tudo é diferente
linear carregado de negro
se quiseres acreditar que estes espelhos que temos
não sofrem a sua menstruação
e passam leves como pequeníssimos seres
no sistema solar
que criaram.
É preciso urgentemente aquecer a luz
ou então verás
como as suas mãos tremem de frio.
Só a treva se basta a si própria
no jogo de imaginar sorrisos anatômicos
esperneando dentro de enormes sacos
ou tu
meu universo
servindo-te de forma indigna
(tão desprezível como essas asas brancas de anjos)
descendo degrau a degrau
até aos meus olhos
recusando o lápis a torrente iniciática o aparato
que não servissem apenas
para traçar
o recorte das margens.



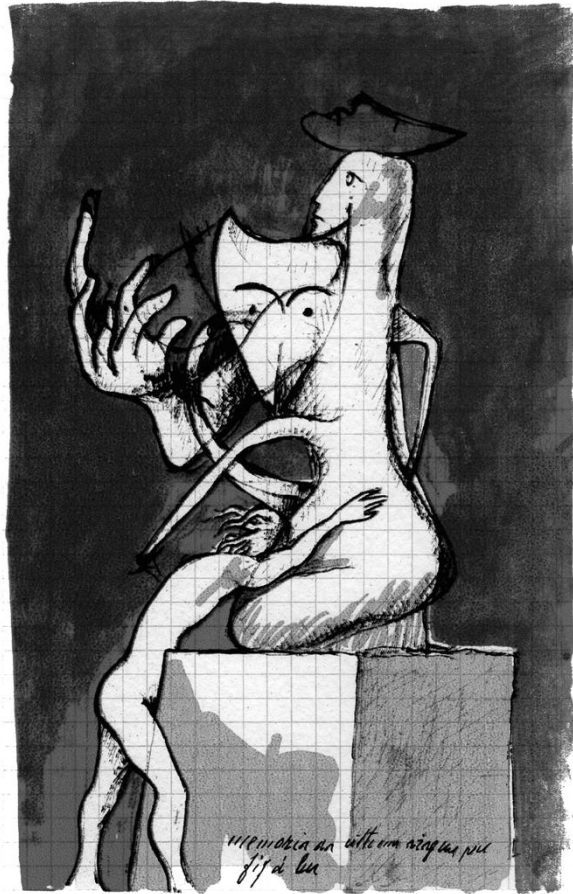
... as minhas mãos é que pensam, mas eu...

...na grande praça das fachadas monstru-
osas corria permanentemente um fio de sangue...

Sou o osso e a formiga
e o dragão e o branco e o preto
abandonados
na terra vermelha dos subúrbios.

E só por isso olham para mim
como olham para uma fonte
os rios subterrâneos
independente da caneta
virgens e determinados
arrastando palavras petrificadas.

Mas a fonte vestia-se
da cor dos países
para sempre perdidos
no roxo dos fundos
onde dorme nu
o mistério.

















A 12.10.1965









PAISAGEM COM GESTOS ABSURDOS

Depoimentos e entrevistas



CIDÁLIA FERNANDES
Breve depoimento sobre Cruzeiro Seixas²

O acompanhamento a um dos grandes expoentes do surrealismo português, Mestre Cruzeiro Seixas é de uma gratificação, admiração e aprendizagem constantes. Uma experiência muito enriquecedora. As vivências, partilhas, experiências, histórias e história de uma vida pautada pela liberdade e uma ética Surrealista.

Uma ética e não uma estética como sempre caracteriza o Surrealismo. A ética vem antes da estética. A sensibilidade acima de tudo. Sem sensibilidade a inteligência não é suficiente; um grande motor para percepção do que nos rodeia e ajuda a encarar o caminho e desenvolvimento das ideias. Esta sensibilidade sempre presente ultrapassa e ajusta-se à evolução dos tempos.

A liberdade como grande alicerce de uma obra, de uma vida, em pensamento e ações. É singular a sensibilidade em todas as formas e atitudes.

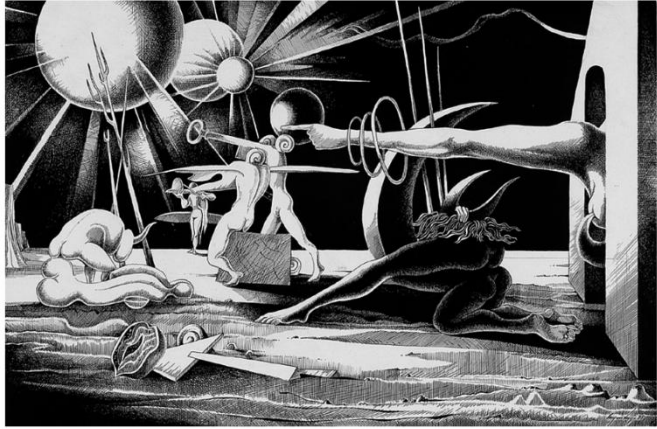
Uma obra e uma vida. A liberdade e o “amor louco”, não há limites para as ideias!

A linha do horizonte, o mistério, o sonho, figuras invertidas; os membros ganham corpos, os corpos ganham membros. A linha do horizonte é infinita e envolta do mistério da noite. As sinergias entre os corpos devolvem a magia da liberdade. Os desenhos libertam poesia com dimensões abrangentes; as ideias fervilham como bolas saltitantes que reclamam sair.

A viagem pelos livros, os livros e África; a poesia e os desenhos... a geografia envolvente, marcam a barreira que deveria ser infinita.

O “artista” não existe, mas existe o homem que faz desenhos, pinta e faz poesia. Deixa marca da passagem e um testemunho daquilo que sempre acreditou e praticou.

² Cidália Fernandes (Portugal, 1974). Licenciada em Recursos Humanos. Ingressa na Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão, em Junho de 2002, na área administrativa e financeira onde presta apoio direto ao Museu. Acompanha e secretaria Cruzeiro Seixas desde setembro de 2012.



AGOSTINHO LEITE
*Cruzeiro Seixas: Fiquei sempre à porta do mistério*³

A conversa aconteceu finalmente, à terceira tentativa, na casa onde Artur do Cruzeiro Seixas agora vive, em Cascais, num lar-vivenda, onde tem uma parte-casa. Cruzeiro Seixas mora num espaço de palavras compostas, hifenizadas, vive como escreve e sempre escreveu, como pinta e sempre pintou, num local “em que são iguais as quantidades de realidade e do que a ela se opõe”. Na verdade, só podia ser assim, reconhecemos depois do choque inicial. A conversa também não podia ser de outra forma. Aconteceu ao jeito surrealista da pintura automática, da poesia automática. O exercício proposto a Cruzeiro Seixas é simples. Sugerimo-lhe que comentasse palavras, termos que enchem os seus poemas e têm réplicas visuais nos seus desenhos e pintura. Vemos nos seus desenhos “representações de espelhos, falésias, ferrolhos, barcos, mãos, asas, caudas de cavalos, cabelos soltos ao vento... Tudo referências que também ocorrem nos poemas”, escreveu Rui-Mário Gonçalves. Esta é uma “entrevista automática” com um dos mais importantes artistas e intelectuais surrealistas portugueses que diz de si mesmo, e antes de deligarmos o gravador, o seguinte: “Ser um intelectual ou ser um artista são coisas que não me interessam nada. O que eu queria é ser gente. Ser um gajo. E livre. E isso realmente é o que me interessa apaixonadamente. Não é ser artista, entre aspas. Até porque acho uma coisa ultrapassada. Hoje, quem é que no mundo quer ser artista?”

SONHO

Liberdade. A liberdade absoluta é o sonho, porque realmente, o sonho é o que abre todas as portas. Não há nada que possa impedir o sonho. Em todas as coisas há contratos sociais, há política, há conceitos estéticos que, realmente, nos travam. No sonho não. Nada nos trava, é a liberdade absoluta o que nós temos. É a única coisa em que a liberdade pode ser absoluta.

³ Entrevista originalmente publicada no *Jornal de Negócios*, Lisboa, 13/02/2009, aqui reproduzida com a devida autorização de Agostinho Leite.

LIBERDADE

Liberdade é o sonho, então. É um mito de que o homem se alimenta. É claro que existe muito pouco. Somos animais livres que vivemos em sociedade, dentro das suas regras, queiramos ou não. O próprio surrealismo é uma lei. E o Breton era muito duro, como dono dessa lei que criou e que pôs a funcionar. Mas liberdade é a palavra mais bonita que o homem jamais inventou.

MAÇÃ

Uma brincadeira sinistra. Pensamos na maçã e pensa-se logo no Adão, na Eva e no pecado. Claro que percebemos desde logo, quando arrumamos as coisas, que pecado não há nenhum. Porque é que havia de ser pecado um homem e uma mulher fazerem amor? Essa é uma coisa completamente cruel, completamente disparatada. Fazer amor é sempre um ato sublime. É dentro dessa liberdade sublime que o homem se encontra.

CONSCIÊNCIA

Consciência. Ah, isso é uma coisa que agora está tão fora de moda. É uma coisa do meu tempo. É como honestidade, também. São palavras que envelheceram muito nos últimos anos. Não sei se tem alguma saída em relação ao futuro.

SOL

Sal?

AL | Também podia ser sal. Mas antes, SOL.

CS | Ah, Sol! É o símbolo da luz. Apanhar sol é realmente um prazer, de certa forma, também sexual. Depois há todos os mitos que podem rodear o sol. Agora, um poeta estará mais próximo da lua.

LUA

É a grande inspiradora dos grandes poetas. Também na pintura há casos extraordinários em que a lua aparece. É uma surpresa. A lua surpreende-nos mais do que o sol. É sempre uma figura velada. Não sabemos muito bem o que se passa por detrás. O sol está todo à mostra. O sol está nu. A lua não. Guarda em si mistério.

CAVALO

O cavalo figura imenso nos meus desenhos. Todos os homens têm em si qualquer coisa de cavalo. Vejo-me sempre com a nobreza e o porte dos cavalos. Há imensos cavalos que eu meti na cama. Em toda a minha vida, em sonhos, claro! Pessoas-cavalos. É um animal muito nobre, muito bonito, perfeito em quase todas as suas formas e que apetece meter na cama.

CRINA

A relação da crina com o cabelo... Quem me dera ter sido um homem primitivo, poder montar um cavalo sem sela e agarrar-me à crina como um homem primitivo montaria um cavalo. O cabelo é uma coisa lindíssima, por a mão no cabelo de outra pessoa é sempre uma coisa lindíssima. Hoje espanta-me imenso, naturalmente por ser tão velho, esta coisa de os jovens porem o cabelo em pé! Não se pode fazer festas naquele cabelo, não se pode tocar naquele cabelo. Parecem para-raios! Nunca percebi como é que se resolve aquele problema. É uma coisa quase agressiva, é o desejo de ser todo espeto. Possivelmente é o desejo semi-consciente de se defenderem da vida.

VENTO

O vento também está muito nas minhas coisas. O vento é masculino, como o nome dele já define. É um senhor que se impõe. Sempre jovem, mas sempre também com um saber, ou uma loucura, de alguém que sabe o que está a fazer. Mesmo quando não percebemos nada do que está a fazer. E quando está a fazer o que consideramos mal, está a fazer o que ele considera razoável e está dentro dos seus princípios.

SEXO

Ohh! Pois, isso... eu tenho a impressão que a vida divide-se em duas coisas, uma delas é a sensibilidade. A sensibilidade para ver as coisas belíssimas que há na vida, a sensibilidade para criar outras coisas belas. Criar, nós próprios. A outra coisa é, realmente, o sexo. O sexo, está claro, não funciona sozinho, acho eu. Funciona sempre agarrado a um corpo, a uma cabeça, a uns pés, a umas mãos, e isto enriquece-o de uma maneira extraordinária. É sempre

uma espécie de infinito. O sexo é um dos veículos que nos leva para o infinito.

INFINITO

Pois, o infinito não há, claro!

LINHA DO HORIZONTE

É como a pessoa a quem estamos sempre a fazer perguntas e as respostas não vêm. Nunca sabemos o que está do lado de lá. É o infinito. Caminhamos em direção a ela e já sempre outra e mais outra linha do horizonte até ao infinito possível. É a única experiência de infinito que temos. Tirando, claro, a da imaginação. Acho que é nesse sentido que existe a linha do horizonte nas coisas que eu faço.

Mas se quisermos aproximarmo-nos de uma coisa que existe no mundo real, talvez [a linha do horizonte] seja [a] da Costa da Caparica do meu tempo. Há aquela falésia infinita que vai por ali afora, e era aquela praia imensa também, que eu não sabia onde ia ter.

FALÉSIA

A falésia tem muito a ver com esse infinito. Com a linha do horizonte que vai por ali afora. A falésia, em princípio, é a possibilidade que teremos de ver mais de perto o infinito. Sobe-se a falésia, e do lado de lá o que estará? Outra falésia e outro infinito e por aí afora. A vida é feita de repetição.

ESPELHO

Penso que escrevi num poema que os espelhos são sempre adolescentes. Claro que somos nós que nos vemos sempre adolescentes quando olhamos para o espelho, ou não vemos a pessoa que lá está, porque o espelho está sempre a mentir. O espelho deve ser mesmo a maior mentira que se inventou. Porque aquilo nunca é a realidade. A realidade é outra. O espelho é a ilusão possível.

SIMETRIA

Ahh. A simetria não tenho muito comigo. Acho que é como dois e dois são quatro. Nunca li, mas alguém me disse que o Dostoiévsky dizia que para ele dois e dois nunca eram quatro. E para mim

também nunca dois e dois foram quatro. Acho que a simetria corresponde muito a isso, ao “dois e dois são quatro”.

DEUS

Uma coisa horrível. Acho que é uma das piores invenções do Homem. Porque leva sempre a uma figura em que esbarramos, que toma conta de nós, que nos quer proteger e conduzir. Não tenho simpatia nenhuma por essa palavra. É sempre uma palavra para saltarmos por cima dela para o outro lado, sempre que possível. Tenho passado a vida toda a fazer esse esforço.

DIABO

Diabo, esse é simpático! Diabinhos encontramos nós milhentos nesta nossa Lisboa. Diabinhos de todos os tamanhos e de todas as cores que podemos imaginar. Deve ser um senhor que está lá distraído e dá-nos liberdade demais. Os diabinhos são muito simpáticos, são muito portugueses, muito portugueses. Também há os diabões, toda a nossa vida é regida por esses gajos. Tenho a impressão que deus [governa] pouco. Nunca vi deus gerir as pessoas. Ele não percebe nada do que se passa à volta dele. O diabo sim, sabe tudo! As coisas mais pequeninas, o sítio onde se escondeu o dinheiro e não se encontrou, o lápis que se perdeu, as coisas mais pequeninas. O diabo não tem vergonha das coisas pequenas.

VIAGEM

Nunca viajei muito. Sonhei muito viajar. O Fernando Pessoa também não viajou muito, há imensas pessoas muito importantes que viajaram muito pouco, quase nunca saíram do sítio. Não viajei muito. Não sei fazer dinheiro, fazer essas coisas fáceis. Hoje as pessoas viajam com uma facilidade enorme, naturalmente porque é mais fácil fazer dinheiro – falo deste meio dos artistas e intelectuais. É mais fácil fazer dinheiro e é mais fácil também conseguir viagens por isto e aquilo e convites para isto e aquilo. Claro que isto deve dar tanto trabalho que só de pensar nisso já me sinto cansado.

As viagens grandes que fazemos acontecem no sonho. O sonho erótico, por exemplo, é uma viagem. A viagem que se faz através de um corpo. Mas na invenção do dia a dia também viajamos.

Estamos sempre a viajar. Podemos chamar-lhes viagens, como na poesia, as palavras passam a ter outro valor, outro peso.

ASA

Asa, que bom! Perguntei há dias a alguém o que é que gostava mais de ter, além do que já tinha. E a pessoa disse-me “asas”. Claro que, se as pessoas pudessem ter asas, estragavam por completo todo o voo. O voo ainda é uma coisa sublime. Aquilo em que o homem toca estraga! Mas eu gostaria de ter asas porque acho muito bonito. Não tanto para voar. Sou muito agarrado à terra.

PREMONIÇÃO

É um poder que não é dado a todos. Mas que algumas pessoas têm. Lembro-me, por exemplo, do Cesariny. Ele, com toda a segurança, dizia coisas que se iam passar e passavam-se mesmo. Até nas pequenas coisas, abria um livro e era na página que queria. Queria encontrar uma coisa qualquer e encontrava logo. Eu passo horas para encontrar a página que queria encontrar.

RECORDAÇÃO

Ah, estou cheio delas. Um velho desta idade [88 anos], como pode não estar cheio de recordações? Boas...

AL | Trabalha sobre as recordações?

CS | Elas tomam conta de mim, mas não me dão trabalho nenhum. Claro que gostaria de tirar um resultado qualquer de todo esse esforço e de todos esses perigos. As recordações são como um labirinto, onde andamos perdidos e não conhecemos a saída. Eu ando muito perdido entre as minhas recordações, para as definir, as que foram boas foram más, as que foram más foram boas. Naturalmente, esse é um dos papéis do homem, andar um bocado a bater com cabeça nas paredes.

AL | Não há dúvidas no seu traço. Pelo contrário, há uma segurança que sugere que acontece uma de duas coisas: uma premonição ou recordação. Dá a ideia que desenha como se adivinhasse ou recordasse as formas. A linha que evolui de uma forma para outra e se completa no regresso, fechando, unindo, rematando todo o volum... Que segurança é essa?

CS | Também não sei lhe dizer. É coisa que nunca pensei. Ou pensei e larguei logo a seguir. Não me interessa muito entrar no mistério. O mistério vai até um certo ponto. Depois ultrapassa-me. É tão grande e tão cerrado e tão misterioso... Eu fiquei sempre à porta do mistério, se calhar. Agora, há a habilidadezinha da mão, evidentemente. Sabe que tudo quanto faço não é pensado. Nunca pensei um quadro ou um desenho. Há muitos artistas que levam meses ou anos a pensar o que vão fazer...

AL | Isso num surrealista seria até contra natura.

CS | Acho que o Surrealismo tem uma grande parte de inconsciente, de não querer pensar. Se isso... Não quero dizer que sou um bom surrealista, porque há bons e maus e isso é uma confusão muito grande. E aquilo que é bom hoje pode não o ser daqui por cinquenta anos, há sempre novos olhos para ver as coisas. Agora, o meu modo de trabalho foi sempre assim, com uma grande liberdade. Por isso nunca precisei de atelier nem nada dessas coisas. Todo o meu trabalho foi sempre num recanto de mesa casual. Não sei o que vou fazer, não pensei, ponho a mão em cima do papel e a mão começa por ali afora a traçar linhas. Não sei nunca o que vai acontecer a seguir. Esse mistério apaixonou-me, de certa forma. Sei que estou a fazer um mistério qualquer. Agora, “l’apporté” do que aquilo tem não sei. Há pessoas que gostam muito, outras que não gostam nada. Há pessoas que têm muitos ciúmes, muitas invejas, há muitas maldadezinhas por aí.

Tudo quanto fiz foi dentro de um princípio, o da experimentação. O que faço não é arte, é um depoimento. Acima de tudo, não é a obra de arte que me interessa. A obra de arte é o que vivemos no dia a dia. O dia a dia é a minha obra de arte. A minha e a vossa. Quanto ao resto não sei se poderia adiantar muito. Há essa habilidadezinha da mão, que não sei se não está a passar, porque com esta idade ela já muito me treme e está pouco firme. E não sei se a tal liberdade da cabeça é capaz de corresponder à mão ou não. Vamos lá ver agora nestes meses que se vão seguir o que vou fazer. Porque começam muito depressas a acentuar-se as verdades de um velho. Vamos lá a ver a seguir. Também já chega, não é?

AL | O curioso é que, independentemente dessa liberdade aparente da mão em relação ao cérebro, desenho atrás de desenho os símbolos repetem-se. O vento, a crina, o sol, o cavalo ou parte do cavalo, os troncos...

CZ | Falta de imaginação minha, claro!

AL | Não há-de ser!

CS | Em parte, acho que sim. Acho que sim. Nesta altura sinto que estou a repetir-me e perante isso estou assustado e a perguntar-me a mim próprio – isto naturalmente é uma coisa que não devia dizer, claro – se vale a pena continuar, porque é que os outros estão tão calados e não dizem, será por generosidade, será por dó, será porque não notaram ainda? Essas perguntas todas estão no ar, mas estão também dentro de mim, um pouco dramaticamente, claro. Não é com satisfação que se fazem perguntas destas. Estou cheio de dúvidas nesta altura. Porque, repito, nestes últimos meses tem-se acentuado muito a velhice, a decadência. E sabe? Nada é inesgotável no mundo. E a imaginação é capaz também de ser tão esgotável como a realidade. A realidade está esgotada! Mas a imaginação naturalmente também. Nós vemos a pintura e o que se faz por aí. Hoje é corrente dizer-se que a arte acabou. De maneira que ninguém sabe o que vai acontecer amanhã. Pegando na linha de outra resposta a uma pergunta que me fez lá para trás: é um mistério absoluto. Como é que se vai criar um mundo sem arte? Como é que se vai criar um mundo sem sonho?

AL | Vamos regressar às palavras? CESARINY.

CS | Cesariny, há uma coisa realmente que... Nós conhecemo-nos para aí com uns dezessete anos, na António Arroio. E, não sei se isto ainda espanta alguém, mas houve entre nós uma espécie de amor, homossexual ou não. Mas, realmente, a grande revelação. Não sei o que seria se não tivesse encontrado o Cesariny. Porque foi ele que deu um caminho à minha vida, de certa maneira. O cesariny foi a grande figura da minha vida.



ANA CRISTINA JOAQUIM
Conversa com Cruzeiro Seixas⁴

A entrevista que se segue foi realizada em outubro de 2013 em dois momentos distintos: primeiramente, enviei por email as questões a Cruzeiro Seixas (que à época estava às vésperas de completar 93 anos), às quais ele respondeu pela mesma via de maneira sucinta devido a sua dificuldade de visão. Num segundo momento, fiz uma visita a sua residência em Vila Nova de Famalicão, onde gravamos a conversa, de modo que as questões puderam ser mais desenvolvidas. O resultado que aqui se apresenta é, portanto, uma mescla das suas respostas escritas com trechos de maior interesse transcritos a partir desse encontro presencial. Registro aqui a minha gratidão pela hospitalidade e generosidade com que fui recebida, e a imensa admiração pelo trabalho criativo e coerência ética deste grande expoente do surrealismo português.

ACJ | Ao olhar para o surrealismo português, noto com bastante evidência algumas características nacionais-identitárias. A experiência de leitura é muito diversa daquela que temos quando lemos qualquer surrealista francês. Para ser ainda mais central na questão, quando leio seus poemas, o que mais me chama atenção é a recorrência com que o mar se faz presente... Tendo isso em vista, o que você diria sobre as maneiras que o surrealismo português teve de se reapropriar da tradição nacional?

CS | Serei eu um caso especial? Foi lento o meu conhecimento em profundidade do Surrealismo Francês. Cesariny e os outros amigos não trabalhavam como eu, que, por isso, dispus de pouco tempo para leituras. Eu não sou nem um intelectual, nem um artista, essas duas palavras, as recebo como uma bofetada. Sou um homem entre os homens, nada além. O homem comum deveria ter paixão pelas coisas, e, no entanto, no máximo, tem paixão pelo dinheiro. Em 1950 embarquei como tripulante de um navio

⁴ Entrevista originalmente publicada na revista *Desassossego* # 13. São Paulo, 2º semestre de 2015. Ana Cristina Joaquim (1984). Mestre em filosofia (UNICAMP, 2011). Autora de *Polifemo* (2014) e *Gama cromática* (2015), o primeiro deles em parceria com Antonio Vicente Seraphim Pietroforte.

cargueiro e aí andei por cerca de dois anos. O mar já estava, por certo, dentro de mim pelas navegações históricas (as referências todas que carrega um português), de modo que a presença do mar nos meus escritos nunca foi uma atitude pensada, como não o foram outros elementos da minha poesia, que sempre foi feita do próprio acaso, sem premeditação. As pessoas são intuitivas ou não são, de modo que há pessoas fantásticas capazes de absorver determinados elementos do mundo e devolver-nos em forma de criação ou pulsão surrealista; acredito que a condição social apenas em parte é responsável pelo que alguém é capaz de fazer em vida. Ainda quanto ao mar, eu diria que é cotidiano e dele é uma grande parte de nós.

ACJ | Ainda pensando nas peculiaridades do surrealismo em Portugal, surge essa variação intitulada abjeccionismo, tal como teria proposto Pedro Oom, que gerou inclusive a publicação de uma antologia organizada pelo Cesariny. Esse conceito, pelo que pude entender, tem duas frentes de diferenciação em relação às ideias de Breton: a primeira delas seria de viés epistemológico e afirma a perpétua renovação das antinomias (enquanto para Breton, persistiria a crença na possível dissolução destas); e a outra seria uma espécie de adequação histórica, no sentido de que a abjeção seria a condição de baixa moral a qual estaria submetido Portugal sob a ditadura salazarista. Essa segunda frente é assim expressa por António José Forte: “O que pode fazer um homem desesperado quando o ar é um vômito e nós seres abjetos?”. No vídeo “Surrealismo abrangente”, você manifesta a sua discordância diante desta postura abjeccionista, justificada com a seguinte citação de Cesariny: “pra frente puxam os bois, pra cima puxam os homens”. Você poderia desenvolver essa imagem?

CS | Quanto ao abjeccionismo, temo definir-me em relação a ele, já que me parece por demais ligado ao tempo ditatorial que então se vivia.

ACJ | Em 2007 houve uma exposição da sua obra em Almonte (Espanha) intitulada “Inventário”, em que você homenageou o Herberto Helder. Consultei o catálogo, mas não pude perceber a presença de Herberto Helder nas informações que nele encontrei, de modo que suponho a homenagem como referência à relação de

mútua admiração que vocês mantiveram ao longo dos vários anos da atuação de ambos. Você poderia falar um pouco sobre essa relação?

CS | O Herberto Helder é senhor de uma representatividade que não posso ignorar. Dedicou-me poemas que me parecem sinais de encontro no grande espaço do Surrealismo e, nesse espaço, se notava toda a sua poesia, a meu ver. Conheci-o em África, já com sua barba, estava ele na tropa, coitado, a cumprir uma obrigação como muitos outros soldados. Encontrávamo-nos vez ou outra em cafés, conversávamos sobre a situação política e outras coisas, mas esse foi todo o meu contato com ele, três ou quatro vezes apenas. Quanto a sua poesia, é uma torrente cheia de força, de tal modo, que por vezes chega a ser ilegível; nele a palavra vai como uma inundação que não olha casas ou ruas, é uma coisa de uma força extraordinária. É uma pena que ele tenha se metido dentro de sua concha... eu penso que nunca estamos fora demais, estamos sempre fora de menos, é preciso sair de si.

ACJ | Em 1928, André Breton se manifesta de maneira escancaradamente homofóbica: “Acuso os pederastas por proporem à tolerância humana um déficit mental e moral que tende a erigir-se em sistema e a paralisar todas as atividades que respeito.” O surrealismo em Portugal, diversamente, é pleno de manifestações homossexuais, como posso notar em alguns de seus versos e também em alguns versos de Cesariny. Isso me parece um ganho ético (até mesmo moral...) por parte surrealismo português em relação ao surrealismo francês, especialmente se levarmos em conta que estes versos circulavam num período de grande repressão de conduta, tal qual foi o salazarismo... Essa manifestação por parte de vocês, acaso pode ser considerada uma militância consciente em favor da causa homossexual? Com essa pergunta eu quero saber se havia essa preocupação, bem como a consciência de que este era um tema um tanto mal resolvido entre os surrealistas franceses.

CS | Não há jamais em mim “causa homossexual”. A homossexualidade foi para mim sempre forma de liberdade contra a sociedade organizada e por essa via um apuramento da sensibilidade e da consciência. Seja na sexualidade dita “normal”,

seja na homossexualidade, o homem deve sempre procurar a liberdade, que está por toda a parte. Num determinado contexto político em que vivíamos, a homossexualidade era vista como uma soma à postura transgressiva, pois acabava por ser um afrontamento à ordem estabelecida, mas hoje, acredito que já esteja mais “normalizada”. Para mim, nunca houve dúvidas de que em qualquer contexto (fosse ele ou não hostil), a homossexualidade seria a minha grande porta para a liberdade, uma das minhas portas, ao menos. O Desnos também era conhecido pela homofobia. Há mil formas de ser homossexual, como há mil formas de não ser. O Cesariny, por exemplo, era completamente diferente de mim na sua maneira de ser. Aliás, ele era um gênio e eu não. Deixou-me uma grandíssima saudade... e, claro, o nosso Rimbaud, que morreu aos 24 anos, o António Maria Lisboa. Ele estaria no mesmo plano de grandeza do Cesariny. Depois houve pessoas interessantíssimas como o Mário Henrique Leiria e o Fernando Alves dos Santos (sobretudo esses dois), que têm obras muito dispersas, de modo que se torna difícil persegui-las. Mas voltando ao tema: a arte como um ato de VIDA (esta palavra que está acima de todas as outras).

ACJ | Noto que o corpo, a presença do corpo e a ideia do corpo enquanto fundamento da existência são presenças constantes tanto na sua pintura quanto nos seus versos e, de maneira mais abrangente, aparecem com frequência na criação dos demais autores surrealistas. Eu gosto de ver nessa materialidade corpórea uma resposta surrealista ao racionalismo cartesiano... Você diria que esse foi um empenho de vocês?

CS | A alma e a razão só me interessam se forem realmente surrealistas [risos]. Eu não acredito muito nas religiões, elas não me tocam muito. Reconheço a religião como uma característica extraordinária da humanidade, mas não consigo me agarrar a isso. O corpo é meu templo (essa minha devoção pelo corpo...). E, realmente, toda a minha esperança vai para o homem como ele é, com seus defeitos, virtudes e inúmeras possibilidades. São MUITAS as possibilidades para além da razão. É uma pena estarmos num momento da civilização, em que não se segue em frente... depois de haver figuras extraordinárias como Freud, que sem dúvida nos ensinou muitíssimo sobre a humanidade, e em

seguida o surrealismo que nos abriu portas imensas... Mas as portas todas dão em caminhos tão vastos, que as pessoas ficam tontas e não sabem muito o que fazer com isso.

ACJ | Enfim, a África, e a importância que um modo de existência não eurocêntrico/ cartesiano, deve ter assumido na sua forma de ser surrealista, como fica evidente nessa sua expressão ao fim do livro *Viagem sem regresso*: “Devo talvez ainda justificar que todos os poemas sejam datados de ‘Áfricas’. Isso acontece por identificação moral e física minha com aquele continente, primeiro quando colonizado, agora sofrendo outras tiranias. É com África que completamente me identifico”. Eu gostaria que você falasse sobre essa identificação em relação a um povo vítima de tiranias diversas, como você diz.

CS | Quanto à África e considerando as minhas dificuldades de visão, considero como válido o texto que transcreve do livro “Viagem sem regresso” que me parece guardar ainda a atualidade. Nunca penso num poema como um propósito. Eles tiveram o seu tempo de vida, no meu caso, coincidente com o tempo de África. Na verdade, não sou alguém que viajou procurando itinerários, mas sim alguém que a eles foi obrigado, na maior parte das vezes. Nunca consegui permanecer em Paris mais do que 15 dias – o que era muito pouco para a minha fome de contactos.

ACJ | O Floriano Martins, responsável pela apresentação da publicação brasileira de alguns dos seus poemas⁵, falava, ainda há pouco, a propósito do surrealismo e das viagens: “(...) Viajar para fora do mundo e para dentro do homem. O Surrealismo se torna então um movimento conquistador das distâncias insondáveis, não apenas daquelas imersas na alma humana, mas também a geografia tangível (...). A fatalidade da viagem é que ela não se esgota em suas vertentes, não se limita a seus mapas impressos, nem mesmo nega os limites rascunhados alheios a toda confirmação. As viagens do Surrealismo são antes de tudo a confirmação de uma inquietude (...) O outro lugar sempre foi uma meta do Surrealismo, ponto incomum onde as estranhezas se

⁵ SEIXAS, Cruzeiro. *Homenagem à Realidade*. São Paulo: Editora Escrituras, 2005.

identificam; terra em que assimilamos as dissonâncias como parte de nossa vida. (...).⁶ Pensei que essa reflexão viria a calhar para pensar na sua atuação, já que – você poderá nos dizer – as viagens foram sempre constitutivas do seu modo de ser surrealista, certo?

CS | É bom lembrar amigos como Floriano Martins e poder declarar a minha coincidência com o que ele escreveu. Como acabo de dizer, não sou alguém que viajou procurando os seus itinerários, mas minha condição financeira o impunha. Minha poesia foi toda feita em África, depois que pus os pés na Europa não escrevi mais nada. E deu naqueles três livros que a Isabel Meyrelles publicou. Estão ainda por aí, numas pastas, coisas que davam para dois livros pelo menos. Na minha atuação criativa posso com certeza afirmar uma grande liberdade, já que nunca estive a pensar em ganhar dinheiro com ela. Disso advém consequências, pois estou numa condição péssima, faz-me falta meia dúzia de coisas (não digo uma dúzia) para viver um bocadinho mais intensamente. Gostaria de ir ao Brasil, por exemplo. A minha avó materna era brasileira e falava muito no gerúndio “estou fazendo”, “estou dizendo”..., era uma coisa de que eu achava muita graça.

ACJ | Sobre os objetos artísticos, fiquei muito sensibilizada em dois momentos de contato com as suas reflexões: ao entrar em sua casa pela primeira vez, você me mostrava paredes e estantes plenas de obras de artistas amigos, de objetos encontrados: a sua coleção afetiva (assim você dizia...). Você apontava: “são meus amigos, meus companheiros”. Algumas semanas depois, quando assisti ao documentário “Surrealismo abrangente”, registrei algo muito parecido: ao tratar de um quadro do Raúl Perez que se encontra ao abrigo da Fundação Cupertino Miranda, você dizia: “Eu gosto imenso deste. Tenho uma saudade imensa deste quadro”. Esse seu modo de acompanhar-se da arte é também um modo de personificá-la, de humanizar o objeto artístico... Será este o objetivo maior do surrealismo: um humanismo abrangente? Em que o amor é expandido de modo a suplantar as barreiras mais sólidas que erguemos entre nós e tudo o que nos rodeia?

⁶ Revista *InComunidade*. Porto, 22/10/2013.

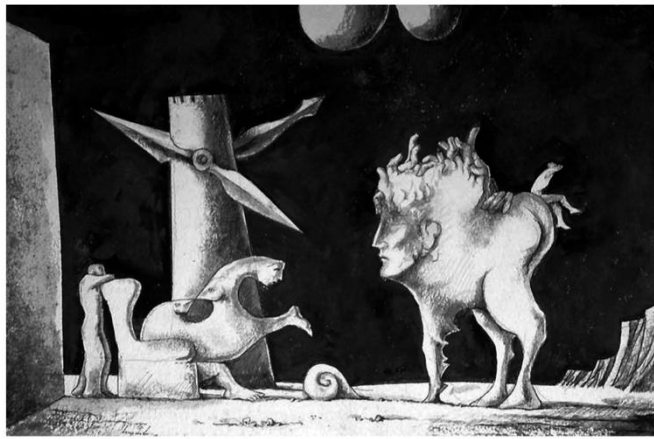
CS | Há um problema crucial, de maior importância e é este que eu gostaria que fosse sobretudo notado em nossa conversa: a pintura deve deixar de ser tida como uma coisa que se pendura na parede de um museu e ali permanece. “Ai, que bem que ele pinta o céu”, “Ai, que bem que ele pinta nossa ALMA”... A partir de Picasso, de Magritte, de Max Ernst, de toda essa gente, a pintura deixou de ser estética para ser uma ordem social e política, está ali para que os homens se questionem e consigam reelaborar o futuro.

ACJ | Ainda sobre as barreiras... Penso que uma das barreiras que mais imperiosamente se coloca é aquela que delimita o espaço do eu, do ‘corpo próprio’. O surrealismo de modo geral e o surrealismo português em particular se propuseram romper, de alguma maneira, com essa barreira por meio dos agrupamentos, da criação conjunta, da formação de um coletivo. Apesar das diversas desavenças que marcam a história do surrealismo mundial, eu olho para a sua trajetória e mesmo para a trajetória do Mário Cesariny (e aqui me refiro mais especificamente à trajetória poética) e percebo que ela está marcada fortemente pela imagem do indivíduo, do ‘eu’, embora haja sempre um ‘tu’, ainda que um ‘tu’ distante... Você tem qualquer coisa a dizer a esse respeito?

CS | Tanto quanto sei, em mim, no meu corpo, o outro está obsessivamente presente. Há, dentro de mim, amigos e inimigos. O Grupo Surrealista de Paris que foi, de certa maneira, exemplo de todos os outros, deixou histórias de lutas entre os surrealistas que o compunham. Aqui, com todas as dificuldades do regime político, alguns intitularam-se surrealistas (pessoas que, a meu ver, eram por demais próximas de um academismo que nos parecia insuportável, do qual sobressai António Costa). Assim, em 1949, sob a designação de “OS SURREALISTAS” fizemos a nossa primeira exposição tendo eu – o mais velho de todos – 29 anos. Como poderia o Surrealismo aqui ter começado mais cedo?

Correspondo eu às suas perguntas? De maneira que direi novamente que não, nunca foi a minha razão ser um intelectual, mas sim um HOMEM ENTRE OS HOMENS. Como poderia ser de outra forma se não frequentei liceus, faculdades e academias?! Espero que os outros interpretem o que fiz. Cada traço, cada pincelada ou cada palavra escrita espera e deseja interpretação. A

interpretação ou o “ensaísmo” são para mim a maior prova de
“AMOR LOUCO” que exigia André Breton.



ERNESTO SAMPAIO
As mãos ao nível de nós mesmos⁷

A realidade do surrealismo não tem limites. Poeta surrealista, o campo prospectivo de Cruzeiro Seixas é o desconhecido ilimitado de onde brotam as imagens nas quais se expressa, através do inconsciente individual e do inconsciente coletivo, da voz ancestral dos mitos, das recordações, dos desejos, desde a infância mais remota, a essência profunda do nosso ser.

Se o conhecimento resulta da participação do homem no cosmos, é preciso procurar na completa imersão em si mesmo a fonte de toda a sabedoria. Aí encontra o homem a porta que se abre ao mundo, o umbral que, transporto, o despersonaliza e universaliza. Há que penetrar muito fundo no próprio espírito para abandonar o cárcere do eu racional, esse lugar fechado a partir de onde toda a projeção para o mundo é impensável.

A realidade transforma-nos e nós transformamos a realidade. Esta interação dialética constitui a essência do conhecimento poético. O surrealismo está com quem defende tal princípio. Mas com quem o defende até às últimas consequências. O infinito fluir em que consiste o conhecimento só pode ser dado integralmente pela poesia, e a poesia dá-o mediante a imagem que se produz e destrói a si própria, deixando-nos a luz do conhecimento. Só quando a imagem é combustão pode iluminar a realidade. Como nestes poemas desenhados de Cruzeiro Seixas, onde nada é fácil, nem natural.

Assombra a intuição brutal e profunda da vida e da morte em visões como estas, com raiz na valorização expressiva da imagem corporal, no fascínio pela materialidade dos corpos, mas uma materialidade que é mesma dos sonhos. As fontes desta arte são o desejo e a memória, as suas catástrofes e transfigurações, e as sombras aqui projetadas são ecos daquela “segunda vida” de que falava Nerval, onde “só os sonhos propriamente nos pertencem”,

⁷ Ernesto Sampaio (1935-2001). Ensaísta, jornalista, poeta, foi um dos mais expressivos estudiosos do Surrealismo em Portugal. Ensaio datado de março de 1995. Além de crítico de teatro, foi também um inestimável tradutor de autores como Artaud, Éluard, Breton, Péret, Arrabal, Ionesco, Adamov, Benjamin, Wilde, Eliot, dentre inúmeros outros.

mas uma segunda vida que não se distingue, ou não deveria distinguir-se da primeira.

Arrisco avançar que nestes poemas-desenhos o poeta expressa uma experiência do desmoronar do eu (pelo menos do eu poético), e creio que a maneira encontrada para recuperá-lo é a construção de uma espécie de retórica da ruptura; o eu rasga-se e o mundo aparece. Em Cruzeiro Seixas, a dissolução não é um movimento, mas um estado. A construção do poema-desenho articula esse estado como estado prévio para a sua superação: ao reconhecê-lo, o eu solipsista vazio (queda que não cai em nenhum lado, ou sempre cai noutro lado) cerra a brecha por onde ia desaparecer. A ruptura operada por Cruzeiro Seixas não é consequência deste movimento último, mas ato de violência em relação a si mesmo e em relação ao mundo – ato de violência que os restaura a ambos.

As raízes de uma poesia como esta encontram-se nas profundezas do inconsciente e é preciso que o poeta se abandone às suas vagas sem terror, não tema entregar-se a um certo grau inalienável de furor. O seu material são os sonhos efetivamente sonhados, que se nos dirigem na profunda linguagem do real porque partem da inesgotável fonte de todo o conhecimento, de lá onde se engendra a verdadeira sabedoria, o mundo nos transforma e nós transformamos o mundo.

A recusa da realidade dada e o anseio pelo maravilhoso são ambivalentes nestes desenhos, traduzindo-se em sinais contraditórios: por um lado, aspectos do real, daquilo a que poderíamos chamar, segundo a terminologia psicanalista, “o conteúdo manifesto” do universo; por outro lado, alusões ao “conteúdo latente” impulsionado pelo desejo. Tal diversidade de fatores essenciais outorga a estas imagens o seu caráter dramático e alucinante, impondo acima de tudo o sentido da contradição. Fundamentam-se na oposição de identidades dotadas de um nexos comum, ou na associação de outras pertencentes a ordens diversas, quer dizer, na manifestação simultânea do pluralismo e do simbolismo de todas as coisas, na sua dependência das secretas estruturas do ser, de que precedem por emanção, e na sua nebulosa independência em relação à origem e em relação às outras. O prazer e a dor, o bem e o mal, o belo e o horrível surgem menos por causa da sua condição particular e mais como elementos especialmente aptos para ser confrontados, sinais capazes de mostrar a unidade desgarrada, a ruptura da imagem do

mundo, o desajuste interno de todos os sistemas que se abatem sobre o homem com todo o seu peso insuportável. A relação entre “o movimento e o repouso”, que Breton considerava necessária para a expressão surrealista, tem o seu paralelo na relação entre o formal e o informe, o contínuo e o descontínuo, o finito e o infinito, o material e o espiritual, o figurativo e o ctônico, deduzido de um sistema superior e o emergente das profundidades. Todas essas contradições integram estas imagens, mas não se fundem num termo médio, antes permanecem soando como uma dissonância em que cada nota exalta o valor das que chocam contra ela.

São imagens exógenas de um mundo em formação ou decomposição, visões de universos gelados ou noturnos, metáforas figurativas estáticas e claras, aparições sobre fundos geológicos, metamorfose, estados em que o físico e o psíquico passam por transmutações constantes e imprevisíveis. Através destas imagens muda a *outra* voz, que não ouvimos com os ouvidos, mas com os olhos e com o espírito.

Poesia e artes plásticas desenvolvem-se em territórios opostos: o campo da poesia é o tempo e o das artes plásticas o espaço. A arte de Cruzeiro Seixas situa-se na interseção destes dois campos. O poema passa e ao passar transforma-se; o quadro mantém-se sempre idêntico a si próprio. E contudo, a faculdade que rege poesia e pintura é a mesma: embora o pintor se sirva dos olhos e o poeta da linguagem, olhar e linguagem obedecem ambos à imaginação. Tal como acontece com outros artistas, na obra de Cruzeiro Seixas a imaginação é a faculdade que faz comunicar poesia e pintura, mas não como ponte a unir duas margens, antes como abraço de luta, como fusão que aniquila.

Poeta de imagens visuais, Cruzeiro Seixas concebe o desenho, não só nem exclusivamente como composição plástica, mas como metáfora dos seus sonhos, obsessões, cóleras, temores e desejos, espécie de espelho mágico alternadamente fasto e nefasto que desfigura e transfigura as imagens. O desenho transforma-se em poema e oferece-se ao espectador como um feixe de metáforas entrelaçadas. As formas aparecem e desaparecem, entrelaçam-se, desenlaçam-se, e nelas o eco ocupa uma função primordial, consistindo na repetição quase maníaca de certas imagens, submetidas a deformações e mutilações inquietantes. O eco é a manifestação rítmica da obsessão. Mais exatamente, é uma metáfora da obsessão: através de repetições e variações a imagem

obcecante transforma-se em ritmo, como se os desenhos fossem versos.

Começamos por dizer que a arte de Cruzeiro Seixas não era natural. Muito menos natural e bastante mais difícil é o que se tem tentado no nosso pobre meio; Negar-lhe o lugar que ocupa no discurso da arte portuguesa, ou discutir-lhe os dotes plásticos. Nele, a singularidade da atitude e a heterodoxia da linguagem tornam a sua obra apaixonante, fazem que ninguém fique impassível perante ela. O lugar estratégico a partir do qual esta obra cumpre a sua função está indissolivelmente ligado ao surrealismo.

Virá talvez um tempo em que se admitirá uma distinção suprema entre a arte (quer dizer, a poesia) e a atividade artística “puramente” estética (derivada de uma concepção estreita e rotineira da estética). O surrealismo terá pelo menos presumido contribuir para esta distinção que começou a vislumbrar-se após a fusão de dois termos ainda embrionários, um de origem empírica, outro de origem filosófica, em e pelo romantismo, fusão que o surrealismo assinala ao mesmo tempo o ponto de incandescência e a ruptura.



FRANKLIN ROSEMONT

Sempre desafiadores, sempre admiráveis: os desenhos de Cruzeiro Seixas⁸

Desenhos surpreendentes só surgem quando os sonhos mais íntimos de um artista irrompem, convergem, juntam forças e de repente se expandem em nada menos do que o imprevisto selvagem. Tais passos gigantescos por sua vez conduzem-nos diretamente a novos e excitantes modelos do Pluriverso – uma entidade imaginativa poderosa, imensamente maior, mais profunda e mais encantadora do que o universo paroquial, comum.

O meu grande amigo Artur do Cruzeiro Seixas, a quem o mundo deve indiscutivelmente tantos dos mais maravilhosos desenhos das últimas cinco décadas, é também um dos incontestáveis mestres deste Pluriverso em perpétua transmutação. Uma figura principal no movimento surrealista internacional pela segunda metade do século XX, ele continua a ser como a presente exposição demonstra, um excelente exemplo e mentor no séc. XXI.

A minha mulher Penélope e eu consideramos Cruzeiro Seixas um amigo especialmente íntimo desde 1970, embora nunca nos tenhamos de fato encontrado “em pessoa”. A nossa amizade foi formada por uma troca de cartas entre Lisboa e Chicago – uma troca que tem persistido ao longo destes muitos anos – e também pela nossa participação mútua em numerosas publicações e exposições surrealistas internacionais. Todas as cartas que dele recebemos foram uma celebração para nós e para todo o Grupo Surrealista de Chicago.

Penélope e eu vimos pela primeira vez uma seleção de desenhos de Cruzeiro Seixas na véspera da Exposição Mundial Surrealista em Chicago, em 1976, quando, com os nossos amigos co-organizadores do evento, abrimos o grande caixote de Portugal, que incluía trabalho seu. Ficamos profundamente emocionados por tudo aquilo que vimos: emocionados pela sua qualidade

⁸ Franklin Rosemont (1943-2009). Ensaísta e artista plástico, um dos nomes centrais do Surrealismo nos Estados Unidos. O presente texto, escrito em 14/07/2007, foi incluído no catálogo da exposição de CS em Torres Novas: Galeria Neupergama, abril a maio de 2008.

mágica, pela sua precisão complicada, e – de forma alguma menos emocionados – pela sua maravilhosa simplicidade.

Realmente, os elementos essenciais no seu laboratório alquímico de palavras e imagens são na verdade surpreendentemente simples: um imaginário absolutamente desacorrentado, um fascínio de espírito livre e um sentido desafiadoramente transformador da poesia e do humor. O seu “puro automatismo psíquico” sempre esteve entre os mais puros.

Esticando os limites da “probabilidade convencional” e rompendo o “desconhecido” com novo e provocante conhecimento, ele também teve a ousadia repetidas vezes de desafiar e destruir o denominado “impossível”, com um arsenal de possibilidades inéditas e saídas de um impulso.

Poeta em palavras como também em desenhos, Cruzeiro Seixas lembra-nos a cada momento que escrever é uma espécie de desenhar, e desenhar uma espécie de escrever. Apaixonadamente poético em toda a sua obra e também na sua vida, ele nunca deixou de explorar os mundos escondidos e secretos do sono, o inconsciente, o extático, o hermético e enigmático. Os seus desenhos mágicos, não menos do que os seus poemas esplendorosos, dão-nos a consciência de que ele se sente perfeitamente à vontade nos mais desconcertantes encontros ocasionais e na matemática da música, bem como nas fantasias e nos devaneios da revolução.

A sua mistura maravilhosa de alquimia e anarquia exemplifica não só o seu espírito profundamente poético, mas também o seu humor selvagem e milagroso. Claro que a justaposição é central aqui. Contemplar as paisagens físicas e as mentais de Cruzeiro Seixas é não só circum-navegar pelo globo, mas também visitar espaços intergalácticos e locais vertiginosamente além do usual e do dia-a-dia. Ele mostra-nos galáxias autônomas, uma geologia simbólica totalmente inesperada, e um sem-número de desertos de outros-mundos, repletos de surpresas: coreografias de cumes de montanhas, escadas dançantes, arquitetura acrobática, e montanhas-russas para as estrelas.

Não menos, nos seus labirintos ímpares e elegantes, aprendemos a linguagem de luzes e sombras, as suas iluminações preênsais, e a sua relação com o mundo de objetos “familiares”. De uma forma brincalhona, às vezes hilariante, todavia com esmerado ardor, Cruzeiro Seixas compartilha conosco os seus pensamentos

muito pessoais sobre o ovo, a estrela-do-mar, o polvo, conchas, maçãs, bicicletas, lâmpadas, penas, árvores, pianos, mãos, pernas, pés, cabelo, guarda-chuvas e muitos mais.

Vendo o panorama extraordinário do seu trabalho, fica claro que Cruzeiro Seixas teve o prazer de ir a locais, e de ver coisas em terras distantes, como também o de alcançar os pontos mais remotos da experiência objetiva e da imaginação. Os seus muitos anos na África seguramente elevaram o seu sentido do maravilhoso e da magia, como também a sua forte oposição ao colonialismo e imperialismo, da mesma forma que o seu amor pelo jazz, aprofundaram e fortaleceram o seu espírito surrealista militante.

Nas suas viagens – não só as da “realidade” como também as da imaginação – é claro que ele teve o prazer de abrir muitas portas – realmente, florestas inteiras de portas, abrindo-se para vistas incontáveis e imprevisíveis. Graças a Cruzeiro Seixas, muitas coisas novas são agora possíveis na arte de desenhar.

Além das suas realizações magníficas no desenho, na poesia, no humor e no devaneio, é digno salientar que Cruzeiro Seixas é também um homem de profundidade filosófica. Conhecedor da obra de Espinosa, ele refletiu no “Pensamento” de Pascal como também nos desvios a este, de Lautréamont. Os pensadores e especuladores utópicos que mais influenciaram o surrealismo são todos parte da sua segunda natureza. Filosófico, também, no seu próprio modo genial, é o seu ardente respeito por Jacques Vaché e pelo seu “Umor” imortal, humor sem o h, como o próprio Vaché pôs numa carta para André Breton: “Nós vamos rir, não vamos?” Riso das esferas!

Sempre desafiante, sempre admirável! *Je te salue*, Cruzeiro Seixas!



SARANE ALEXANDRIAN
O Surrealismo de Cruzeiro Seixas⁹

É para mim um paradoxo apresentar Cruzeiro Seixas, pois devo confessar que ignorava tudo dele até o presente. Acabo de descobri-lo e meu objetivo será de vos expressar o prazer de minha descoberta, assim como o pesar de não ter tido mais cedo conhecimento de sua maravilhosa obra. A razão desse atraso não se deveu à minha negligência, mas às poucas informações que tínhamos na França sobre o surrealismo português desde sua existência.

O meu caso não é único já que um surrealista dos mais ortodoxos, Jean-Louis Bédouin, publicou em 1961 seu livro *Vingt ans de surréalisme* (Vinte anos de surrealismo) com um capítulo intitulado “le Surréalisme dans le monde” (O surrealismo no mundo) onde somente uma breve passagem evocava o surrealismo português, sem citar Cruzeiro Seixas nem Mario Cesariny. Suas informações provinham de Nora Mitrani que, após uma temporada em Lisboa, onde se tornou a companheira de Alexandre O’Neil, pretendeu que era O’Neil que tinha fundado o grupo surrealista português com a ajuda de José Augusto França. Como o manuscrito de Bédouin foi cuidadosamente revisto pelo próprio André Breton, é a prova de que este tinha a mesma idéia incompleta da atividade surrealista em Portugal.

Em 1973, no número 4 de *Phases*, Mario Cesariny fez uma exposição detalhada da história do surrealismo português, elevando-se contra as falsas relações dadas que se davam dele. Em sua exposição Cesariny faz este elogio de Cruzeiro Seixas: “A única personalidade entre nós capaz de transpor para a segunda metade do século, magnificando-a, a herança plástica e erótica legada pelo surrealismo dos anos 30”. Cesariny descreveu as manifestações e as divisões do “grupo surrealista de Lisboa”, que se transformou em “grupo antigro grupo surrealista”, e falou de uma tendência extrema, o abjeccionismo (ou abjeccionismo). Todavia,

⁹ Sarane Alexandrian (1927-2009). Ensaísta, romancista e historiador de arte. Fundou e dirigiu a revista *Supérieur Inconnu*. Autor de livros como *André Breton par lui-même* (1971), *Le surréalisme et le rêve* (1974), *Histoire de la littérature érotique* (1989). Ensaio traduzido por Eclair Antonio Almeida Filho.

este artigo de esclarecimento dos fatos não teve sequer eco entre os críticos de arte na França que perseveraram apesar de tudo em sua ignorância do surrealismo português.

Em 1990, um número especial de *Opus international*, organizado por Alain Jouffroy sobre o tema *André Breton et le surréalisme international* (André Breton e o surrealismo internacional), reuniu estudos sobre o surrealismo na Romênia, no Egito, no Japão e em outras partes mas não disse nada de Portugal. Quando fundei *Supérieur Inconnu* em 1995, o número 1 continha um elogio de Herberto Helder; o número 6 uma apresentação da escultura onírica de Isabel Meyrelles por Françoise Py; o número 13 uma novela de Luis Pacheco, *Le Théodolite* (O Teodolita). Se eu tivesse conhecido Cruzeiro Seixas, teria reservado para ele minha rubrica “Celui qui sort de l'ombre” (Aquele que sai da sombra), onde tenho posto em seu lugar de honra surrealistas desconhecidos, de Claude Tarnaud a Georges Hugnet.

Estes poucos exemplos de omissão provam o quanto era necessário hoje em Paris estudar com exatidão o surrealismo português e render homenagem a seu mais brilhante representante, Cruzeiro Seixas.

Após esse preâmbulo, vou vos dizer sucintamente minha impressão sobre ele. E ao mesmo tempo um pintor e um poeta, e podemos nos perguntar, por conseguinte, qual é sua opção fundamental. E um pintor que se pôs a escrever poemas, ou um poeta que teve propensões para a pintura? No grande livro que lhe dedicou a Fundação Cupertino de Miranda, constatamos que ele é pintor antes de tudo, começando em 1936 aos dezesseis anos por aquarelas e desenhos, e dedicando-se de 1940 a 1947 a uma pintura qualificada de “período neo-realista”. Foi somente em 1986, aos sessenta e seis anos, que ele publicou seu primeiro livro de poemas, *Eu Falo em Chamas*. Ele já havia escrito outros poemas antes, sem dúvida, mas sem provar a necessidade de fazer deles um livro, preferindo ilustrar com seus desenhos os livros de seus amigos e organizar exposições de seus quadros.

Levando em conta que seus três volumes de obras poéticas não foram inteiramente traduzidos em francês, para nós é mais cômodo admirar Cruzeiro Seixas como pintor do que como poeta. Entretanto, é possível apreciar toda sua originalidade de escritor através da tradução de alguns de seus poemas feita por Isabel

Meyrelles. Não li ainda os que ela forneceu à *Pleine Marge*, mas não duvido que eles tenham as mesmas qualidades que os que aparecerão no próximo número de *Supérieur Inconnu*. Em seus poemas, Cruzeiro Seixas é pintor, ele faz ver o que ele diz; em suas pinturas ele é poeta, suas imagens despertam no espírito analogias verbais. Seus desenhos são poesia visível; seus poemas em prosa, como aqueles que me propôs Isabel, são quadros animados.

Não temos, pois, que nos perguntar se Cruzeiro Seixas é, antes, pintor que poeta, ou o inverso: ele é irresistivelmente os dois ao mesmo tempo em tudo o que ele faz. No início, ele misturou letras do alfabeto e palavras ao que ele pintava, à maneira do dadaísmo. Mas daí ele passou a uma criação pictural mais sutil, consistindo em representar metáforas plásticas. Assim num desenho de 1947, *La variété en dehors d'elle-même* (a variedade fora dela mesma), ele mostra um homem prostrado num deserto cujas dunas são seios de mulheres. Ele nos oferece num relance o equivalente da comparação que um poeta levaria muito mais tempo para nos impor. Ele continuou a fazer colagens, poemas-objetos, associando a pintura à escritura. Em 1964, sua obra intitulada *C'est seulement celle-là qui te convient* (É somente aquela que te convém), é uma tela pintada a óleo sobre a qual ele colou os pedaços de uma carta rasgada; a moldura está coberta de inscrições e de assinaturas de amigos. Mas em seguida, ele demonstrou que ele era capaz de fazer também ato poético ao pintar simplesmente uma imagem insólita. Toda essa produção primeira de Cruzeiro Seixas é interessante, mas não excepcional. Nela, seu estilo pessoal não está ainda afirmado plenamente.

Foi em 1972 que Cruzeiro Seixas apareceu como um inovador genial do surrealismo, alcançando a perfeita fusão da pintura e da poesia. Trata-se de sua série intitulada *Cruzeiro Seixas expõe 24 desenhos de 1972*, em uma galeria de Lisboa. Ele definiu esses desenhos: “a forma que a matéria tomou na prática histórica individual”. Eles foram reunidos num portfolio com um prefácio de Laurent Vancrevel, que neles vê “a arte livre”, e precisa: “A arte livre: jogos das sombras da beleza, jogos das sombras da felicidade”. Esses desenhos a nanquim são maravilhas de automatismo psíquico. Figuras extraordinárias se destacam deles em branco ou em cinza sobre um fundo negro que pertence à noite do inconsciente. E toda a mitologia noturna de um poeta que se

abre aos nossos olhos em desdobramento. Van Crevel concluiu seu prefácio com essa exclamação: “Enigmática antes de todas as coisas!”. De fato, são enigmas que Cruzeiro Seixas tem desenhado, mas enigmas decifráveis graças a seus títulos sugestivos. Por exemplo, uma cena parece se passar sobre uma banquisa, onde um homem de gelo atravessa em larga passada um abismo para ir em direção a uma mulher de gelo cuja cabeça é uma chama. O título é significativo: *Modèle pour servir à d'autres rencontres* (Modelo para servir a outros encontros). Nos anos seguintes, ele multiplicou esse gênero de desenhos com títulos como *La vie est un scandale pour la raison* (A vida é um escândalo para a razão), que lhes davam um sentido filosófico.

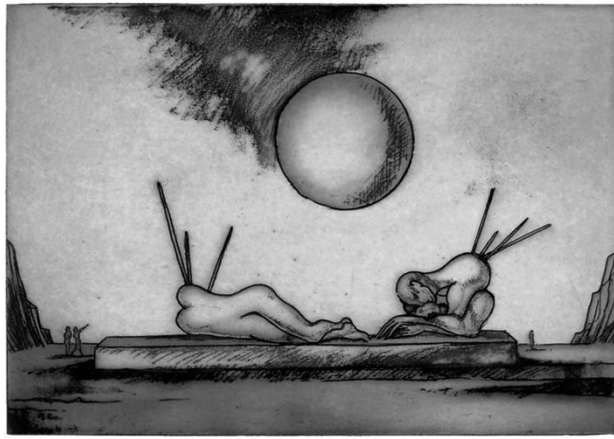
Seu método de desenhar lhe permitiu inaugurar o diálogo gráfico. Os “cadavres exquis” (Cadáver exquisito) desenhados pelos membros do grupo parisiense põem sempre em presença três ou quatro participantes. Nos que ele legou à Fundação Cupertino de Miranda, apenas um foi feito por quatro pessoas. Todos os outros são “cadavres exquis” de Cruzeiro Seixas com um amigo diferente: Mário Botas ou Raul Perez, entre outros. Há uma competição entre dois artistas, e o desenho obtido tem uma unidade que não encontramos nos “cadavres exquis” de vários autores. E não apenas a fusão da poesia e da pintura, mas ainda a fusão de duas personalidades.

Cruzeiro Seixas é tão preocupado com a síntese da escritura e do desenho que ele ilustra de uma maneira surpreendente as cartas e os cartões-postais que ele envia a seus amigos. A obra mais recente sobre ele, publicada em outubro de 2005, é o catálogo da livraria Miguel de Carvalho em Coimbra, reunia uma seleção de suas cartas a Isabel Meyrelles, a Édouard e Simone Jaguar e a muitos outros, ornamentadas de vinhetas improvisadas com um senso léxico do grafismo.

Como *Supérieur Inconnu* divise-se agora em quatro partes – “le rêve” (o sonho), “l’amour” (o amor), “la connaissance” (o conhecimento) e “la révolution” (a revolução) – a questão é saber em qual dossiê vamos pôr tal autor ou tal artista. A primeira vista, Cruzeiro Seixas parecia designado para o dossiê “Rêve”, pois seus desenhos e seus escritos relêvent de onirismo puro. Mas examinando-os mais atentamente, julguei que eles estariam melhor em seu lugar no dossiê “Connaissance”, porque eles vão

mais longe que o sonho. E evidente que Cruzeiro Seixas busca aprofundar a realidade por meio do sonho, eis porque o título de um de seus livros é *Hommage à la réalité* (Homenagem à realidade). Suas criações são sonhos dirigidos, quer dizer, sonhos que comportam uma parte de especulação intelectual. Sobretudo, ele pratica o conhecimento pela alucinação provocada. Eis aliás o que é tipicamente surrealista. Por-se num estado que favorece alucinações lúcidas, foi a conduta de Breton e de Soupault ao escrever *Les Champs magnétiques* (Os campos magnéticos). Max Ernst fez a aplicação da alucinação provocada em suas colagens e suas frotagens, e enunciou até mesmo sua teoria. Não são caprichos da fantasia que produzem as imagens surrealistas, mas os relâmpagos da intuição desvelando o que há sob as aparências.

Não saberia vos dizer mais sobre Cruzeiro Seixas no momento, até que eu tenha estudado mais em detalhe seus escritos e suas pinturas. Minha reação é a de um amador de arte e de poesia confrontado de repente a um tal artista poeta. Eu o considero não somente como um grande surrealista português, mas sobretudo como uma figura marcante do surrealismo universal. Mais que um pintor e um poeta, é um manifestante, quero dizer um homem que manifesta a supremacia da vida interior. Isso lhe confere uma qualidade pouco comum no mundo atual.



CRUZEIRO SEIXAS
O Surrealismo segundo Cruzeiro Seixas¹⁰

Dos que lerem este texto alguns vão por certo achar que falo excessivamente de mim; mas eu julgo que é através de nós, que de fato falamos dos outros.

E quanto à pintura, afigurei-me que ela envelheceu muito rapidamente; Bosch, Monsu Desidério, Matias Grunewald, Turner ou Chirico, parecem-me muito mais atuais do que muita pintura atual. O mesmo direi da pintura que vi em dolmens da região de Viseu, ou nas portas das cubatas dos pescadores na ilha de Luanda.

Falar desta insatisfação tem talvez a ver com a procura de desrazões para esta dissonância que hoje nos atravessa. Por exemplo, esta prática sistemática das especializações não esconde e aliena o todo? Só o todo pode ser coerente; esquecemos a grandeza do todo quando o desmembramos em mil pedaços. É talvez necessário saber menos, mas adivinhar mais. Ou então admitir que, quanto mais nos aproximamos, mais longe estamos de chegar. A poesia é talvez a única chave possível, para uma fechadura que não há.

Desde há alguns anos a esta parte fui abandonando a pintura, mas não deixo de por a hipótese de que tenha sido ela a abandonar-me a mim. A verdade é que o nosso relacionamento nunca foi fácil, durante um convívio começado nos distantes anos 1937/1940. Lembro que na Escola António Arroio chumbei durante três anos em desenho, e não sei ao certo se isso aconteceu por eu ser irrequieto, ou por evidente inabilidade. O que sei é que nunca aprendi nada com professores; quando enfim comecei a ter notas altas em desenho, foi por que ao meu lado desenhava um colega de que hoje não se fala, o António Pimentel Domingues (filho do escritor António Domingues), e era a olhar para o trabalho que lhe saía naturalmente das mãos que aprendi o que aprendi. Quanto a todo o resto, fiquei autodidata. Por vezes lastimo não ter aprendido inglês – mas não mais do que lastimo não ter aprendido árabe, russo ou quimbundo.

¹⁰ Texto datado de março de 1991, consta do catálogo de uma exposição de CS intitulada “Homenagem a Mário Henrique Leiria”. Porto: Galeria São Mamede, maio a junho de 1995.

A minha vida sempre andou por si própria. Eu pouco fiz. E se isso é de certa maneira desconfortável, pois me pergunto quem afinal viveu a minha vida, por outro lado sinto a passagem de uma qualquer magia. Sou de fato muito mais escurecido de metafísicas do que iluminado de humor. Método nunca o tive; quando começava a desenhar ou pintar, muito raramente tinha uma ideia nítida do que ia fazer. Esquecia ensinamentos e teorias, não pensava em pintura, era o amor, a morte, o desespero, as pessoas que conheço e principalmente as que desconheço, o que me tomava. Uma pedra, um parafuso, um copo ou uma nuvem, parece dizerem-me sempre mais ou tanto do que me dizem uns e outros. Os desenhos, as pinturas, as colagens e os objetos que fiz, não estiveram nunca ligados a um qualquer tema; o que tinha presente no ato de desenhar ou pintar (como quando não desenho ou não pinto), é a totalidade do mundo que posso imaginar. E por certo os meus sonhos e falhanços, tudo o que me pode dar a medida do homem, e da sociedade que criou. No entanto, a minha frágil mensagem está feita... e chego a invejar os que nela encontram alguma satisfação para as suas fomes. Acho que nesta minha passagem pelo mundo não foi de fato possível perfazer uma obra. Tratou-se antes de uma espécie de reconhecimento do terreno. Voltarei talvez para tentar ultrapassar a dor, o espanto, a confusão, que desta vez me tomaram.

Nada disto são coisas para serem compreendidas – e de resto detesto o que compreendo. Mas se há uma experiência em que nada se aprendeu, essa é a minha experiência. Cada um dos meus desenhos é para mim, que nada sei de matemática, um problema matemático, não resolvido, mas apenas equacionado. Só passados uns 15 anos sobre a criação do ser que é na parte inferior homem e na parte superior cavalo, me apercebi de que Magritte tinha feito o mesmo em relação a outro ser, que é na parte inferior mulher, e na parte superior peixe. É evidente que num caso e no outro isto pode parecer coisa pensada, inversão simples e fria do fauno ou da sereia, mas no meu caso, repito-o, foram necessários muitos anos para me aperceber dos parentescos possíveis. E quem me acreditar, de certa forma está a colaborar na invenção poética destes seres, que podem muito bem ser nossos distantes antepassados, ou nossos próximos descendentes. Mas sei que há pessoas tão infelizmente desgraçadas que quando falam de cabelo falam de

cabelo, quando falam de água falam de água, quando falam de si falam apenas de si.

A pintura que fiz foi tanto quanto possível indiferente ou mesmo hostil à arte, ao mercado, a elogios. E nela não afirmo nada, antes duvido, pergunto, deponho, glorifico a dúvida, e principalmente presto testemunho. O desejo mais algo do meu trabalho é justamente que ele seja um testemunho. Naquilo que desenho ou pinto, a outros seres ofereço o amor tão excessivo como intenso, que aqui foi recusado. Procuo outros encontros, narro locais de desencontro, verifico a insuficiência das ferramentas que possuo, a fragilidade do vulcão, a vulnerabilidade do tigre. Quero olhar o dia a dia nos olhos, insatisfeito, como se olham os amantes. Na verdade, todas as coisas têm asas, e sexo...

E há ainda as estórias da história: o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian tem umas 30 obras da minha autoria, que na sua maioria não me foram adquiridas a mim diretamente, e que raramente são mostradas. Pode-se dizer que o CAM existe nas caves!

Como estória das histórias quero acrescentar ainda que, ao meu profundo otimismo chamam as pessoas pessimismo, como chamam modéstia exemplar à extrema vaidade minha de nada esperar dos meus contemporâneos. Daqui a 50 ou 100 anos é que se vai saber a parte possível de verdade existente no que fiz.

Reconheço que erro muito. Imagine-se que compreendo mal os que entrar para o atelier às primeiras horas da manhã e dele saem ao fim da tarde, como qualquer funcionário exemplar. A minha admiração maior vai para o D'Assumpção que teve propostas de algumas das melhores galerias da Europa, e continuou a pintar dois ou três quadros por ano. O meu atelier foi a rua.

Mas ninguém por certo exige de mim justiça, pois espero que seja evidente que não acredito nela. Tomo a vida como tomava o óleo de fígado de bacalhau da minha infância.

Depois disto o humor que persiste é realmente pouco, mas, mesmo assim posso dizer que antevejo a minha "Chávena com a asa por dentro" ao centro do Terreiro do Paço, mais tarde ou mais cedo.

Que país este! Lembro-me do pintor António Soares chamar ALNADA ao Almada! E agora mesmo, vejo todos tão contentes com o seu fado! Inventaram um parafuso que se aparafusa sozinho, ou acabaram um poema genial, que lhes dá a ilusão de celebridade

das celebridades. Em cada minuto aperfeiçoam a grande ratoeira. Já não riem com a boca, mas sim com os cotovelos, com a gravata, com as unhas dos pés. Até a torre de Belém se mascarou há pouco de intervenção de Cristo! Os mais inteligentes dizem mesmo que não acreditam nas multidões... salvo quando essas multidões os glorificam. A vida, para esses é um contínuo orgasmo, e a verdade é que eu também fui apanhado por esta tristíssima celebridade portuguesa. Nos labirintos que inventei, eu próprio me perdi. A minha loucura endoideceu, e assim passo os meus dias a tentar conciliar o absurdo com o absurdo. De certa maneira sinto-me prisioneiro do meu próprio triunfo, por mais insignificante que ele seja. Mas não me satisfaço com congressos, mesas redondas, colóquios, reuniões etc. etc. que são estendal de erudição acadêmica, e deixam por fazer o que de fato é urgentíssimo fazer-se. FAZER-SE, NÃO FALAR-SE.

E volto às histórias da história. Devido às carências de casa de meus pais, e do meio, alistei-me na marinha em 1949. O apelo de África já vinha da infância, em que se falava lá em casa, com lágrimas abundantes, na morte por biliose de um tio que para lá tinha partido em louca aventura, no tempo em que para África só iam os condenados, e os loucos. Nos portos em que toquei na primeira viagem, de São Tomé a Goa, e de lá a Timor e Macau, o espetáculo nos cais era ainda o da escravatura; gente batida no fundo dos porões. Em Angola, os colonos designavam *por graça* os trabalhadores da estiva como “voluntários à corda”, pois alguma vezes ainda vinham amarrados uns aos outros...

Via eu tudo isto com os olhos de alma bem abertos, de espanto, e de raiva. Não precisei de fazer a guerra, para aprender onde estava a razão...

Em Angola me fixei, e percorri-a apaixonadamente. África atraía-me, quando era Paria que atraía intelectuais e artistas. A verdade é que parece que esses se enganaram, e que é grave o seu erro. O futuro que então teceram, infelizmente era já passado. Na verdade, o Chiado não me tinha deixado saudades por aí além, sendo para o meu gosto demasiadamente literário e artístico. Tinha, isso sim, saudades de dois ou três amigos... que infelizmente, afinal era do Chiado e do seu miniteatro que gostavam muito...

Em Angola, os mais variados trabalhos e os mais mal remunerados, foram pretexto para incursões ao “interior”, só com

um ajudante geralmente de cor, em carripanas de ocasião, por inimagináveis caminhos de lama, de areia, cortados por extensíssimas queimadas, sinuosos leitos de rios com caprichosas jangadas, e aquilo que se chamava pomposamente hotéis, e onde os lençóis não eram mudados desde o tempo de Paulo Dias de Novais.

Estas viagens eram para mim a plenitude das plenitudes; em todos os momentos livres recolhia objetos etnográficos, tão belos e significativos como as longas negociações que acompanhavam a sua aquisição. A alma daquela civilização (porque de uma civilização se trata...) ficou a fazer parte, a mais profunda, de mim, mas nego-me a posições políticas, tão espetaculosas como transitórias.

Estas viagens (como a maior parte dos livros que li...) apenas vieram confirmar o que eu já sabia. Realizei em Luanda duas exposições que levantaram dos maiores movimentos de opinião (de que de resto Cesariny dá notícia e apresenta alguns documentos, na sua *A intervenção surrealista*, editada pelo Ulisseia em 1966); e porque uma dessas exposições era colocada sob a evocação do poeta negro Aimé Césaire, fui chamado à PIDE. Isso se repetiria quando mais tarde, funcionário do Museu de Angola, lhe procurei dar alguma vida organizando um salão de pintura, onde pendurei um dos primeiros Malangatanas. Um “preto” num salão de pintura, era coisa inadmissível então!

É de fato fácil estabelecer uma cronologia desta minha consciência e paixão. A minha primeira exposição foi em 1953. É em 1950 que o livro de Luandino Vieira provoca o escândalo que provocou. Só em 1974 Spínola publica *Portugal e o futuro*; e até abril do mesmo ano morreu gente que não sabia porque morria...

Quando me apercebi que tinha que pegar numa arma contra brancos ou contra pretos, foi com enorme tristeza que precipitadamente regresssei à Europa.

Este texto ainda interessará alguém? Há tanto para dizer, que desconfio da fatura. E pintar devia ser, como o assassinio, uma atividade proibida.

Quando veio o 25 de abril para mim a revolução já estava feita há muito, e não me tinha dado a satisfação desejada, pois a revolução possível sou eu mesmo, com todos os meus limites.

Por outro lado, quando vemos a obra de um Picasso ou de um Brauner, por exemplo, reconhecemos o encontro com o Neolítico, com Creta, com a Mesopotâmia, com os Coptas, com a Oceania, com os Astecas, com os Esquimós, com África. Matisse, Picasso ou Brauner, parece não terem referido a carga mágica dessas artes, mas apenas o seu lado estético; no entanto, esse encontro, julgo necessário ter a coragem de o tomar como uma mensagem de retorno. Por mim, o que eu queria era SABER O QUE SABIAM OS SELVAGENS, no que de resto estou bem acompanhado por Antonin Artaud, por Lévi-Strauss, e lá muito para trás por Albert Dürer quando, em 1520, escreveu isto: “J’ai vu les choses qu’on a rapportés au roi, du nouveau pays de l’or; toutes sortes d’objets étonnants à divers usages, bien plus beaux que tout ce qu’on avait déjà vu. De ma vie je n’ai rien vu qui m’ait fait autant de plaisir. Ce sont des objets d’art étonnants, et j’ai été frappé du génie étrange des hommes de ces pays lointains”.¹¹ Ainda hoje algumas pessoas, muito responsáveis, julgam ingênuas, toscas, sem técnica ou sem beleza as obras a que me venho a referir, sem na verdade compreenderem que se trata de uma opção civilizacional. A mim cada vez mais me atrai essa *incapacidade* de traçar uma reta – ou seja, o tentar adivinhar o sentido de *incapacidade*.

Evidentemente que, depois de tudo o que ficou dito, fica tudo por dizer. Aquilo a que se chama amor ou vida sexual, é terreno onde as verdades se odeiam entre si. Sou eu que sou igual às personagens de Bosch, ou são os outros? Ouvir dizer ao ouvido AMO-TE é ainda muito mais emocionante (é preciso confessá-lo) que ouvir gritar lá fora a palavra LIBERDADE...

Nunca fui capaz de saber se, no “ménage à trois” imaginário e ideal que ocupou grande parte da minha vida, a terceira pessoa presente era Deus ou o diabo. Talvez algumas vezes, os três, nos tivéssemos encontrado sobre o mesmo leito. Separar a alma do corpo é que parece trabalho criminoso. E aflige-me a contraditória atitude dos homossexuais, e dos “artistas”, que querem ser reconhecidos por uma sociedade que condenam! A propósito,

¹¹ Eu vi as coisas que foram reportadas ao rei, da nova terra do ouro; todos os tipos de objetos surpreendentes para vários usos, mais bonitos do que qualquer coisa que já se viu. Na minha vida, não vi nada que me deu tanto prazer. Eles são incríveis obras de arte e eu fui fortemente tocado pelo gênio estranho dos homens desses países distantes. [N.O.]

lembrarei Camões, quando diz aquilo que a maioria das pessoas ainda hoje dirá: “do amor não vi senão breves enganos...”

Mas, apesar do que digo e do que espero que adivinhem, doidos por certo não o somos nós: doido é o por do sol, o raio, a rosa, o capricho silencioso das pedras etc. etc. Doido varrido é o luar.

Deverei dizer ainda que conheci gente em que o sexo era muito mais inteligente que o cérebro? Mas nada do que não tenha mistério me pode interessar; o mistério que persiste em cada corpo que amamos, e o torna maior que o universo, mais agitado que o mar, mais azul que o céu. O corpo é a paisagem que a moldura não contém. Aos 70 anos, parece-me que os meus olhos foram ainda mais ávidos de beleza que o meu corpo, que o foi tanto.

Incrível a quantidade de caminhos que há para nos levar a sítio nenhum! E aqui surge a pergunta que me parece inevitável hoje; como se faz amor com um marciano?

Quero lembrar ainda André Breton, quando diz: “l’amour physique c’est la moitié du plaisir”.¹²

Os que querem agarrar com ambas as mãos o IMPOSSÍVEL não se apercebem que o impossível acontece todos os dias a seu lado.

E por aqui chegamos à SOLIDÃO, que tanto me tem acompanhado. Ocorre-me perguntar se não amarei eu afinal loucamente a solidão, que tanto odeio. Confesso que, não poucas vezes, a minha vida segue quase independente de mim.

Mas a natureza parece-me agora, por vezes, tão exausta quanto eu o estou; as árvores, o mar, a luz, estão exaustos, perderam convicção, parece-me apenas cumprirem uma penosa obrigação. Será esta solidão o preço a pagar pela liberdade possível, de que usei e abusei? Se gostei, não sei; lembro-me de Fernando Pessoa que diz “...como eu gostava de gostar...” Mas quando me passeio junto ao mar, não posso hoje evitar a sensação de que ele me pede a chave de sua prisão. No entanto, a solidão é muito útil, pois ali se descobrem coisas que não se sabe o que fazer com elas; é como um puzzle que nunca desse certo. E mesmo inúteis a um canto, essas coisas informes esperneiam, berram, estrebucham, cantam como a sereia da fábula, dia e noite.

Quando morrer, sei que vou ter muitas saudades do sol, das cores das coisas, das luzes das cidades, da enganadora beleza das

¹² O amor físico é a metade do prazer. [N.O.]

pessoas, mas agora, ainda vivo, tenha cada vez mais saudades do não ser.

O dia a dia de hoje é uma tal exageração da realidade, que me leva a pensar ser ele a “obra de arte” que em vão se pede aos “artistas”. Pelo menos os desacertos, temos que o reconhecer, são de uma incrível perfeição. Mas não posso esquecer que, do outro lado da medalha, estão as “certezas absolutas”, e que, por causa delas, tem corrido tumultuosos niagaras de sangue. E ainda pela mesma causa os rios correm hoje para o mar completamente poluídos.

Que dizer se, para mim, cada palavra, é como um volumoso livro?

Possivelmente entre o nada e o nada é que está o infinito. Assim, nada do que digo pode ser claro, definido ou definitivo, mas, pelo contrário, nebulosos, confuso, contraditório e doloroso. Enganaram-nos a todos; o NADA é afinal um patrimônio imenso.

Há anos sonhei que me encontrava numa espécie de jardim zoológico, onde estavam Dragões, Tágides, Gnomos, Minotauros etc. etc. Nesse tempo, ainda as florestas da imaginação não estavam completamente devastadas. O amanhã não estava tão próximo. Agora pergunto-me se será possível adaptar-me a esse amanhã, mesmo que o desejasse.

Setenta anos passam afinal como um longo minuto. Por exemplo, não li metade do que deveria ter lido. Sou assim um muito mau exemplo. Mas tudo o que escreveu um Dostoiévski ou um Borges, ou a obra de um Miguel Ângelo ou de um Gustave Moreau, não cabem realmente no percurso de uma vida! Trata-se de miraculosos, porque não acredito exclusivamente nas virtudes do trabalho. Dias e noites a trabalhar, não deixam tempo para olhar, e menos ainda para imaginar. Tudo o que aconteceu na vida foi tão rápido, que mal tive tempo para o reter na memória, e discernir; e, no entanto, tudo foi excessivo, em relação às minhas forças. Nem tempo tive para construir o cipreste que tanto queria sobre a minha sepultura, todo em vidro, para se poder ver os movimentos do seu coração de cipreste...

Seremos nós, portugueses, excepcionalmente dados a desencontros? Parece que, quando chegamos à Índia, ela já lá não estava...

Mas os grandes problemas resolvem-se ou adiam-se por si mesmos. Todo o resto é ilusão, ou vaidade.

Diminuo-me por certo aos olhos dos *experts de l'art*, se digo que não inventei nada, que nada do que pintei foi apenas imaginação. Parece-me poder dizer que nunca exagerei ou dramatizei uma situação, que o que refiro é a minha própria experiência de vida, que é de fato muito maior do que eu.

O “artista” procura ser na sua obra, mas também na sua vida, um espetáculo. Os artistas e intelectuais são de fato exibicionistas. Não sou um artista nem um intelectual, previno-os.

De resto, na natureza nada é credível, nada tem qualquer lógica, que não seja a do absurdo. Se se explicar a alguém vindo de um outro mundo como se faz uma criança (e que essa criança se transforma em homem), ele não pode acreditar. E bastará ver os documentários de Disney ou do *National Geographic*, para se compreender que nada do que existe pode ser compreendido, e que é por certo outra a chave de que necessitamos.

O mundo que a natureza fez, e o mundo que o homem fez... É com muita apreensão que vejo, por exemplo, civilizações consideráveis, como a chinesa, ou a africana, aderindo, sujeitando-se, integrando-se, imolando-se, a esta nossa civilização. Será que uma OUTRA civilização era de fato impossível? Foi ela tentada com a necessária veemência? Nos inúmeros organismos internacionais que pagamos, imperam os relógios moles de Dalí...

E diga-se francamente que é de rebentar a rir este pobre diabo que sou sofrer de tais saudades do desmedido, odiando ao mesmo tempo a esperança, que tanto nos desfigura. Aos condenados à morte, teremos que opor o horror dos condenados à vida?

De fato amar e ser amado, com igual intensidade, é ainda muito mais difícil do que escrever um belíssimo poema. E se me revolto por me quererem impor isto ou aquilo, como posso eu impor isto ou aquilo aos outros? Além disso, não faltam “artistas” que querem condecorações, ruas com o seu nome, o Prêmio Nobel, como se as forças que os movem fossem egoísmos, orgulhos, vaidades, certezas absurdas. Contorcem-se até ao mais possível impossível, como se isso tivesse algo a ver com a verdadeira imaginação, com a verdadeira criatividade, com a verdadeira liberdade. O “Nu” de Marcel Duchamp sobre agora, ao invés de descer, uma escada de degraus perigosamente gastos. E espera-se que da boca lhe saiam coisas indizíveis.

Os que fizeram revoluções são mais revolucionários do que, por exemplo, o foi a pintura de Goya ou de Kandinsky? E não esqueçamos, que Salazar foi morto por uma simples cadeira! Iremos assistir à revolta das cadeiras perante os ditadores do futuro? A despropósito, cito Saint-Jus: “Ceux qui font les révolutions à moitié, ne font que creuser leur propre tombeau...”¹³

Há de fato feridas do tamanho de países! E aqui, onde nascemos, é precisamente o local onde o mar se afogou. Mas será por acaso que dois dos quadros mais importantes do imaginário e do mistério estão em Portugal? Refiro-me ao Bosch, e também ao Nuno Gonçalves. Ainda quero acreditar que tudo tem um sentido, evidentemente oculto.

Para terminar (e tento fazê-lo desde a terceira página...), repetirei que não fui nem serei UMA VIDA DEDICADA À PINTURA, por mais que a ame. Por vezes, devo-o dizer ainda, ela toma para mim as proporções terríveis de uma ratoeira.

Há quem refira o nacionalismo ou o fascismo de Fernando Pessoa e de Almada Negreiros; tirem esses dois a Portugal e vejam o buraco imenso e negro que fica!

Tanta coisa nova nos querem impingir uns e outros, que é demasiado; acabam por esmagar saloicamente o próprio espanto. O desconhecido está a ficar por demais conhecido, e isso é intensamente dramático. Afinal o mistério sabe tudo do sábio, mas o sábio muito pouco sabe do mistério. E quanto aos tontos que se julgam muito modernos, direi como Oscar Wilde, que “todas as coisas belas pertencem à mesma época”. É-me comovente por vezes ter que recorrer de urgência à presença de Giotto ou de Fra Angélico...

Diz o Almada, na “Cena de ódio”: “Tu que tens a mania das Invenções e das Descobertas, [...] há muito mais a fazer do que fazer revoluções”.

Quero ainda referir os que por exemplo sabem tudo o que deve ser tornado lei sobre o ensino, e que são desgostantemente risíveis. Não será inegável que o aluno sabe sempre mais que o professor? O SABER, tenho-o eu com uma porta fechada, e inultrapassável. Nunca ninguém passou do limiar!

¹³ Aqueles que fazem revoluções pela metade apenas cavam o próprio túmulo. [N.O.]

E há a grande mascarada do saber, o profissionalismo. Profissionalismo é o que exijo ao sapateiro, ao mecânico, ou ao padeiro, mas será a última coisa que exijo a um pintor? Execrável toda a raça em que houver mestres e alunos! O jogo em que entro é o do não saber. O não saber é uma forma de cultura. O que fiz de uma tela ou de uma folha de papel, foi sempre o jogo do não saber. DESENCADRAR é tudo o que sei – se sei. Mas tudo o que sei e sabemos é quinquilharia, se nos lembramos dos que descobriram o fogo e a roda. Se eu tivesse um filho, o que mais me preocuparia era a maneira de lhe ensinar tudo o que não sei, e é o principal do meu saber.

“Tout vrai langage est incompréhensible”,¹⁴ diz Artaud. E o Herberto Helder acrescenta: “As palavras são mortalmente confusas”. Cada palavra está grávida de outra palavra, digo eu.

Ouvi alguém dizer que “o homem onde chega conspurca”. Atualmente é essa a verdade, mas creio que ainda há um século o analfabeto construía a sua casa, e ela estava em perfeito equilíbrio com a árvore, com a colina, com a luz do sol, com o cão etc. etc.

Quanto ao surrealismo, parece-me que afinal ainda não há muito a dizer, depois do que deixou dito Breton. A linguagem dos da sua geração, cada vez mais parece inultrapassada. Naturalmente outros como eu têm debaixo da língua a PALAVRA exata ou pelo menos necessária, mas para esses, como para mim, será um drama de todos os minutos esta espécie de gravidez, em que a criança se recusa a nascer.

E ainda quanto ao surrealismo, me parece que ninguém, com alguma sensibilidade, poderá dizer onde começou, e onde vai acabar...

Apenas por breve espaço de tempo me deixei embalar por sugestões no sentido de uma pintura mais ou menos profissionalizada. Todo o resto dos meus dias foi passado em empregos os mais burocráticos, os mais diversos, e os mais mal remunerados. Como tenho sobrevivido sem ter a mínima capacidade de sobrevivência tem o seu quê de milagre. Atravessei muitos desertos, e devo dizer que tomei gosto por essa espécie de perversão. O meu dia a dia foi tão pleno como o meu noite-a-noite, e alguns poderão até dizer que foi pleno de NADA; mas para mim o NADA existe, repito-o, e merece todo o meu ódio-amor.

¹⁴ Toda a verdadeira linguagem é incompreensível. [N.O.]

A falta de dinheiro foi a minha universidade, como África foi o meu Paris. Não faço segredo de nada, não teatralizo o miserabilismo como alguns; hoje gozo de um certo equilíbrio material, modesto, e dá-me alguma satisfação tê-lo conseguido sem ser à custa da minha pintura. Tive que sacrificar uma coleção de “objetos etnográficos” recolhidos em Angola, e uma coleção de pintura (quase tudo obras sobre papel), que incluía nomes como os de Júlio, Gonçalo Duarte, Calvet, Paula Rego, Mário Eloy, Raul Pérez, Cesariny, Mário Botas, Areal, Menez, Eurico Gonçalves, João Rodrigues, D’Assumpção, Pomar, Malangatana, Pascoaes, Mário Henrique Leiria, Jorge Vieira, Pedro Oom, Escada, Hein Semke, Manuel Amado etc. etc.

Suficiência ou vaidade não as tenho. Tenho talvez vaidade, isso sim, desta luta constante contra a vaidade e a suficiência que toma tantos intelectuais, como se aqui fosse Paris, Londres ou New York, e não uma aldeia chamada Lisboa.

Como Fernando Pessoa dizia que a sua pátria era a língua portuguesa, julgo eu que a minha pátria é a pintura. Mais a dos outros, do que a minha.

O que vejo na pintura surrealista (e isto em duas palavras muito excessivamente apressadas) não é o insólito ou o fantástico, mas sim a imagem do que não sei e do que espera sentido, ou do que ao sentido se nega. Teve ele, o surrealismo, o saber ou a sorte de não cair na moda, como aconteceu com algumas outras filosofias, que nisso perderam uma parte substancial da sua força.

Como se deve acabar um texto como este, é evidente que não o sei, e assim me parece que melhor será não o acabar; assim ficará acabado. Mas acrescentarei ainda uma citação admiravelmente lúcida e profética de Rui Mário Gonçalves: “Se não encontrarmos nas artes sinais das modificações que desejamos, não as vamos certamente encontrar em qualquer outro sítio”. E esta outra citação de Nietzsche: “La nouveauté de notre position philosophique est une conviction, inconnue de tout les siècles antérieurs: celle de ne pas posséder la vérité...”¹⁵

¹⁵ A novidade da nossa posição filosófica é uma convicção, desconhecida por todos os séculos anteriores: a de não possuir a verdade ... “ [N.O.]

FLORIANO MARTINS
A porta do mistério¹⁶

Em uma carta enviada a Cruzeiro Seixas, em 1966, lhe escreveu dizendo Laurens Vancrevel que “cada um dos teus poemas é uma mandrágora, cada palavra é uma esfinge”. E entrelaça-se nesta observação o mítico com certa condição afrodisíaca da poética de Cruzeiro Seixas, no que ela tem de intensa capacidade de lidar com as forças mais íntimas, revelando-lhe sua vitalidade original. Mescla, portanto, enigma e erotismo, signos que lhe definem tanto poética quanto plasticamente, uma vez que o amálgama é tão vigoroso que, a exemplo do que se passa também com o chileno Ludwig Zeller, por momentos se confunde qual mundo nos habita, se o poema ou o desenho, a collage, a pintura.

Este momento de perplexidade alude a um sentido de eternidade que sugere ser nossa única maneira real de estar no mundo. Através dele, Cruzeiro Seixas desperta-nos para o convívio com o maravilhoso que constitui a existência humana. E o faz por estalos cortantes da metamorfose que aplica às suas imagens, que não são propriamente deformações ou distorções, mas antes uma ousada oferta ou vislumbre de formas dentro de formas, dança de interioridades que se revelam transfigurando memória e hábitos conceituais. E estão ali, no acertado entendimento de Ernesto Sampaio, “como metáforas dos seus sonhos, obsessões, cóleras, temores e desejos, espécie de espelho mágico, alternadamente fasto e nefasto, que desfigura e transfigura as imagens”.

A obra de Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920) está ligada intrinsecamente ao Surrealismo, a esta “vida de imaginação”, a este “certo poder de repulsa e de obstinação” a que se reporta Mario Cesariny em seu Final de um manifesto, de 1949. Não cabe aqui historiar as convulsões intermináveis e valiosas do surrealismo português, mas apenas destacar a presença constante de Cruzeiro Seixas em seus desdobramentos mais viscerais, mesmo tendo em conta a larga ausência, de 1952 a 1964, que equivale aos anos vividos na África, precisamente em Angola.

¹⁶ Prefácio do livro *Homenagem à realidade* (Escrituras Editora, 2005), antologia poética de Cruzeiro Seixas organizada por Floriano Martins.

A este respeito, não se pode deixar de mencionar um entendimento das viagens como pontos de fuga, ou seja, a idéia de que alguns surrealistas portugueses teriam buscado no exterior um refúgio para si, confirmando certa impossibilidade do Surrealismo se dar em Portugal. Qual realidade é propícia à arte? E com quantos recursos conta um artista para acentuar este abismo entre arte e realidade? A geografia da fuga está situada além, ulteriormente. As viagens de Cruzeiro Seixas para a África, de António Maria Lisboa para a França, de Fernando Lemos para o Brasil, por exemplo, não implicam necessariamente em fugas, exceto no sentido de denúncia de uma sociedade insustentável. Trata-se mais de uma subversão do que propriamente de subterfúgio.

Cruzeiro Seixas tem sido sempre, isto sim, um grande viajante dentro de si mesmo, com percepções singulares em torno do Surrealismo e das oscilações de humor da sociedade portuguesa. Ao final desta antologia, encontraremos alguns aspectos pontuais em termos de sua atuação no Surrealismo, bem como seu admirável sentido de humor e compromisso diante do que faz refletido nas cartas a mim dirigidas e que acompanharam o processo de configuração deste volume. Mas essencialmente o que teremos são seus poemas e desenhos.

Estando diante dos poemas e pensando em termos de tradição lírica brasileira, que sempre repudiou o Surrealismo em quaisquer instâncias, requer lembrar que somos visitados por um tipo de poesia que, a exemplo de René Char, considera-se “um entendimento com o inesperado”. É todo um mundo de descobrimento se contrapondo ao vício da invenção de nossa lírica. Caberia aqui lembrar Malcolm de Chazal, ao dizer que “não faço literatura: o que faço é contar a vida”. Este mergulho em um abismo onde se pretende descobrir a idade do homem, sua confissão vivente, é o que mais vem à tona na leitura de Cruzeiro Seixas. Sua viagem requer o risco da descoberta e não da anulação. Não se frustrará, portanto, com o que lhe revelem tempo e espaço.

Trata-se de uma poética de provocação de si mesma, de desafiar-se ao chafurdar no lodaçal da própria existência, desafiar-se a mostrar onde se ocultam o mistério e o erotismo que anunciam as imagens que saltam magicamente de seus versos, por exemplo. Como ele mesmo diz, sua aflição nada “tem a ver com a lógica exigida pelo poema”. Daí que subverta por completo

qualquer leitura tópica que acaso se busque em sua poesia. A dicção de Cruzeiro Seixas possui tal singularidade que beira o excêntrico em termos de lírica portuguesa. Mas é fato que sua obra plástica ofertou-se melhor a público do que sua poesia, sendo inúmeras as exposições de que participou – individuais e coletivas –, bem como as primorosas edições de catálogos, o que lhe deu imenso reconhecimento nesta área, superior à obra poética, promovida esparsamente ao longo dos anos, embora felizmente agora em plena recuperação com a publicação da poesia completa, que conta até o momento com três largos volumes.

Este grande poeta do maravilhoso que soube tocar provocativamente os abismos mais suspeitos e desejáveis de nossa existência, é um possuidor possuído de tal riqueza de imagens que apenas nos convida a nos entregarmos a elas, que esqueçamos tudo, toda a demarcação de costumes, e percebamos por fim a magia que podemos sacar de nós mesmos, esta realidade nua que enganosamente vemos demasiado vestida, e que se mostra em seu traje de ação na poética de Cruzeiro Seixas, instância em que mistério e erotismo se apresentam invariavelmente conjugados e em cujo mergulho na solidão é de ordem ascética.

Tem sido um homem intrinsecamente apaixonado pelo Surrealismo, por todos aqueles aspectos essenciais do Surrealismo que lhe iluminam a vida e permitem que respire livremente seu espírito, compreensão de uma revolta inerente e sedução de um mundo que se liberte de amarras de toda ordem. Jamais escreveu um único verso em outra direção. Trata-se de uma dessas figuras míticas, um tipo de mago pertinaz. Uma imagem que naturalmente rejeita, por mais que entenda seu alcance.

E agora entrá-lo no Brasil, onde um Murilo Mendes, por raro exemplo, não é exposto senão como modismo ou capricho, é risco da mesma ordem de quando se publicou aqui René Char – na belíssima tradução de Contador Borges –, o de passar de todo despercebido pela crítica. Mas qual risco não impera em uma sociedade como a nossa, onde se programa até o último suspiro e tudo em nome de uma contingência carnavalesca onde nada se controla? A idéia que se tinha de fuga em Portugal cai por terra pensando no desastre cultural brasileiro evidenciado por todos nós. Tal circunstância, no entanto, não impede o surgimento de grandes expressões artísticas, de uma margem ou outra do

Atlântico. Cruzeiro Seixas é das máximas expressões poéticas de Portugal chegadas até nós.



ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
Cruzeiro Seixas: as cartas do Rei Artur¹⁷

O poeta brasileiro Floriano Martins acabou de organizar e publicar um livro de Cruzeiro Seixas, *Confissões de um espelho* (Fortaleza: ARC Edições, 2016), cujo núcleo são 45 cartas ao organizador, escritas entre Setembro de 2003 e Novembro de 2015. Floriano Martins fora já editor de Cruzeiro Seixas em 2005 com *Homenagem à Realidade* (São Paulo, Escrituras).

O novo livro é peça digna de nota, desde logo pela importância das cartas de Cruzeiro Seixas, as primeiras deste autor que se publicam em livro. São cartas longas, recheadas de afirmações aforísticas, de boa valia para conhecer quanto o português pode ser desconcertante na escrita como nos desenhos que elegeram como a sua primeira e mais importante forma de expressão. Numa carta de 2006 diz: “Eu nunca coloquei nada na net, tornando-se insuportável para mim *navegar* sem água.” Numa outra, de 2015, deixa esta indicação: “Creio que a pintura entendida como a entenderam Velásquez ou os impressionistas acabou.” Em duas outras faz questão de se afirmar um alcoforadista intransigente e apaixonado. “Mariana Alcoforado que amo mais do que o Chamilly”, diz ele.

As cartas são complementadas por várias entrevistas, depoimentos internacionais – são notáveis os textos de Sarane Alexandrian e de Franklin Rosemont – e até uma antologia de 12 desenhos e 12 poemas, que revelam o convívio apaixonado do organizador com a obra do seu autor. O conjunto é doravante indispensável para se conhecer Cruzeiro Seixas e até para abordar alguns dos sulcos maiores e menores que o surrealismo gravou de forma indelével em Portugal e no Brasil.

Foi Mário Cesariny que peneirou o surrealismo português até obter esta síntese (*As mãos na água a cabeça no mar*, 1985: 272): *Fundamentalmente* [no surrealismo português], *tratar-se-ia de três posições que, convergindo, divergem: o Amor-Mágico e Extra-Mundo, de António Maria Lisboa; o “Amor, Amor Humano”, amor “que nos devolve tudo o que perdêssemos”, de Mário Cesariny de Vasconcelos; a impossibilidade de Amor, ou a Abjeção de Pedro Oom do Vale. Estes os três motores sempre*

¹⁷ Resenha escrita por ocasião da publicação da 1ª edição deste livro.

presentes (...); em vão se procurará no surrealismo português chaves muito diversas destas “três penas capitais”.

Não fica mal juntar hoje a estes três nomes e posições o nome e a posição de Cruzeiro Seixas. O amor solar, estival e alucinado, foi o caminho e o sinal da sua vida e da sua criação; os seus desenhos são uma selva de emaranhados e admiráveis símbolos sexuais e a sua vida, que elegeu por estrela condutora Mariana Alcoforado, aspirou a ser o elogio da paixão escaldante.

Aos três mundos do surrealismo português apontados por Mário Cesariny, é de justiça acrescentar o mundo de Cruzeiro Seixas, que este seu epistolário com Floriano Martins nos ajuda a conhecer por dentro e a perceber mais próximo do *Extra-Mundo* de Lisboa, e até do *Amor Humano* de Cesariny, que da *Abjecção* de Oom, não obstante a leal Amizade que desde a adolescência na escola António Arroio uniu o autor de “Um ontem cão” e aquele que um Mário Cesariny com poderes especiais para nobilitar os seus pares nomeou “Rei Artur”.

SOBRE O AUTOR

SOBRE O AUTOR



Artur do Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020) criou uma obra que transita com mágica afinidade entre a poesia e a plástica. Identificado desde a juventude com os postulados do Surrealismo, em 1949 participa da Primeira Exposição dos Surrealistas, em Lisboa, grupo recém-formado e que integra juntamente com António Maria Lisboa, Mário Cesariny, Mário-Henrique Leiria, dentre outros. Logo em seguida se muda para Angola, onde

reside por 13 anos. Ali escreve a quase totalidade de seus poemas e realiza exposições individuais, de desenhos, objetos e colagens. Ao regressar a Portugal, em 1964, dedica-se ao trabalho como programador de exposições em algumas das mais destacadas galerias. Mantém contato com surrealistas em vários países europeus e alguns americanos, o que se constata quando vem a público uma mostra de seu acervo, praticamente todo ele doado a uma fundação portuguesa. Acerca do Surrealismo, ele gosta de dizer que se trata de uma filosofia insubstituível, uma das mais belas janelas que se abriu ao homem. Em 2005 publico no Brasil o livro *Homenagem à realidade*, que reúne poemas e colagens. Em 2016 volto a publicar outro livro a ele dedicado, *Confissões de um espelho*, desta vez em um espectro mais amplo que envolve poemas, desenhos, colagens, correspondência e textos críticos a seu respeito. Acerca deste livro, anoto palavras de Leontino Filho em suas orelhas: *A lucidez buliçosa de Cruzeiro Seixas carrega consigo a plástica natureza dos dizeres: ácido, flexível, lábil, sarcástico e enxuto em cada curvatura de sua fala. O pintor e poeta português, em trilhas de metáforas, veredas de alegorias, é um homem-galáxia a percorrer os signos bacantes de sua prodigiosa travessia.* A poesia de Cruzeiro Seixas, de publicação ainda incompleta, foi organizada por sua amiga, também ela poeta e artista ligada ao Surrealismo, Isabel Meyrelles.

ÍNDICE

O fim não é difícil imaginar, Floriano Martins

As minhas mãos é que pensam, não eu | *cartas 2003-2015*

Parte 1 | *Artur para Floriano*

Parte 2 | *Floriano para Artur*

A noite é uma rua sem fim | *poemas, desenhos & objetos*

Paisagem com gestos absurdos | *depoimentos & entrevistas*

Cidália Fernandes | *O carinho das breves palavras*

Agostinho Leite | *Cruzeiro Seixas: “Fiquei sempre à porta do mistério”*

Ana Cristina Joaquim | *Conversa com Cruzeiro Seixas*

Ernesto Sampaio | *As mãos ao nível de nós mesmos*

Franklin Rosemont | *Sempre desafiadores, sempre admiráveis: os
desenhos de Cruzeiro Seixas*

Sarane Alexandrian | *O Surrealismo de Cruzeiro Seixas*

Cruzeiro Seixas | *O Surrealismo segundo Cruzeiro Seixas*

Floriano Martins | *A porta do mistério*

António Cândido Franco | *Cruzeiro Seixas: as cartas do Rei Artur*

Sobre o Autor

Confissões de um espelho, de Cruzeiro Seixas,
se terminó de ensamblar en mayo de 2026. En su composición
se utilizaron los tipos: Californian FB, Constantia, Garamond Premier Pro:
10, 12, 14, 18, 24, 36.



Colección Libros Imposibles
2026